



Universidade Federal
de Campina Grande

PROFSOCIO

**MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO**

SILMARA FERREIRA MARQUES

**As Escolas Radiofônicas do Movimento de Educação de Base e as
transformações sociais das populações rurais da região do Pajeú-PE**

Sumé
2023

SILMARA FERREIRA MARQUES

As Escolas Radiofônicas do Movimento de Educação de Base e as transformações sociais das populações rurais da região do Pajeú-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Associada Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), na área de concentração de Ensino de Sociologia, linha de pesquisa 1: Educação, Escola e Sociedade para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz.

Sumé

2023

SILMARA FERREIRA MARQUES

As Escolas Radiofônicas do Movimento de Educação de Base e as transformações sociais das populações rurais da região do Pajeú-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Associada Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz. - UFCG/CDSA
(Orientador)

Professor Rosildo Raimundo de Brito
(Examinador Externo)

Prof. Dr. Fabiano Custódio - UFCG CDSA
(Examinador interno)

AGRADECIMENTOS

Estou agradecendo, o que significa que consegui chegar ao final, apesar de todas as lacunas as quais não consegui completar, apesar de todas as noites mal dormidas, as festas que não fui, os finais de semana dedicados a leitura de livros que serviram de base para este trabalho. As interpretações equivocadas que fiz no decorrer deste trabalho que realmente foi trabalhoso. Preciso mesmo agradecer!

Ao nominar as pessoas e por ser uma lista limitada, há um risco de no meio do caminho esquecer alguém, visto que possuo a condição humana e como tal, falha e passiva de erros. Contudo, permitirei errar, pois além de Deus, não existe perfeição e é por Ele que inicio. Ao Senhor Deus de minha crença e da crença de meus pais: Criador, Onipotente, Onipresente e Onisciente, pelo dom da vida, da sabedoria, da humildade e do amor, a este Deus que sempre esteve presente em minha vida e me impulsiona a buscar voos cada vez mais altos.

À minha família, minha base, fortaleza, meus alicerces onde edifiquei o meu verdadeiro amor, aos meus pais Maria Bernadete e Antônio Marques por educar-me de tal forma e com tamanha sabedoria que qualquer transformação na minha vida só seria possível através da educação. A minha irmã Katielany Marques, meus sobrinhos-afilhados: Gabriel e Eduarda que com seu sorriso de criança muitas vezes foram força nessa jornada, ao meu cunhado Adeilson Feitoza. Em especial quero agradecer ao professor e orientador Dr. Paulo César Diniz cujo a execução deste trabalho não seria possível sem a sua presença marcante. Obrigada por sua generosidade na partilha de seus saberes.

Aos arguidores Rozildo Brito que se fez necessário em suas contribuições que muito foram úteis neste trabalho, mas mais ainda fora dele. Uma vez que, foi sua contribuição sobre produção de documentários e sua indicação bibliográfica que auxiliou na construção do argumento sobre um projeto (em andamento) de memórias para o audiovisual. Ao Dr. Fabiano Custódio que se fez presente desde o momento de minha entrada no ProfSócio (ele que foi um dos membros da banca de ingresso), posteriormente professor e agora arguidor do trabalho final, ainda escuto você dizer: E o ensino de sociologia? Será sempre uma alegria aprender contigo. “A maneira de ajudar os outros é provar-lhes que eles são capazes de pensar” frase do saudoso e inesquecível Dom Hélder Câmara.

Aos colegas da terceira turma do Programa de Mestrado Profissional, em especial, Emanuel Jeová (minha dupla) companheiro de jornada nessa loucura que é o mundo acadêmico, Niedson meu conterrâneo, Carla Roberta meu porto seguro minha terapeuta), Francisco, Edilio, Simone, Jessica, Ivan, Júlio e Emanuelle pela parceria. Obrigada anjos amigos por me fazerem acreditar que nós poderíamos chegar longe, muito além do esperado. Digo “nós”, porque nada sou sem vocês e as vossas sabedorias.

Aos amigos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Jáinton Pereira da Costa – chefe de seção de comunicação – jornalista e Genivaldo Gonçalves de Queiroz – Técnico em informações geográficas e estatísticas. Sem eles os dados que se apresentam neste trabalho não seriam possíveis. Agradeço também ao companheiro de comunicação nas Mostras de Cinema o Jornalista Léo Lemos, que chegou aos 45 minutos do segundo tempo e transcreveu uma boa parte das entrevistas realizadas nos momentos finais do fechamento deste trabalho. A ele meu carinho e gratidão.

Aos ex-alunos e agora colegas de profissão: Damiana Larissa, Cayo Matheus, Tenório Neto, Adrian Azevedo e João Victor. Estendo os agradecimentos a mãe de João a senhora Alzinete por sempre dizer: Silmara esqueça todo o resto, foco em terminar o seu mestrado, esse ciclo de sua vida.

À Deborah e Adriano, meus amigos da “Cidade grande” sem eles não seria possível minha entrada no programa, por toda ajuda, apoio moral e psicológico, a vocês dois a minha eterna gratidão.

À minha amiga de todo sempre e para sempre Uilma Queiroz aquela que sempre acreditou em mim, quando não acreditei e ao meu quase cunhado Alexandre Nascimento.

À Elizângela Nunes e Eva Nunes que estiveram sempre por perto. Assim como Simone Rodrigues, a quem tenho um carinho enorme e Esdras Galvão por todo carinho e admiração.

A Ângelus Azuis meu companheiro de aventuras e gravações, minha gratidão por todos os Momentos de aprendizado. Aos amigos Bruna Tavares e William Tenório que me ajudam a buscar sempre mais do cinema e da vida.

Ao diácono, digo agora padre Gutembergue Lacerda e Alexsandro Acioly por toda ajuda.

Ao meu amigo Adeilton Rodrigues (Dedé) que me acompanhou em todas as produções no decorrer dessa jornada, que não me deixou desistir. Dedé no léxico da língua portuguesa, não encontro vocábulo que possa descrever a sua preciosidade em minha existência.

Aos doutores de sabedoria, bondade e humildade os meus sinceros agradecimentos, Dr. Wallace Gomes Ferreira que nos ensinou sobre método e sobre as escolhas políticas que fazemos e os reflexos da mesma. Dr. Bruno Medeiros Roldão, Dr. José Marciano Monteiro, Dr Isaac Alexandre da Silva e Dra Sheylla Galvão a vocês minha gratidão. Dr Rozenval Almeida Estrela, suas aulas e metodologia foram de peculiar ajuda, principalmente quando nos solicitou que os livros deveriam ser realizados fichamentos, isso facilitou a escrita deste trabalho, só precisei revisitar os meus escritos, minha gratidão, professor. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos o Vavá! minha terna gratidão por ser presente nas aflições deste trabalho e por sempre me lembrar que, trabalho bom é trabalho defendido.

As minhas companheiras de jornada e trabalho Ana Lúcia Almeida por toda sabedoria e paciência, Ana Markdalva por toda ajuda, vou sempre lembrar de: Silmara eu posso? A Juciane Gomes, Tânia Patrícia, bem como a toda equipe da Gerência Regional do Sertão do Pajeú Pernambucano.

As minhas amigas e amigos de todos os momentos: Da missa, do bar, da biblioteca e da vida: Ana Thereza, Myriam Renata, Djanete Alves, Kátia Patriota, Maria Cinthia, Lúcio Vinicius, Rafaela Albuquerque, Aline Genésio, Thais Eduarda, Cláudia Lira, Rogério Oliveira, Cláudio Gomes, Emerson Gustavo, Carla Patrícia, Vitória Maria e Marcelo Rocha nossas conversas ainda são as melhores, não importa quando tempo passamos sem nos encontrar, nada muda.

Aos padres: Josenildo do Pajeú, Luisinho Marques e Orlando Bezerra pelos diálogos no decorrer deste trabalho, ao senhor bispo diocesano da Igreja particular do Pajeú Dom Egídio Bisol por sua paciência com essa criatura.

Ao menino Antônio Henrique Gomes (in memória) por toda sabedoria presente nos seus vinte e poucos anos. Por todos os momentos de alegria e por me ajudar a controlar a ansiedade. Obrigada por ser presente!

Perto do fim deste agradecimento, quero lembrar de agradecer a Dom Francisco (in memória) por fazer parte da história do povo do meu sertão, este pastor que também foi profeta, um homem de sabedoria incalculável, de punho forte, decisivo, o sofrimento do nosso povo serviu de combustível para seus ensinamentos e ações. O Sertão do Pajeú é marcado por grandes personalidades e no coração dos Sertanejos ele fez morada. Por último, e não menos importantes, a todas as professoras (monitoras) das escolas radiofônicas do Sertão do Pajeú Pernambucano por serem e fazerem a diferença na história do nosso povo e para além disso dividir comigo e com todos as suas memórias.

Por fim, agradeço a mim por não desistir e por tantos processos que aqui não caberia. A mim um pedacinho de canção de uma outra paixão:

*... Meu bem, talvez você possa compreender a minha solidão
O meu som e a minha fúria e essa pressa de viver
E esse jeito de deixar sempre de lado a certeza
E arriscar tudo de novo com paixão
Andar caminho errado pela simples alegria de ser...¹*

Talvez, no final de tudo eu poderia cancelar todo agradecimento e dedicar somente a mainha que mesmo não sabendo o que é um mestrado e assistindo minha situação ela disse: “Você não desistiu nem da faculdade de matemática, porque vai desistir de terminar? Até parece que não sabe a força que tem” aguenta só mais um pouco. Eu poderia cancelar o agradecimento, mas não vou. Gratidão a todos!

¹ A música Coração Selvagem do cantor e compositor Cearense Belchior foi escrita em 1977.

Se vier a encontrar dificuldades e aborrecimentos, espero colher também recompensa na aprovação dos que lançarem um olhar benevolente aos objetivos deste esforço. E se a tentativa for falha e de escassa utilidade, devido à pobreza do meu espírito, à insuficiente experiência das coisas de hoje ou ao pouco conhecimento do passado, terá ao menos o mérito de abrir caminho a quem, dotado de maior vigor, eloquência e discernimento, possa alcançar a meta. Enfim, se este trabalho não me der a glória, também não me servirá de condenação.

(Nicolau Maquiavel)

RESUMO

Na década de 50 e 60 do século XX, abrolhou no Brasil movimentos prioritariamente dedicados a educação de base e cultura popular, afunilando essa conjuntura o olhar se volta para Região Nordeste e Centro-Oeste do país, historicamente marcados pelas desigualdades sociais, campo esquecido principalmente com o caminhar desenvolvimentista dos governos em vigência. As transformações sociais advêm com os projetos de alfabetização mesmo que de atitude tímida. Na região que hoje conhecemos por Nordeste, alguns programas se fizeram presente, contudo, um destaca-se pelo seu caráter social, político, cultural e na maioria das vezes religiosas: As Escolas Radiofônicas e o Movimento de Educação de Base. No Sertão do Pajeú Pernambucano, foco deste trabalho essa vivência transformou sociologicamente as Comunidades Rurais, levando conhecimento não apenas das letras, números, mas de educação de base: política, social e cultural. Através deste levante que a região passa a organizar-se em: Associações, Cooperativas e Sindicatos, todos ligados inicialmente à Igreja Católica Apostólica com sede em Roma. Nosso objetivo geral foi identificar a contribuição das escolas radiofônicas na região do Pajeú para o ensino de Sociologia no âmbito do movimento de educação de base através das memórias dos sujeitos que vivenciaram este processo. Nossos objetivos específicos são pautados em: 1. Compreender o contexto histórico-político, social e econômico no qual as Escolas Radiofônicas e o Movimento de Educação de Base emergiram na Região do Pajeú Pernambucano; 2. Aprender as concepções de educação, sociologia e transformação social presente no Movimento de Educação de Base, 3. Mapeamento das Escolas Radiofônicas na Região do Sertão do Pajeú Pernambucano, 4. Compreender a importância do conceito de memória no campo da sociologia. Todos esses norteadores são as bases que fizeram o Pajeú ser reconhecido como a região mais politizada de Pernambuco. No desenrolar desta dissertação aqueles que realizarão a leitura compreenderão a razão. Mas, principalmente, conhecerão que as transformações sociais só foram possíveis através da educação de base. Parafraseando Paulo Freire: A educação mudou os sujeitos do Pajeú e os sujeitos do Pajeú transformam sua realidade social.

Palavras-chaves: Escolas Radiofônicas; Movimento de Educação de Base; Memórias e Sertão do Pajeú Pernambucano.

ABSTRACT

In the 50s and 60s of the 20th century, movements primarily dedicated to basic education and popular culture broke out in Brazil, narrowing this conjuncture the gaze turns to the Northeast and Center-West regions of the country, historically marked by social inequalities, a forgotten field mainly with the developmental path of the current governments. Social transformations come with literacy projects, even with a timid attitude. In the region we know today as the Northeast, some programs were present, however, one stands out for its social, political, cultural and most often religious character: The Radio Schools and the Basic Education Movement. In the Sertão do Pajeú Pernambucano, the focus of this work, this experience sociologically transformed the Rural Communities, bringing knowledge not only of letters and numbers, but of basic education: political, social and cultural. Through this uprising, the region began to organize itself into: Associations, Cooperatives and Unions, all initially linked to the Catholic Apostolic Church based in Rome. Our general objective was to identify the contribution of radio schools in Afogados de Ingazeira - PE for the teaching of Sociology in the context of the basic education movement through the memories of the subjects who experienced the movement in the Region of Pajeú Pernambucano. Our specific objectives are based on: 1. Understanding the historical-political, social and economic context in which the Escolas Radiofônicas and the Basic Education Movement emerged in the Region of Pajeú Pernambucano; 2. Learn the concepts of education, sociology and social transformation present in the Basic Education Movement, 3. Mapping of Radiophonic Schools in the Region of Sertão do Pajeú Pernambucano, 4. Understand the importance of the concept of memory in the field of sociology. All these guidelines are the bases that made Pajeú be recognized as the most politicized region of Pernambuco. In the course of this dissertation those who will carry out the reading will understand the reason. But, above all, they will know that social transformations were only possible through basic education. Paraphrasing Paulo Freire: Education changed the subjects of Pajeú and the subjects of Pajeú transform their social reality.

Keywords: Radio Schools; Basic Education Movement; Memories and Sertão do Pajeú Pernambucano.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Curso do Rio Pajeú	61
Figura 2 – Cartilha “Viver é lutar”, ano 2.....	67
Quadro 1 – Lista de entrevistadas (os).....	18
Quadro 2 – Datas de fundação dos sindicatos do Pajeú.....	104
Quadro 3 – Atividades em sala de aula.....	119
Quadro 4 – Eletiva.....	127
Imagem 1 – Mobilização pelo cadastro na frente de emergência.....	110
Imagem 2 – Mobilização ocorrida em maio de 1980 na Catedral	111
Imagem 3 – Ato em prol da Reforma Agrária	111
Imagem 4 – Ato em prol do retorno das frentes de emergência	112
Imagem 5 – Concentração da Passeata de reivindicação do alistamento feminino	113
Imagem 6 – Trezes mulheres grávidas na Frente de Trabalho, Sítio Escada, Afogados da Ingazeira-PE (23/11/1983)	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRA – Associação Brasileira de Reforma Agrária

ACO – Ação Católica Operária

ACR – Ação Católica Rural

AEDAI – Autarquia Educacional de Afogados da Ingazeira

CAGEPE – Companhia de Armazéns Gerais de Pernambuco

CEB – Comunidade Eclesial de Base

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

FAFOPAI – Faculdade de Formação de Professores de Afogados da Ingazeira

FASP – Faculdade do Sertão do Pajeú

FETAPE – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do estado de Pernambuco

GMM – Grupo Mulher Maravilha

MEB – Movimento de Educação de Base

ONG – Organização não-governamental

PJ – Pastoral da Juventude

PT – Partido dos Trabalhadores

RENEC – Representação Nacional das Emissoras Católicas

SIREA – Sistema Rádio Educativo de Afogados

PUC – RIO Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

STTR – Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CAPÍTULO 1 – UM OLHAR DA SOCIOLOGIA NO SERTÃO DO PAJEÚ	27
1.1 O Sertão do Pajeú	28
1.2 Um olhar sobre a memória e o tempo	32
1.3 Educação popular	38
1.4 Educação de jovens e adultos	43
1.5 O Movimento de Educação de Base - MEB.....	49
2 CAPÍTULO 2 – O CAMINHAR SOCIOLÓGICO PARA O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE	55
2.1 O papel dos bispos do Nordeste nas décadas de 50 e 60 do século XX.....	55
2.2 Diocese de Afogados da Ingazeira e a Rádio Pajeú de Educação popular	59
2.3 Escolas Radiofônicas.....	68
3 CAPÍTULO 3 – NO RELICÁRIO DAS MEMÓRIAS	74
3.1 A Memória das Monitoras, alunas e coordenadoras do Movimento de Educação de Base.....	74
3.1.1 O olhar da aluna.....	77
3.1.2 O olhar das monitoras.....	83
3.1.3 O olhar da coordenadora.....	88
3.1.4 Ad finem - Chegou ao fim.....	96
4 CAPÍTULO 4 – AS CONTRIBUIÇÕES DAS ESCOLAS RADIOFÔNICAS NA REGIÃO DO PAJEÚ PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA	100
4.1 As transformações sociais na região do Pajeú.....	100
4.2 Ir para além do mesmo – Sugestões de atividades	116
4.3.1 Sequência didática	119
4.3.2 Eletiva – Um olhar para os Sertões através do ensino de sociologia.....	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144
APÊNDICE – Roteiros das entrevistas	151
Entrevista 1 - Perguntas realizadas para as alunas.....	151
Entrevista 2 - Perguntas realizadas para as monitoras.....	152
Entrevista 3 - Perguntas realizadas para a coordenadora	153
Entrevista 4 - Perguntas realizadas ao bispo	154
Entrevista 5 - Perguntas realizadas para o quarto grupo: historiadores, padres, jornalista e deputado sindicalista.....	155

INTRODUÇÃO

O problema sociológico dos fenômenos sociais do campo, ou está diretamente ligada à terra no tocante de sua má distribuição, partindo do princípio que os donos não são os trabalhadores ou com as mudanças nas relações de trabalho, que por muitas vezes ocasiona o êxodo rural. Em ambos os casos, é possível discutir e analisar o embate existente na sociedade Brasileira, cujo desenvolvimento econômico tem sua raiz conectada ao mundo rural. Para além disso, a outra problemática encontrada tem raízes na área de educação, partindo do princípio da existência de um contingente populacional marcados pelo analfabetismo. Segundo Sales (1963, p. 28), “as massas pobres talvez representem 80% da população total” e 70% do total seriam analfabetos, cuja maioria concentra-se na zona rural.

No Brasil, a tentativa de “combater” o analfabetismo inicia-se no século XX, em meados da década de 1940, com a criação de programas e projetos de educação popular, especificamente para serem vivenciados por jovens e adultos, devido os dados acima mencionados. Entretanto, a metodologia precisava ser diferenciada da tradicional, sendo preciso pensar em uma educação de base. Por educação de base, leia-se: formular, pensar a partir do cotidiano no qual se quer formar, considerando os saberes prévios e trabalhando com foco no social, cultural e econômico. Dessa forma, em tal período, iniciam-se programas como: Campanha Nacional de Educação de adultos e adolescentes; a campanha Nacional de Educação Rural (CNER) e, anos mais tarde, na década de 1960, o Movimento de Educação de Base (MEB), objeto de estudo deste trabalho.

O MEB foi criado em 1961 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o que já difere dos outros programas e processos, uma vez que as demais campanhas e movimentos haviam sido criados pelos governos. Outro diferencial é a utilização do rádio para levar a educação aos lugares mais distantes. Assim sendo, ficariam conhecidas como as “escolas radiofônicas”. Financiamento do governo federal e gerência das Dioceses através dos canais de radiodifusão, visando agilizar os processos de criação e ampliação de emissoras católicas. Segundo o Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente, GESTRADO UFMG², o programa teria a duração de cinco anos, devendo ser instaladas, no primeiro ano,

² Grupo de estudos sobre política educacional. Para uma visão mais acurada visite o site: <https://gestrado.net.br/>

quinze mil escolas radiofônicas, a serem aumentadas progressivamente. Para tanto, a CNBB colocava à disposição do governo federal a rede de emissoras filiadas à Representação Nacional das Emissoras Católicas (RENEC), comprometia-se a aplicar adequadamente os recursos recebidos do poder público e a mobilizar voluntários para atuar nas escolas como monitores e nas comunidades como líderes.

Assim, Segundo Marques (2011) dois anos após a criação do MEB essa experiência chega à Diocese de Afogados da Ingazeira, no Sertão Pernambucano, isso só foi possível porque a região tem uma rádio: a Rádio Pajeú de Educação Popular em pleno funcionamento até os dias atuais. Nesses termos, temos um campo sociológico de estudos baseados nas transformações sociais, políticas e econômicas que passam a acontecer com a chegada do Movimento de Educação de Base. Sendo a Sociologia uma das ciências sociais que observa e estuda o comportamento humano em desempenho do meio e os processos que ligam os indivíduos a estarem em associações, grupos, sindicatos etc., é a partir dessa ótica que apresentaremos o nosso objeto de estudo fundamentado nas transformações sociais através do Movimento de Educação de Base e as escolas radiofônicas.

Existem múltiplos mecanismos de construção de conhecimentos sobre o mundo. A ciência é apenas mais uma dessas formas de conhecimento construída, o diferencial é que ela precisa de um método para existir. O estado de eficácia desse método depende do tipo de estudo e da realidade em que está inserida, se ela é física, biológica ou social. No caso deste trabalho ela é social, nestes termos temo que, a Sociologia procura descrever, classificar e compreender os comportamentos dos indivíduos em sociedade, deixando claro que estes comportamentos são compostos de imprevisibilidade. Como toda ciência, e apesar da existência da complexidade nos sistemas sociais e da imprevisibilidade da ação humana, a Sociologia tem desenvolvido diversas explicações para que possamos compreender a sociedade. Os métodos e técnicas sociológicas continuam sendo atualizados.

Notoriamente uma das partes fundamentais de todo trabalho acadêmico é de fato a pesquisa científica, seja ela bibliográfica, de campo ou em outros processos e modalidades. O sociólogo, antropólogo, historiador não escolhe o método, a técnica, a modalidade, mas o objeto de estudo dita os caminhos norteadores do mesmo. A construção da metodologia de um trabalho

é um processo importante para o bom desenvolvimento do mesmo. Assim, para o bom andamento do trabalho foi preciso encontrar os encaixes de método, modalidade e técnica a fim de sanar os objetivos, que nos propomos. Assim assevera Demo,

Pesquisa como princípio científico e educativo faz parte de todo processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito histórico autossuficiente, crítico e autocrítico, participante é capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar o outro como objeto. Pesquisa como diálogo é processo cotidiano integrante do ritmo de vida, produto e motivo de interesses sociais em confronto, base da aprendizagem que não se restrinja à mera reprodução. Na acepção mais simples, pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente. (Demo, 2006, p. 42-43).

Certos de que toda pesquisa almeja resposta (as), a nossa não seria diferente. O objetivo geral da pesquisa foi identificar a contribuição das escolas radiofônicas em Afogados de Ingazeira - PE para o ensino de Sociologia no âmbito do Movimento de Educação de Base e as repercussões sobre o ensino de sociologia através das memórias dos sujeitos que vivenciaram o movimento na região do Pajeú pernambucano. Para isso, buscou-se: 1. Compreender o contexto histórico-político, social e econômico no qual as Escolas Radiofônicas e o Movimento de Educação de Base emergiram na região do Pajeú pernambucano; 2. Aprender as concepções de educação, sociologia e transformação social presente no Movimento de Educação de Base; 3. Mapear as Escolas Radiofônicas na região do Sertão do Pajeú pernambucano; 4. Compreender a importância do conceito de memória no campo da Sociologia.

Este estudo realizou-se a partir de alguns procedimentos metodológicos ligados à pesquisa de caráter sociológico e fez uso da pesquisa de campo, documental e teórico-bibliográfico. A pesquisa de campo utilizada nas ciências sociais e humanas para buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu, e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. A técnica mais utilizada para coletar as informações foi pesquisa semiestruturada, Segundo Minayo (2009), é uma combinação de perguntas fechadas e abertas que permite ao entrevistador discorrer sobre o tema sem que se perca a formulação do questionamento. No caso deste trabalho realizou-se uma conversação metódica face a face, a gravação de áudio e vídeo que foram devidamente autorizados e em seguida realizada a redação das mesmas. Ao passo em que fomos encontrando

esses sujeitos, realizamos a entrevista. Para cada categoria um questionário semiestruturado foi desenvolvido: Um para os alunos (as); outro para as monitoras; outro para coordenadora e um quarto questionário para terceiros. Por terceiros compreenda-se: Pessoas ligadas à Igreja ou que possam contextualizar a região. Dependendo da participação da pessoa dentro do MEB, utilizamos como recurso a leitura de tópicos do livro de tombo e ou outros documentos com o objetivo de “ativar” as memórias.

Assumimos o papel do moderador/pesquisador, realizei as perguntas, mas sempre permitindo que a fala acontecesse livremente. Ressalto que as entrevistas sempre foram semiestruturadas, pois elas combinavam perguntas abertas e fechadas, e o entrevistado tem a possibilidade de falar livremente sobre o proposto. Esta escolha permitiu-me construir um roteiro de perguntas incluindo informações previamente definidas.

Outra técnica utilizada para o encontro desses sujeitos foi a utilização da Rádio Pajeú de Educação Popular. Em abril de 2023 o comunicador Nivaldo Alves Galindo realizou uma fala sobre o que foi o MEB e as Escolas Radiofônicas e solicitou que as monitoras e alunos daquela época entrasse em contato com a rádio. Por duas vezes, o comunicador realizou essa fala. Contudo, nenhuma das pessoas que entraram em contato com a rádio fizeram parte, mas algum parente já falecido o que dificultou ainda mais a nossa busca por esses indivíduos. Para a construção deste trabalho contamos com as entrevistas abaixo relacionadas:

Quadro 1 – Lista de entrevistadas (os)

Entrevistada (o)	Comunidade	Observações
Francisca de Sousa Silva – 79 anos	Jiquiri – Afogados da Ingazeira – PE	Aluna do MEB e Escolas Radiofônicas
Egídio Bisol – 75 anos	Afogados da Ingazeira – PE	Bispo em regência
Rita Josefa Vasconcelos Leite – 74 anos	Pintada – Afogados da Ingazeira – PE	Monitora
Maria Neuza Acioly Silva – 76 anos	Desterro – Afogados da Ingazeira – PE	Monitora
Ana Lúcia – 79 anos	Barra de Solidão – Solidão – PE	Monitora
Maria de Lourdes Marques – 80 anos	Palmares – PE	Coordenadora das escolas radiofônicas
Antônio Orlando Bezerra	Santa Terezinha – PE	Padre

Josenildo Nunes	Serra Talhada – PE	Padre
Nivaldo Alves Galindo Filho – Nill Júnior	Afogados da Ingazeira – PE	Jornalista/Radialista – Rádio Pajeú
José Coimbra Patriota	Afogados da Ingazeira – PE	Deputado Estadual
Augusto Severo Martins	Afogados da Ingazeira – PE	Historiador

Fonte: Autora

Na pesquisa documental, fez-se uso das fontes primárias existente nos livros de Tombo da Diocese de Afogados da Ingazeira e o levantamento e seleção de material produzido pelo Movimento de Educação de Base no âmbito Nacional e distribuído para todo o país (as cartilhas).

Já no campo teórico-bibliográfico, realizou-se uma revisão na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com ênfase em educação e sociologia. Baseando-se em referências bibliográficas, as investigações se deram através de pesquisas em livros e artigos veiculados em publicações periódicas que norteiam o momento histórico-político, social e econômico das dimensões do nosso objeto de estudo. Segundo Gil (2006, p. 22), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Nossa intenção na qualificação era apresentar um documentário com memórias dos sujeitos sociais que participaram na época ou que fizeram parte do contexto pós MEB. Entretanto, ficou inviável devido ao tempo de finalização do mesmo. Mas, o nosso desejo em transformar em documentário permanece. Tanto, que já escrevemos um argumento sobre essas memórias para a incubadora. Nuvem³ em julho de 2023 e o nosso curta-metragem de memórias foi selecionado para torna-se projeto e ser posteriormente encaminhado a Lei Paulo Gustavo⁴ e

³ NUVEM é um projeto que conta com o apoio do Funcultura Audiovisual e pactuou, entre os objetos de sua proposta, a realização de consultorias a ideias de projetos de pessoas exclusivamente maiores de 18 anos e residentes no interior de Pernambuco.

⁴ A Lei Complementar nº 195, de 08 de julho de 2022, foi criada para incentivar a cultura e garantir ações emergenciais, em especial as demandadas pelas consequências do período da pandemia de Covid-19 no Brasil, que impactou de forma trágica o setor cultural nos últimos anos. Conhecida como Lei Paulo Gustavo, em homenagem ao ator falecido em decorrência da Covid-19, ela direciona R\$ 3,86 bilhões do superávit financeiro do Fundo Nacional de Cultura a estados, municípios e ao Distrito Federal para fomento de atividades e produtos

o Funcultura⁵ a fim de capitanear recursos para sua concretização. Estamos cientes que esse desejo nasceu nas orientações com o Doutor professor Paulo Diniz e, portanto, quando o mesmo for concluído, será lançado na tela inicial: Este trabalho é fruto da pesquisa para o Mestrado Profissional em Sociologia – PROFSOCIO – CDSA – Campus Sumé – PB. Bem como, nosso agradecimento para o despertar da temática.

Analisando hoje o que me levou a escrever sobre o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas, penso que foi o desejo de aprofundamento no campo da memória. Sou de uma família em que meus avôs não tinham conhecimento acadêmico-científico, na verdade eles eram agricultores, sertanejos, nordestinos como tantos outros que a literatura brasileira nos apresenta. Meus avôs de ambas as partes da família tinham um costume, contar histórias, histórias da nossa família, da nossa comunidade de como desenrolou-se o progresso daquele espaço geográfico. As primeiras estradas, o primeiro rádio, a primeira televisão, os açudes construídos em tempo de seca para dar emprego a população, para que essas não passassem fome, tivessem condições de alimentar suas famílias e por vezes evitar que os jovens ou os senhores casados não se deslocasse para à cidade grande, leia-se: São Paulo, seguida posteriormente por Brasília. Meu avô paterno, José Marques Sobrinho, foi um desses senhores que ajudou a construir a Capital do País. Meu avô foi um candango⁶. Meu avô materno era proprietário de grandes campos de ouro branco.⁷

Minhas avós, materna e paterna, foram educadas para ser mãe, esposa, dona de casa, excelentes cozinheiras, bordadeiras, costureiras entre tantos atributos que uma mulher “direita” deveria ter para realizar bom casamento e assim ajudar na perpetuação do patriarcado que vez por outra gera conflitos na família. O que todos eles tinham em comum? Todos queriam ser ouvidos, todos tinham histórias para contar, todos ensinavam seus filhos e netos através da palavra. Todos faziam uso da oralidade para que as memórias pudessem atravessar às décadas

culturais. Desse total, R\$ 2,8 bilhões devem ser destinados ao setor do audiovisual e R\$ 1 bilhão para as demais atividades. Acesse <https://www.cultura.df.gov.br/lei-paulo-gustavo/>.

⁵ O Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura-PE) é o principal mecanismo de fomento e difusão da produção cultural no Estado acesse <https://www.cultura.pe.gov.br/pagina/funcultura/sobre/introducao-ao-funcultura/>

⁶ Expressão pejorativa designada para determinar os operários que trabalharam nas grandes construções da cidade de Brasília (DF), geralmente oriundos do Nordeste do Brasil.

⁷ Expressão utilizada para referir-se aos campos de algodão.

e de geração em geração elas fossem perpetuadas. Eles consideravam importante que absolutamente todos soubessem como a vida era difícil, mas principalmente como haviam passado por tudo sem perder o mais importante: a fé! É a fé que move o povo sertanejo, e isso, inclusive, vai explicar uma boa parte desse trabalho.

A temática “memória” sempre me foi cara, memória e tempo, tudo que é relativo à possibilidade de eternidade me fascina. Tudo que só o tempo explica ou só o tempo cura me encanta. Memória é o cheiro da saudade da comida de minha avó, o perfume Cristal da marca Avon que meu avô usava, o caminhar nas estradas do sítio sem ter pressa de chegar em qualquer lugar. É o nadar nas águas barrentas do açude da Gameleira – PE sem ter medo de contrair qualquer doença. Como muito bem nos disse Le Goff (2003): Memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Quantos de nós não gostaríamos de voltar no tempo e ficar naquele momento só mais um pouquinho? Olhar para aquele ente querido só mais uma vez, ouvir aquela voz que a nossa memória auditiva ainda retem mesmo com o passar dos anos? Quantos de nós já vivemos coletivamente uma situação e cada um tem um ponto sobre o fato vivenciado que diverge da importância que cada um apresenta?

O sociólogo Maurice Halbwachs (1990) explica que cada um lembrará do fato na mesma proporção de importância que damos ao evento. Quando éramos criança e ficávamos na calçada de vovô ouvindo socializar sobre suas memórias no final da década de 90, do século XX, eu não imaginaria que duas décadas depois me tornaria historiadora. E que devo muito a ele essa trajetória, não imaginaria que no trabalho de conclusão de curso de História na Faculdade de Professores de Afogados da Ingazeira – FAFOPAI, hoje FASP, eu trataria sobre a formação do sindicalismo da Região do Pajeú e que essa temática só foi despertada em mim graças as memórias do meu avô sobre como surgiu o primeiro sindicato e que ele foi um dos sócios fundadores. Assim como nunca pensei que meu objeto de estudo vem de uma memória de minha avó que dizia: “Na casa de Circe de Valentim⁸ tinha um rádio e esse rádio só pegava a

⁸ Monitora das Escolas Radiofônicas da Comunidade de Pelo Sinal – Solidão-PE

rádio de Afogados e dizem que: a pessoa no rádio falava e Circe explicava na sala da casa dela como é que deviam fazer”.

Naquela época, eu não sabia que minha avó falava sobre as Escolas Radiofônicas e o Movimento de Educação de Base. Assim também como não imaginaria que esse foi o princípio do processo educacional que transformou as comunidades, bem como que esse seria o meu objeto de estudo no Mestrado Profissional de Sociologia. Aliás, nunca pensei em fazer mestrado, a vida acadêmica nunca me foi atraente, mas a necessidade de manter minha mente sã na época da Covid-19 me fez procurar algo para estudar e foi assim que eu cheguei aqui. Posso dizer que o mestrado realizou sua função social na minha vida: manteve ocupada a minha mente e logo minha sanidade mental.

Sobre a importância para o ensino de sociologia sobre o nosso objeto de estudo que o MEB e as Escolas Radiofônicas. Sendo a Sociologia a ciência social que estuda o comportamento social, os fatos sociais, que são as maneiras coletivas de agir, pensar e sentir que são impostas às pessoas pela sociedade, buscando compreender como as transformações sociais acontecem e a partir de que elas acontecem, analisando os indivíduos, comportamentos e valores e acreditando que eles são produto das instituições e das relações sociais. O nosso objeto de estudo está contido em todas as esferas acima mencionadas. Primeiramente, por ter transformado as vidas dos indivíduos através da educação. Levando-os a estudar, dando a eles condições de interpretar o mundo através da leitura. Levando muitos a reconhecer as relações entre as classes sociais e as formas de exploração que se estabelecem nesse processo, uma vez que muitos dos alunos, segundo pesquisa prévia, não eram donos das terras onde moravam.

Segundo Lourdes Nazário – coordenadora das escolas radiofônicas no Pajeú, pois foi através da leitura e da interpretação de mundo, bem como do incentivo da igreja, que os agricultores começaram a organizar-se em grupos, associações, cooperativas, sindicatos, entre outros. Esse trabalho não irá se explicar por uma sociologia acadêmica, até porque nas faculdades existentes do Pajeú não temos o curso de sociologia até o presente momento. Esse trabalho explica-se mais por uma sociologia geral ou uma sociologia rural, uma vez que, essa última seria considerada uma especialização criada pelo simples fato de viver o homem numa área de características ecológicas ou geográficas distintas da cidade. Portanto, a temática é de

grande relevância para o ensino de sociologia, ela, na verdade, é a essência da sociologia sendo visualizada 60 anos após o seu acontecimento.

Enquanto para a academia é um objeto de estudo desde a década de 70 do século passado, quando o Doutor Osmar Fávero (1984) defende, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a sua tese intitulada “Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (1961-1966)”, tornando-se o primeiro a falar sobre a temática academicamente. O que nos propomos a fazer neste trabalho é um regaste das memórias dessas monitoras, coordenadoras e alunas que vivenciaram o MEB e as escolas radiofônicas. É apresentar para a academia que aqui no Sertão do Pajeú pernambucano esse movimento chegou e ele transformou a realidade daqueles (as) agricultores (as) que tiveram condições e oportunidade de aprender a ler e escrever inicialmente e posteriormente organizar-se em grupos, cooperativas e sindicatos. É sob isso que o trabalho foi construído, apresentando essas lutas, essas transformações sociais que ocorreram até o início da década de 90 do século XX que é quando o último Sindicato de Trabalhadores Rurais da Região do Pajeú é implementado.

Na área de concentração de Ensino de Sociologia nossa linha de pesquisa 1: Educação, Escola e Sociedade. Tendo em vista que essa linha reúne pesquisas, análises e investigações sobre a sociedade e suas relações com a educação. Abordando temas como: relações de poder, diversidade e especificidades regionais, desigualdades educacionais, políticas públicas, processos de identidade entre outros. O que acolhe o nosso trabalho de pesquisa científica que se dedica a abordar sobre o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas no Sertão do Pajeú pernambucano através do uso da memória de sujeitos que vivenciaram o processo das transformações sociais através da educação.

Para atender a proposta, subdividimos em quatro capítulos e seus subtópicos: no primeiro capítulo, intitulado “Um olhar da sociologia no Sertão do Pajeú”, somos convidados a conhecer Pernambuco de dentro da nação pernambucana, a realidade do Sertão do Pajeú, este vale de Rio e de lágrimas. Partiremos do princípio da formação do Sertão do Pajeú que, segundo Marques (2011), carrega em si uma grande contrariedade, o Rio Pajeú que nasce na chapada da Borborema – no maciço dos Cariris Velhos, Serra da Balança – entre os Estados de Pernambuco

e Paraíba. O lugar onde o Rio Pajeú nasce é um buraco escuro com muitas pedras soltas e avermelhadas, e do outro lado à seca que assola este sertão coberto por água.

Em seguida, nos situaremos na formação social da Região, os primeiros povoamentos que se iniciaram no século XIV sob administração de Francisco Garcia, segundo Tavares Neto (2008). Os primeiros núcleos populacionais concentraram-se no sítio de Flores, desenvolvida a partir da pecuária. Veremos os conflitos ocasionados pela terra, ou por sua má distribuição. Dentro deste contexto destacaremos um pouco sobre a história dos primeiros povos de origem indígena (originários) Andrade (1986) e também a participação dos cangaceiros e fanáticos, denominados de “a nova ordem do Sertão” segundo Aquino, Mendes e Bouccinhas (2009), sendo estes a primeira forma encontrada por alguns manifestar contra as condições sociais a que eram submetidos pela seca e pelo abandono político, um grito contra as estruturas e seu sistema de exclusão. Ainda neste capítulo, abordaremos o subtópico “Um olhar sobre a memória”, aqui realizamos uma leitura bibliográfica em alguns autores para construir esse olhar. Contamos com autores como Le Goof (2003), Ricouer e o principal Maurice Halbwachs (2013). Apresentamos o que é uma memória individual e coletiva. Ressaltando que, o nosso trabalho é fruto da memória coletiva, entretanto, toda memória coletiva é parte integrante de uma memória individual:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (Halbwachs, 2013, p. 31).

Nesses termos, apresentamos também que a memória por vezes também é falha isso devido ao intervalo de tempo do acontecimento. No decorrer de nossa pesquisa de campo, nos deparamos com pessoas acometidas de doenças como a síndrome da demência⁹ e a doença de Alzheimer¹⁰. Em seguida, apresentaremos nos subtópicos seguintes breves considerações sobre Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos e Movimento de Educação de Base, o MEB.

⁹ Apresenta três características principais: prejuízo da memória – podem ser desde um simples esquecimento leve até um prejuízo severo a ponto de não se recordar da própria identidade; problemas de comportamento – normalmente se caracteriza por agitação, insônia, choro fácil, comportamentos. Para uma visão mais acurada acesse: <https://www.saude.gov.br/biblioteca/7595-dem%C3%Aancia#>.

¹⁰ É um transtorno neurodegenerativo progressivo e fatal que se manifesta pela deterioração cognitiva e da memória, comprometimento progressivo das atividades de vida diária e uma variedade de sintomas

No segundo capítulo, abordaremos o papel dos bispos do Nordeste nas décadas de 1950 e 1960 do século XX. As contribuições políticas, sociais e econômicas desenvolvidas a partir da reunião dos bispos em Campina Grande-PB, o destaque aqui será a área de comunicação, mas principalmente na área de formação com o foco erradicar o analfabetismo no Brasil prioritariamente a região Centro-Oeste e Nordeste. Seguiremos, então, para instalação da Diocese de Afogados da Ingazeira – A Igreja particular do Pajeú. Neste subtópico, analisaremos a importância de algumas personalidades no desenvolvimento da região. Encerando esse capítulo, faremos uma análise sobre as escolas radiofônicas. Partindo de uma breve explicação de como ela funciona, qual a origem e objetivo desses trabalhos de educação realizados através das ondas do rádio.

O terceiro capítulo “O caminhar sociológico para o movimento de educação de base” tem por finalidade apresentar a narrativa das alunas, monitoras ou coordenadoras que estiverem na vivência do processo para que possamos compreender a importância dele para a região. Aqui também encontramos narrativas de outros atores sociais com o objetivo de contextualizar a formação da Região, processos políticos, econômicos, sociais e religiosos, uma vez que, a influência da Igreja Católica é parte fundamental não apenas no MEB e Escolas Radiofônica, mas no desenvolvimento geral da Região.

O quarto capítulo é intitulado “As contribuições das escolas radiofônicas na Região do Pajeú para o ensino de Sociologia”. Era preciso dizer o que acontece depois. Quais seriam as contribuições das escolas radiofônicas na região do Pajeú para o ensino de sociologia? Pensando nisso, dividimos em dois subtópicos: O tópico 4.1 traz as transformações sociais na região, a partir do livro de tombo da Diocese de Afogados da Ingazeira - PE, pautada na dissertação de Silva (2020), livro de memorialistas da região, memórias dos nossos entrevistados. Em relação aos nossos entrevistados optamos pelo Olhar do 4º bispo da Região do Pajeú Dom Egídio Bisol, uma vez que, o mesmo chega a diocese em 1976 para auxiliar no pastoreio. Optamos também por José Coimbra Patriota que hoje é deputado estadual por Pernambuco, mas que na década de 70 do século XX iniciava sua formação com os trabalhos de acompanhamento dos Sindicatos, sendo o mesmo posteriormente assessor da FETAPE no

neuropsiquiátricos e de alterações comportamentais. Para uma visão mais acurada acesse: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/alzheimer#>.

Polo Sindical do Pajeú por 20 anos. Pelo olhar do historiador Augusto Martins, ele também é fruto do processo de conscientização realizado pela Igreja Católica. Os documentários, encontramos através de uma pesquisa no Youtube e neles apresenta as manifestações ocorridas na região. As entrevistas de rádio utilizamos as de Dom Francisco e sua análise de conjuntura. No 4.2 consiste em apresentar atividades que possam ser desenvolvidas para serem trabalhadas nas 42 escolas que compõem a Gerência Regional de Educação do Sertão do Pajeú na área das Ciências Humanas, com o foco em sociologia e que podem ser adaptadas para qualquer região de Pernambuco e do Brasil com pequenas modificações em sua escrita.

A primeira atividade é uma sequência didática que, segundo Zabala (2002), é uma série ordenada e articulada de atividades que formam as unidades didáticas, ou seja, é através dela que o professor tem condições de organizar sistematicamente as atividades a fim de atingir a aprendizagem dos conteúdos. A mesma foi pensada e norteada a partir das aulas vivenciadas na disciplina de ensino de sociologia ministradas pelo Doutor professor Fabiano Custódio. A segunda foi estruturada a partir da análise da implementação do Novo Ensino Médio e a grade curricular que compreende a área de Ciências Humanas e Sociais sofreu uma perda no quantitativo de suas aulas. A sociologia, por exemplo, apresenta apenas duas aulas semanais no segundo ano do Ensino Médio. O que dificulta o estudo de todos os conteúdos. Assim o professor desta área precisará encontrar alternativas para manter o estudo sobre os conteúdos. Uma dessas alternativas encontra-se nas eletivas.

As eletivas são matérias que os alunos poderão escolher e que fazem ou não parte do itinerário formativo que ele está inserido por livre desígnio. As mesmas oferecem oportunidade de discutir qualquer temática e apresenta aos alunos oportunidades de criar – seja criação artística, científica, elaboração e realização de projetos sociais, entre outros. Ao propor uma eletiva o professor trabalhará a mesma por um semestre letivo, no outro semestre o aluno deverá optar por outra eletiva. Norteamos o desenvolvimento desta eletiva em três etapas distintas: As aulas de ensino de sociologia, a disciplina de tópicos especiais sobre Sertão ministradas pelo professor doutor Paulo César Diniz e a minha paixão mais recente (os últimos seis anos) pelo mundo do cinema e as várias possibilidades que nos é apresentada para se trabalhar na área de Ciências humanas e sociais. Este é o trabalho que nos propomos a realizar.

CAPÍTULO 1 – UM OLHAR DA SOCIOLOGIA NO SERTÃO DO PAJEÚ

A sociologia faz parte das ciências sociais, dedica-se ao estudo das sociedades humanas, suas estruturas, interações e dinâmicas. Essa área de conhecimento busca compreender os padrões e processos que moldam a vida coletiva, investigando temas como a organização social, a cultura, as relações de poder, as instituições e as mudanças sociais ao longo do tempo.

Fundamental para o entendimento das desigualdades sociais, sejam elas econômicas, de gênero, raça ou outras. Ao analisar as estruturas sociais e as relações entre grupos, a sociologia oferece insights sobre os mecanismos que perpetuam ou desafiam as disparidades entre os indivíduos e as comunidades. Os estudos sociológicos frequentemente abordam questões contemporâneas e relevantes, como a globalização, a migração, o crescimento urbano, os movimentos sociais e os efeitos das tecnologias da informação na sociedade.

O Movimento de Educação de Base (1961) desenvolvido nas comunidades rurais através das escolas radiofônicas, possui uma relevância sociológica significativa, pois aborda questões fundamentais relacionadas ao desenvolvimento social e à justiça educacional através do direito à educação. A educação de base é uma abordagem que busca levar o conhecimento e a aprendizagem às comunidades rurais, muitas vezes isoladas e marginalizadas, com o objetivo de empoderar os indivíduos e fortalecer suas capacidades para enfrentar os desafios locais e a promoção das mudanças.

Através da educação, do conhecimento que ela proporciona é possível combater a exclusão social e a desigualdade educacional, oferecendo oportunidades de aprendizado para populações rurais que muitas vezes são negligenciadas pelos sistemas formais de ensino. Isso ajuda a romper o ciclo de pobreza e a falta de acesso a informações e conhecimentos essenciais para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Além disso, o MEB proporcionou às comunidades a preservação e valorização da cultura local. Ao levar em consideração as particularidades e os saberes tradicionais dessas comunidades, a educação de base promove a identidade cultural e o respeito pela diversidade, fortalecendo o senso de pertencimento e a coesão social.

Dito isso, o objetivo do estudo sociológico é ir além das experiências individuais e compreender como as estruturas sociais, como famílias, escolas, organizações locais, e os

fatores econômicos, políticos e culturais, afetam o modo de vida das pessoas na comunidade. O nosso método é através da oralidade, das memórias dos grupos sociais que vivenciaram o tempo do nosso objeto de estudo.

Assim sendo, este primeiro capítulo adentra na contextualização da Região do nosso objeto de estudo o Sertão do Pajeú Pernambucano, mostrando que ele é fruto de lutas e resistências. Em seguida, externamos sobre um olhar de memória à luz de sociólogos e historiadores. E, somente nos capítulos que se segue é que apresentaremos o MEB, as escolas radiofônicas e as memórias das nossas alunas, monitoras e coordenadoras. Ressaltando que as memórias estiveram ali por mais de seis décadas, mas academicamente encontramos um escrito de Queiroz (2020) e nenhum outro trabalho. A pesquisa desde o início utilizou-se das fontes primárias existentes. Dito isso, convido a todos a conhecer esse pedaço de Sertão. Aos críticos:

*Senhores críticos, basta!
Deixa-me passar sem pejo,
Que o trovador sertanejo
Vai seu “pinho” dedilhar...
Eu sou da terra onde as almas
São todas de cantadores:
— Sou do Pajeú das Flores —
Tenho razão de cantar!*

*Não sou um Manuel Bandeira,
Drummond, nem Jorge de Lima;
Não espereis obra-prima
Deste matuto plebeu!...
Eles cantam suas praias,
Palácios de porcelana,
Eu canto a roça, a cabana,
Canto o sertão... que ele é meu!¹¹*

1.1 O Sertão do Pajeú

A região que denominamos de Pajeú, está contida dentro de uma das cinco mesorregiões pertencentes ao Estado de Pernambuco. É composta por 17 municípios, a saber: Brejinho, Itapetim, Tuparetama, São José do Egito, Santa Terezinha, Tabira, Solidão, Ingazeira, Iguaracy,

¹¹ Rogaciano Bezerra Leite foi poeta e jornalista brasileiro. Nascido em 01 de julho de 1920 em Itapetim, Sertão do Pajeú.

Quixaba, Carnaíba, Flores, Calumbi, Serra Talhada, Triunfo, Santa Cruz da Baixa Verde e Afogados da Ingazeira. Esta região recebe este nome devido ao curso do Rio Pajeú, cujo nascente é em Brejinho, Cidade limítrofe entre Pernambuco (PE) e Paraíba (PB).

A região denominada Sertão do Pajeú carrega antes de tudo duas grandes questões contraditórias: terra seca banhada pelo Rio Pajeú (Payaú – ou Rio do Pajé conforme tradição indígena) e região colonizada por imigrantes europeus a partir de Salvador, estado da Bahia.

Segundo Tavares Neto (2008), os primeiros registros de povoamento dão conta do século XVI com as incursões da Casa da Torre está sob a administração de Francisco Garcia D'Ávila aproveitando a boa condição hidrográfica e se instalando mediante o aprisionamento dos povos autóctones tapuias-cariris. Aqui se registraram mais de 800 currais destacando-se dois: sopé da serra do Cariri (Pajeú das Flores) e Fazenda Serra Talhada pertencente ao arrendatário Agostinho Nunes Magalhães. Estas faixas de terras eram conhecidas como sertão de Rodelas.

Não obstante, as autoridades metropolitanas buscaram estimular o povoamento da região com a concessão de sesmarias muitas vezes a famílias rivais a partir do leito do rio de modo que nascem os primeiros núcleos populacionais das quais nasce o sítio de Flores a partir da pecuária. E com a ocupação desta faixa de terra assaz fértil nasce também a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição em 11 de setembro de 1783 resultado da migração de vigários da paróquia de Cabrobó. Observa-se ainda o povoamento da fazenda de Serra Talhada por volta de 1700 cujo desenvolvimento seu deu, mormente, à edificação da capela construída por escravos e dedicada à Nossa Senhora da Penha em 1790 por Filadélfia Nunes de Magalhães, filha de Agostinho Nunes Magalhães (Tavares Neto et al. 2008).

Desse modo, no bojo do povoamento do Sertão do Pajeú estão presentes os conflitos de terras e de famílias, da seca mesmo tendo a maior bacia hidrográfica do estado com regime fluvial intermitente percorrendo uma extensão territorial de 353 km e cobre uma área aproximada de 16.685,63 km² e de forte presença religiosa católica, cuja junção marca de forma indelével a formação social do Sertão do Pajeú, segundo Andrade (1986).

Um mergulho na história deste torrão de terra nos faz chegar primeiro aos povos originários – embora tenham vindo expulsos do litoral em constante luta com os colonizadores e começam a povoar o sertão pelo Rio São Francisco e em seguida pelo Rio Pajeú – de diversas tribos como Tupi, Tamaqueus, Koripós, Kariri, Paru, Brankararu, Pipipã, Tuxá, Trucá, Umã e Atikum, cujos conflitos com os povoamentos de brancos e mesmo entre as tribos causaram a dizimação dessas em nome principalmente do avanço da pecuária. Desse modo, a formação das grandes sesmarias, a ocupação do litoral e do vale do São Francisco se deu por meio de guerras sangrentas, em que morreram muitos brancos e muito mais índios (Andrade, 1986, p.12) O resultado disso foi sem dúvida o acirramento das distensões sociais que seguiram dando os ingredientes para muitos outros capítulos da história dessa região.

O processo de ocupação contemplou ainda, a partir da estabilização das propriedades – grandes ou pequenas –, a existência de expressivos rebanhos ou grandes plantações de algodão enquanto os mais pobres tentavam sobreviver distantes destas ou dos engenhos como sitiantes valendo-se da exploração de pequenas áreas de base familiar. Segundo Mendes e Boucinhas (2009), Ao passo que aumentava a leva de escravos livres, brancos pobres e indígenas, dos expropriados, essa coincide com a penetração do capitalismo no campo com a valorização das terras, dos rebanhos (carnes e peles) e dos produtos agrícolas, esses agrupamentos formaram a base de mão-de-obra das propriedades senhorias cultivando algodão, fava, milho, mandioca, e entregando parte da sua produção aos donos das terras (em regime parceria, meia, arrendamento) ou dias de trabalho como era mais comum na região canavieira daquilo que se chamou “cambão” com também o condiceiro – quem trabalharia alguns dias de serviço na semana em troca de uma modesta remuneração.

Desse modo, vamos perceber que essa forma de ocupação da terra – o modo de produção –, constitui relações de trabalho sempre dependentes das grandes e médias propriedades sem os devidos direitos sociais e, mesmo quando dispunham de mínima parcela da terra, vendiam a produção a preços quase exclusivamente controlados pelos grandes proprietários e nalguns momentos com o controle e padronização dos pesos e medidas pelo Estado, bem como o aumento dos impostos, fato que gerou uma revolta: a quebra-quilos (1874-1875) a qual fora um misto de questões religiosas, políticas e econômicas como bem o mostram Aquino, Mendes e Boucinhas (2009, p. 155-167) ocorrida principalmente em Pernambuco e Paraíba.

Tal cenário de constantes conflitos políticos, sociais e religiosos, forneceu os elementos para o surgimento de movimentos de resistência social ou revoltas populares e camponesas ligadas ao banditismo ou a fanáticos (messiânicos). Nesse sentido, o Pajeú assiste de perto a dois grandes movimentos: o cangaço a partir de Antônio Silvino e Lampião em Vila Bela (atualmente Serra Talhada) (Souza, 2007) e o Reino Encantado ou também conhecido como Reino da Pedra Bonita em Flores (Aquino, Mendes e Boucinhas, 2009), seu primeiro povoamento. Como assevera Andrade (2008):

Cangaceiros e fanáticos, vítimas ambos do poder econômico e político do latifúndio, foram tratados a trabuco pelos governos estaduais e federal e eliminados em nome da lei e da ordem. Lei e ordem que iriam garantir o poder discricionário dos coronéis do Sertão sobre bens e as pessoas das áreas que dominavam. Daí deverem ser considerados, os movimentos que impulsionaram, como movimentos camponeses, como movimentos de reação contra uma estrutura fundiária que negava o acesso à posse da terra aos que nela trabalhavam em benefício dos que, tendo direito à terra, utilizavam-na como mercadoria, como um bem negociável. (Andrade, 2008, p. 14).

Isso sem falar na proximidade com Juazeiro do Padre Cícero. Fato revelador, mais uma vez que embora haja muito registro de cooperação da Igreja com o latifúndio, há igualmente no Pajeú e na história de Pernambuco momentos de cooperação e organização de movimentos libertários e de promoção da pessoa humana.

De todo modo, o que temos, na verdade, é uma batalha pela memória e identidade dos acontecimentos históricos onde cada grupo social busca ressignificar os movimentos atuais a partir do passado – o funcionamento do imaginário social (SÁ, 2003). Independente da abordagem e das interpretações acerca do cangaço é inegável que esse movimento camponês marcou de forma indelével a formação social do Nordeste e em especial do Sertão do Pajeú, principalmente quanto ao espírito de luta e contestação o qual virá constituir em traço marcante da vida sertaneja, de resistência a quaisquer tipos de opressão.

Aliás, memória aqui é temática fundamental, pois será a partir das narrativas que teremos condições de apresentar um momento político, histórico e social da Região estudada. Para isso, construiremos a partir de agora um breve olhar sobre o tempo, mas principalmente sobre memória a luz de alguns sociólogos e historiadores.

1.2. Um olhar sobre a memória e o tempo

Maurice Halbwachs (1990), sociólogo francês do século XIX, foi um dos pioneiros no estudo da memória, principalmente no que abrange a memória coletiva e suas implicações sociais. Halbwachs argumentou que a memória individual é moldada pela memória coletiva, ou seja, a maneira como os indivíduos recordam eventos é influenciada pela cultura, sociedade e grupos aos quais pertencem. Em sua obra "A Memória Coletiva", Halbwachs (1990) descreveu a memória como um fenômeno social e histórico, que é compartilhado por grupos sociais específicos, como comunidades, nações, religiões e outras formas de associação. Para Maurice Halbwachs, a memória coletiva não é apenas uma representação de eventos passados, mas também uma construção social que é influenciada por normas, valores e interesses do grupo.

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios. (Halbwachs, 1990, p. 25)

O autor em tela escreveu em 1930 o livro "A memória coletiva", que não foi finalizado. Trata-se de uma alternativa de abordar sobre memória. Toda memória é fruto de uma recordação de uma lembrança. Portanto, as memórias coletivas construídas de memórias individuais, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Halbwachs (1990) asseverava que a memória coletiva é construída por meio de práticas sociais, como rituais, cerimônias e celebrações, que ajudam a reforçar a identidade do grupo e a manter viva a memória de eventos importantes. Essas práticas são transmitidas de geração em geração, criando uma continuidade entre o passado e o presente.

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (Halbwachs, 1990, p. 71)

A memória coletiva também é influenciada pela seleção e exclusão de eventos, dependendo do interesse do grupo em lembrar ou esquecer determinados fatos. Por exemplo, a forma como a história é ensinada nas escolas pode refletir as visões políticas e culturais de um determinado grupo.

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso. (Halbwachs, 2013, p. 31).

Outrora ressaltamos em tempo que para o sociólogo, a memória pode sofrer alterações de acordo com o lugar que ocupamos em determinado grupo, assim, por mais que nossa delimitação em três grupos distintos – monitoras, alunos e coordenadoras - trabalhamos com a apropriação das lembranças, das recordações deste emaranhando de memórias que podem variar de membro para membro, devido à quantidade das mesmas e a importância do momento para cada um.

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (Halbwachs, 2013, p. 51).

A memória coletiva é uma forma de resistência às mudanças sociais e políticas, uma vez que permite que os grupos preservem sua identidade e história em meio a transformações rápidas. No entanto, Maurice também destacou a importância de uma memória coletiva dinâmica e aberta ao diálogo com outras memórias coletivas, a fim de promover a compreensão e a tolerância entre diferentes grupos.

Ao trabalhar com memória também trabalhamos o esquecimento. Isso porque o nosso cérebro é seletivo na escolha dos acontecimentos, nessa seleção fica aquilo que gera aprendizado, encaixando-se aqui uma frase atribuída a Adélia Prado em uma de suas crônicas para o correio Brasiliense em (2012): “Aquilo que a memória ama fica eterno”. Memória e esquecimento são dois aspectos fundamentais da cognição humana, que permitem que os indivíduos construam sua identidade e história pessoal e coletiva. Enquanto a memória é responsável por armazenar informações, o esquecimento é responsável por filtrar e descartar informações irrelevantes ou desnecessárias.

Memória é um processo complexo que envolve várias etapas, incluindo a codificação, armazenamento e recuperação de informações. Para o neurocientista cognitivo Endel Tulving (2002), a codificação é o processo pelo qual a informação é inserida e pode ocorrer de forma automática ou intencional, dependendo do tipo de informação e do contexto. O armazenamento

é o processo pelo qual a informação é mantida, e pode ser de curto ou longo prazo, dependendo da relevância e frequência da informação. A recuperação é o processo pelo qual a informação é recuperada da memória e trazida de volta à consciência.

A memória não é apenas estudada pela sociologia, antropologia ou história. Entre tantas áreas do conhecimento ela também é estudada pela psicologia e neurociência. Em meados da década de 80 do século XX a neurociência conseguiu através dos estudos de Endel Tulving comprovar o que eles denominam de memória episódica.

A memória episódica é um tipo especial de memória declarativa, responsável por armazenar os marcos temporal e espacial que identifiquem o tempo e o lugar em que um evento ocorreu. É, portanto, uma memória autobiográfica, é a “memória da fonte, isto é, a memória de quando e onde a informação foi adquirida”. (Squire & Kandel, 2003, p. 120).

O estudo da memória é fascinante quanto mais os cientistas avançam na temática, menos se sabe. Por exemplo: O estudo realizado por Endel Tulving (2002) o paciente que eles denominam de K.C. sofreu um sério acidente de moto, as regiões do cérebro ficaram danificadas. O paciente não recorda os fatos passados, ele tem episódios completos e intactos, mas não sabe dizer como ou quando ocorreu. Ele joga xadrez, anda de bicicleta, e bom nas ciências humanas e exatas, mas não sabe em que momento da vida adquiriu todas essas informações e habilidades. É o que ciência vai denominar de amnésia retrógrada¹² ou seja, ele esqueceu onde a memória foi adquirida.

O esquecimento é um processo que ocorre quando a informação não é mais necessária ou relevante para o indivíduo. O esquecimento pode ocorrer devido a vários fatores, como interferência de outras informações, falta de uso da informação, danos cerebrais, entre outros. A relação entre memória e esquecimento é complexa e dinâmica. Enquanto a memória permite que os indivíduos recordem eventos passados e aprendam com eles, o esquecimento permite que os indivíduos se adaptem às mudanças e se concentrem nas informações mais relevantes para o momento presente. O filósofo francês do século XX Paul Ricœur (2020) foi um importante pensador da temática.

¹² O indivíduo se recorda somente dos fatos ocorridos depois do trauma sofrido, esquecendo-se dos fatos passados.

No desenvolvimento de sua teoria, Ricoeur (2020) destaca a importância da memória como uma forma de construção da identidade e da narrativa pessoal e coletiva. Argumentando que a memória é um processo dinâmico e seletivo, que envolve a retenção, evocação e reconstituição das experiências passadas, e que o esquecimento é uma parte essencial desse processo.

Para Ricoeur, a memória também é uma forma de testemunhar a realidade do passado, e que essa testemunha é fundamental para a compreensão da história de seus processos sociais e para a construção da identidade e da justiça social. Sendo ela um processo dinâmico e ativo, em constante diálogo com o presente.

Muitas lembranças, talvez as mais preciosas entre as lembranças da infância, não foram definitivamente apagadas, mas apenas tornadas inacessíveis, indisponíveis, o que nos leva a dizer que esquecemos menos do que acreditamos ou do que tememos (Ricoeur, 2020, p. 426).

A memória não é apenas uma questão de recordação do passado, mas também de construção do presente e do futuro. Não é um registro neutro e objetivo do passado, mas sim uma construção subjetiva, influenciada pelas nossas experiências, valores e contextos sociais. É uma forma de narrativa que nos conta a nós mesmos sobre quem somos e de onde viemos. Ricoeur (2020) argumenta que a memória funciona através de três fases: a primeira é a retenção, ou seja, a fixação da experiência em nossa memória; a segunda é a evocação, ou seja, a lembrança da experiência em si; e a terceira é a reconstituição, ou seja, a reconstrução da experiência em uma narrativa coerente. Outro destaque é a importância do esquecimento na memória, argumentando que o esquecimento não é uma falha da memória, mas sim uma parte essencial do seu funcionamento. Que o esquecimento é um processo seletivo, que permite que sejamos seletivos na escolha das memórias que são relevantes para o nosso presente e futuro.

Realizando um paralelo entre Ricoeur (2020) e a psicologia cognitiva. Henry Gleitman e Reisberg (2003) asseveram que a memória perpassa por três estágios: aquisição, armazenamento e recuperação. Primeiro: para lembrar, é preciso que haja algo a ser lembrado. Lembrar do que foi aprendido no passado. Parecer óbvio? Mas segundo os psicólogos, muitos problemas de memória são, de fato, um problema nesse primeiro processo, chamado de aquisição. Para que haja essa construção na primeira etapa ou estágio é necessário a coexistência

de dois fatores: percepção e atenção. Se um deles falhar, a informação não será apreendida, logo não será memorizada. Segundo: Para que seja lembrada depois, uma experiência deve deixar alguma gravação – um traço de memória, só assim ela será armazenada. Terceiro: A recuperação ocorre no ato de lembrar, ou seja, a informação é retirada de seu lugar de armazenamento e tornada disponível para uso. Segundo Henry Gleitman e Reisberg (2003): Memória seria uma ponte criada que liga o passado ao presente.

Um outro ponto nessa tratativa da memória é a relação que François Hartog (2013) O historiador francês do século XX aborda sobre a retórica do tempo através do “presentismo”, que de certo modo nos leva a pensar as construções que fazemos durante nosso percurso de genealogia do saber, onde, nem sempre temos uma noção do tempo em que se escreve.

Para o Hartog (2013), enquadrar-se no tempo e nas noções de historicidade também pode ser um percalço. Fazer entender as formas como esse “presentismo” se dá nas nossas construções, talvez seja o primeiro passo para conectarmos discursos e acima de tudo, o tempo, e por que não pensarmos esse presenteísmo através da memória?

A prevalência do presente é um conflito, mas não se encontra engessado nas passagens temporais, muito pelo contrário, as construções que por sua vez caíam no uso de cronologias e temporalidades, são quebradas e elevadas à condição de que não é uma realidade dada. A noção do tempo cronológico reflete sobre a memória. Gosto do tempo, da noção de espaço que ele proporciona, das lembranças que as vezes são distantes e outras vezes próximas, presentes. Gosto do olhar Agostiniano¹³ sobre o presente, passado e futuro e a sua relação com a humanidade.

Agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos – passado, presente e futuro. Talvez fosse melhor dizer que os tempos são: o presente do passado; o presente do presente; o presente do futuro. E estes estão na alma; não os vejo alhures. O presente do passado é a memória, o presente do presente é a percepção, o presente do futuro é a expectativa. (Agostinho, 1984, p. 323)

É essa noção de tempo que fascina, o que seria próprio do tempo e o não ser. O passado existe por força de uma memória e essa está no presente. Falar em memória é falar em

¹³ Santo Agostinho (354-430) foi um filósofo, escritor, bispo e importante teólogo cristão do norte da África. Para uma visão mais acurada consultar o site: https://www.ebiografia.com/santo_agostinho/.

esquecimento, mas antes de tudo é falar em tempo. Um tempo que não segue lei ou lógica, onde tudo é relativo. As vezes a memória é recente, em outros momentos essa memória pode ultrapassar décadas e tornar-se elemento fundamental na construção de uma identidade.

O historiador francês do século XX, Jacques Le Goff (2003), em seus escritos, defende que a memória é uma capacidade essencial do ser humano, que nos permite construir nossa identidade, entender nosso lugar na história e compreender as mudanças que ocorrem ao nosso redor. Segundo o historiador, a memória é uma ferramenta importante para compreendermos o passado, mas também é fundamental para a construção do presente e do futuro.

Le Goff (2003) também destaca que a memória não é uma simples reprodução do passado, mas sim uma construção constante e dinâmica. A memória não é uma caixa de arquivos do passado que abrimos de vez em quando para consultar. É uma atividade criativa que atualiza o passado e o integra no presente.

Para o historiador Le Goff a memória individual é uma memória pessoal, que se relaciona com as experiências vividas por cada indivíduo. Já para explicar sobre a memória coletiva ele faz uso de seus diálogos com o historiador francês Pierre Nora¹⁴ é a memória compartilhada por um grupo ou comunidade, que se relaciona com os eventos históricos que moldaram a identidade dessa comunidade, ele reserva a designação de memória coletiva para os povos sem escrita, aplicando então o termo memória social às sociedades onde a escrita já tenha se instalado. Ainda que passageiro e incerto, é muito mais fácil convencer o individual pelas memórias, para se constituir um coletivo, pois elas reforçam esse simbolismo e essa representação acentuada do fato dentro do imaginário de cada um.

São esses os pontos que ao longo da leitura vão ficando cada vez mais claros no sentido de nos levar a refletir como a imaginação trabalhada ao nosso redor e constitui nossa memória, de maneira tão forte e contundente, que nos leva a supor que determinados fatos se enquadrem em uma veracidade até mesmo sem termos o domínio do que pode ser real ou fruto

¹⁴ Pierre Nora é um historiador francês da terceira geração da Escola dos Annales, associado ao campo da chamada Nova História. É reconhecido pelos seus trabalhos sobre a identidade francesa e a memória, o ofício do historiador.

do imaginário. Isso se dá nas mais variadas formas, seja na construção de objetos, no convencimento do consumo, nas propagandas, na formação social e política.

Essa distinção é importante, pois a memória coletiva é uma ferramenta essencial para a construção da identidade de uma comunidade. A memória coletiva nos permite compreender nossas origens, nossa cultura e nossas tradições, e nos dá uma sensação de continuidade e pertencimento. Assim assevera Halbwachs,

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 1990, p. 26).

A alusão aqui é que nossas experiências individuais são importantes, mas ao mesmo tempo são compartilhadas e influenciadas pelos outros ao nosso redor. Embora possamos ser os únicos a vivenciar determinados eventos, nossas memórias são reforçadas e moldadas pelos outros com quem compartilhamos essas experiências. Destaca-se a importância das relações humanas e do papel que as pessoas desempenham em nossas vidas. Mesmo quando estamos sozinhos, os outros se fazem presente em nossas vidas através das memórias. Nossas memórias individuais se tornam parte de um contexto maior que nos une a outras pessoas e nos ajuda a construir uma compreensão compartilhada do mundo.

Após esses breves escritos sobre memória que é fundamental na construção deste trabalho, faremos agora um apanhado histórico e sociológico sobre educação popular, os caminhos que nortearam a educação de jovens e adultos no Brasil em um determinado tempo histórico para então chegarmos ao Movimento de Educação de Base.

1.3 Educação popular

A utilização do adjetivo “popular” para qualificar uma cultura ou um sistema educativo por vezes torna-se problemático, ele abre portas, amplia horizontes, entretanto sugere mais que esclarece o que de fato seja algo popular. Lacunas e entrelinhas encaixam-se aqui, popular não seria um primeiro saber. Saber este que não é científico ou erudito? Popular seria o saber

pertencente ao povo, feito por sujeitos simples sem muita instrução? Portanto, popular indica mais que elucida do que de fato é.

E assim iniciamos nossa trajetória que antes de tudo precisa elucidar, iluminar ou nortear alguns conceitos para que possamos prosseguir com a nossa temática. Com muita recorrência nos depararemos com palavras e expressões como: educação popular, educação de jovens e adultos, movimento de educação de base. Expressões estas que se desdobram com maior efervescência a partir da década de 40 do século XX, como veremos mais adiante, uma vez que adentraremos no que seja popular e posteriormente educação. Aqui faremos duas citações de Raposo para compreender o que é educação popular pontualmente a seguir:

Educação popular todo e qualquer processo educacional efetivado pelas camadas populares;

A educação popular em seu processo tanto pode sofrer influência da ideologia dominante como de uma contra ideologia. O que não é viável é ver-se a margem das ideologias;

O fato de ser a educação popular permeada por ideologias, não lhe retira o caráter de popular, desde que o seu processo seja efetivado pelas camadas populares. (Raposo, 1982, p. 26).

O fato das camadas populares se expressarem como massas, o que implicava uma fácil manipulação das mesmas, fez surgir a necessidade do desenvolvimento de programas educacionais que visassem a contribuir para a formação política dessas massas, o que não implica desconsideração ao processo de mobilização espontâneo pela qual vinham passando em suas práticas de lutas que se sabe serem fundamentais, mas têm suas limitações. (Raposo, 1982, p. 31).

O fato é que uma análise das citações acima nos faz compreender nas entrelinhas crescentes o medo aparente de cooptação por uma determinada ideologia, uma vez que ambas as citações, uma na tentativa de explicar o que seja popular e a outra em “contribuir” no processo de formação, ambas, apresentam escritas semelhantes de fácil manipulação das massas e aqui não adentraremos ao conceito de massa.

Assim, previamente definido o que seja popular, passaremos a educação. Verbo advindo do latim Educare, cujo sentido de “criar (uma criança), nutrir, fazer crescer. Etimologicamente, poderíamos afirmar que educação, do verbo educar, significa “trazer à luz a ideia”. Um termo genérico que abrange processos educativos. Legalmente o conceito do que seria educação

apresenta-se na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes de Base de 1996, segundo a lei em seu artigo primeiro estabelece,

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1996, p. 10).

Portanto, educação no seu sentido amplo de dar luz às ideias, junto com e para o sujeito tem o poder transformador de desenvolver um processo contínuo de formação. Quando as palavras educação e popular são unificadas, quando habitam um mesmo espaço, elas abrangem proporções incalculáveis. Uma por vim do sujeito e outra por ser formação. Somos indivíduos em constante processo inacabável de formação. Assim como outros processos formativos, inicialmente a educação popular apresenta inúmeras interpretações a depender do olhar. Assim assevera Brandão,

A educação popular tende a aparecer, primeiro, como alguma modalidade agenciada e profissional de extensão dos serviços da escola a diferentes categorias de sujeitos dos setores populares da sociedade, ou a grupos sociais de outras etnias, existentes nela ou à sua margem. Ou então educação popular denomina, depois, os tempos e tipos de luta de políticos e intelectuais para que uma tal educação escolar seja de algum modo estendida ao povo. (Brandão, 1983, p. 17)

Entre as variantes interpretativas ao final da citação Brandão (1983), faz-nos compreender que Educação popular pode ser interpretada como uma luta de interesses políticos e intelectuais com o intuito de formar o povo. Por povo entende-se pessoas simples sem instruções à margem da sociedade, cujo direito à escola lhes foi negado em algum momento da vida, mas novamente apresenta-se o receio de controle ideológico por parte de um grupo, sob o saber popular e produção de conhecimento, ele continua,

A produção de um saber popular se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Não existiu primeiro um saber científico, tecnológico, artístico ou religioso “sábio e erudito” que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se, empobrecido, um “saber do povo”. Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-

se “sábio e erudito”; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como “popular” o saber do consenso de onde se originou. A diferença fundamental entre um e outro não está tanto em graus de qualidade. Está no fato de que um, “erudito”, tornou-se uma forma própria, centralizada e legítima de conhecimento associado a diferentes instâncias de poder, enquanto o outro, “popular”, restou difuso — não centralizado em uma agência de especialistas ou em um pólo separado de poder — no interior da vida subalterna da sociedade. (Brandão, 1983, p. 15)

Aqui casamos Brandão e Freire, segundo Freire, a educação popular deveria ser um meio para que as pessoas se tornassem conscientes de sua realidade e se organizassem para transformá-la. Na obra “Educação como Prática da Liberdade”, destaca-se a importância da educação como meio de transformação social: "A educação não pode ser neutralidade, senão que é necessariamente política. E é política na medida em que é um ato de conhecimento da realidade e um ato de intervenção nessa realidade" (Freire, 1967, p. 70).

Para Freire, educação popular está diretamente ligada a prática pedagógica que parte da realidade dos educandos e busca construir conhecimento a partir de suas vivências e saberes. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire define a educação popular como "uma educação que se realiza na prática social, seja esta política, sindical, comunitária ou outra, e que tem como princípio fundamental a construção coletiva do conhecimento" (Freire, 1970, p. 71).

Nesse sentido, compreendemos que essa construção coletiva do conhecimento se dá por meio do diálogo entre educadores e educandos, que juntos refletem sobre a realidade social e constroem novos saberes. Conforme a perspectiva Freiriana, a educação popular é um meio para que as pessoas se tornem conscientes de sua realidade e sejam capazes de agir de forma crítica e transformadora sobre ela.

Assim, podemos dizer que a educação popular proposta é uma forma de educação que busca a participação ativa dos educandos e a transformação social, por meio da construção coletiva do conhecimento, a utilização dos saberes prévios dos indivíduos e da conscientização crítica da realidade.

Ainda conforme a perspectiva Freiriana, cujas ideias estão ancoradas em um contexto de possíveis mudanças políticas e sociais no Brasil e na América Latina. Vivenciando a luta dos movimentos sociais e das organizações populares por democracia, justiça social e transformação das estruturas sociais.

Freire (1970), descreve o contexto histórico em que as mesmas são desenvolvidas:

Escrevo esta Pedagogia do Oprimido não só como um ato de solidariedade para com o povo que vive na miséria, na fome, na doença, no analfabetismo (...) Mas também como um ato de amor aos homens e mulheres que, transformando-se em seres críticos e autônomos, não deixarão de lutar por sua libertação e, lutando, poderão e deverão vencer". (Freire, 1970, p. 22).

Nesse sentido, o trabalho educativo configura-se em uma forma de conscientização crítica das massas populares, que se uniam em movimentos sociais e sindicais para lutar por seus direitos e pela transformação social. A conscientização é um processo de tomada de consciência crítica da realidade social, que parte da experiência e dos saberes prévios dos estudantes e busca construir um conhecimento coletivo sobre a realidade. Como bem diz Freire: "Conscientizar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 1970, p. 78). Nesse sentido, o papel do educador é de facilitador, que busca estimular a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, tendo em vista também os princípios norteadores da Constituição Federal de 1988 e o respeito a liberdade.

Analisando outras obras desse autor, é possível inferir que a educação não deve ser uma prática autoritária que reproduz as estruturas de poder e dominação da sociedade, mas sim uma prática de liberdade que possibilita a conscientização crítica dos estudantes e sua participação ativa na transformação da realidade social.

O que assevera nossa interpretação pode ser encontrado na obra Pedagogia da Autonomia, como se pode observar em:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (Freire, 1996, 72).

Além disso, a participação ativa dos estudantes no processo educativo é fundamental para a construção do conhecimento e a transformação social: "Não há educação sem amor, sem diálogo, sem humildade. Não há educação fora da vida, nem vida fora do educando" (Freire, 1983, p. 30). O caminhar da história e os processos de memória vai nos conduzindo para processos e projetos transformadores na educação principalmente ao tocante ao combate do analfabetismo.

Essa tratativa inicia-se com mais efervescência a partir dos anos de 1940 em diante o Brasil começa a preocupar-se com o combate ao analfabetismo no país e a criação de programas foram se intensificando, o que aumentou os projetos de educação popular, especificamente no que se referem aos adultos, projetos fundamentalmente distintos dos que tradicionalmente vinham sendo desenvolvidos para a educação. Era preciso pensar na base, era necessário criar, formular, pensar a partir do cotidiano no qual se quer formar, era preciso considerar os saberes prévios e só assim iniciar um processo formativo de qualidade. Conhecer a realidade dos sujeitos. Veremos no próximo tópico uma breve explanação desses caminhos.

1.4 Educação de jovens e adultos

Atualmente, entende-se por educação de jovens e adultos uma das sete modalidades educacionais definidas pelo Ministério da Educação, entretanto, dentro da análise do nosso estudo, compreende-se por educação de jovens e adultos a parte da educação popular incluindo as escolas noturnas, a alfabetização, a educação de base e continuada, cujo maior popularização acontece na década de 60 do século XX e tem como maior referencial o patrono da educação Paulo Freire e seu método de alfabetizar.

Todavia, um brevíssimo histórico sobre a educação de adultos no Brasil iniciou-se com a chegada dos jesuítas e sua Missão Catequizadora¹⁵, iniciado em 1549 e estendendo-se por mais de 200 anos em *terras brasilis*. O propósito nunca foi propagar os saberes humanistas vigentes no outro lado do Atlântico, mas instrucional e religioso, pois em suas missões ou reduções as percepções de Tempo e Espaço eram divididas entre o plantio e cultivo agrário e o catecismo, de tudo desconhecido entre os Povos Originários de Abya Yalaia¹⁶.

15 Em Portugal a igreja sempre teve grande poder de influência, o que dificultava a entrada desses ideais antropocêntricos do Iluminismo. Esse poder da igreja se expressava, sobretudo por meio do monopólio educacional que a Companhia de Jesus tinha em todo reino, em todos os níveis educacionais. Tratava-se de uma ordem criada no renascimento, a partir da reforma católica. BUONADIO. Vicente Neto e TAGLIAVINI João Virgílio REFORMAS POMBALINAS DA EDUCAÇÃO: O ECLETISMO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA In.*Itinerarius Reflectionis*. Revista Eletrônica do Curso de Peagogia do Campus Jatai – UFG. Vol. 1. Nº 10. 2011. In. file:///C:/Users/Host/Downloads/admin,+1151-3370-1-PB.pdf. Acessado em 01 de junho de 2023.

16 ABYA YALA, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia, tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas).

Apesar de todo o “sucesso” da empresa eminentemente cristã, não é incomum encontramos registros escritos e litogravuras que retratam e relatam as resistências e aderências entre jesuítas e povos indígenas. Porém com as Reformas Pombalina, de 1759 a 1772, identificadas e personificada na figura central do Marquês de Pombal significou, entre outras coisas, uma ruptura com o modelo educacional anterior empreendido pelos jesuítas. Nesses termos,

Pombal, preocupado em modernizar Portugal economicamente mediante o fortalecimento do estado no mercantilismo da época, empreende uma série de reformas no reino. Uma das suas principais foi a reformulação educacional em Portugal, que começou no alvará de 1759, documento que expulsava os jesuítas de todo o reino e em contrapartida, criava um ensino secundário público em sua substituição. (Buonadio e Tagliavini, 2011, p. 03)

No final da década de 70 do século XIX já com o Império Brasileiro instalado, a educação de adultos no Brasil passou por algumas mudanças e avanços significativos. Nesse período, houve a expansão do ensino público e o surgimento de novas instituições voltadas para a educação de adultos. Foram criados os primeiros cursos noturnos para adultos analfabetos, apenas para homens, de forma geral as mulheres ficavam à margem. As escolas noturnas, permitiam que trabalhadores e indivíduos que não tiveram a oportunidade de estudar durante o período regular pudessem ter acesso à educação. Essas escolas ofereciam aulas noturnas gratuitas para pessoas de diferentes faixas etárias, focando em alfabetização e no ensino básico.

Em 1879, foi fundado o Instituto Brasileiro de Educação, uma instituição que se destacou pela promoção de programas de educação para adultos em todo o país. Segundo Brandão (1984), essa organização tinha como objetivo alfabetizar e educar trabalhadores e suas famílias, contribuindo para a formação de uma mão de obra mais qualificada. No entanto, apesar dos avanços, a educação de adultos ainda enfrentava muitos desafios. O analfabetismo

Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América. A expressão foi usada pela primeira vez em 1507, mas só se consagra a partir do final do século XVIII e início do século XIX, por meio das elites crioulas, para se afirmarem no processo de independência, em contraponto aos conquistadores europeus. Muito embora os diferentes povos originários que habitam o continente atribuíssem nomes próprios às regiões que ocupavam – Tawantinsuyu, Anahuac, Pindorama – a expressão Abya Yala vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento. In. <https://iela.ufsc.br/projeto/povos-originarios/abya-yala/> Acessado em 01 de junho de 2023

era extremamente alto e a oferta de vagas nas escolas noturnas era limitada. Além disso, havia uma falta de estrutura e recursos adequados para atender às necessidades educacionais dos adultos.

Em 1934, durante o período do Brasil República e com a nova constituição, cujo artigo 150 diz que o governo Brasileiro deveria garantir o ensino gratuito e integral a todos, incluindo os adultos que não conseguiram realizar os estudos em tempo regular. (CF, 1934). Em meados de 1940, com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, iniciativas mais efetivas foram implementadas para a educação de adultos. O SENAC foi criado com a missão de oferecer cursos profissionalizantes, visando capacitar os trabalhadores para o mercado de trabalho. Segundo pesquisa realizada em seu site¹⁷

A década de 40 do século XX foi determinante para a educação de adultos, década marcada por campanhas voltadas para o ensino de adultos. Segundo Brandão (1984) foi criado o SNEA – Serviço Nacional de Educação de Adultos foi criado em (1947) com o objetivo de coordenar os trabalhos do Ensino Supletivo, gerando várias ações que permitiram a realização da primeira campanha nacional de alfabetização – CEAA – Campanha Nacional de Educação de adultos e adolescentes iniciativa educacional promovida no Brasil com o objetivo de combater o analfabetismo no país. Organizada pelo governo brasileiro, sob a liderança do então presidente Eurico Gaspar Dutra, em parceria com entidades educacionais e igrejas. Seu objetivo era alfabetizar adultos que nunca haviam frequentado a escola ou que tinham abandonado os estudos precocemente, segundo Brandão (1984).

Para alcançar esse objetivo, a CEAA mobilizou professores voluntários, que se deslocaram para áreas rurais e regiões mais afastadas, levando a educação até as comunidades mais necessitadas. Teve um papel fundamental na redução dos índices de analfabetismo no país. Esse resultado foi um marco na história da educação brasileira, diminuindo significativamente a taxa de analfabetismo e proporcionou a inclusão social de muitos adultos que não tinham acesso à leitura e escrita. Na época o Ministro da Educação Clemente Mariani¹⁸ declarou: “a

17 Para uma visão mais acurada sobre o assunto consulte o site: <https://portal.senac/>.

18 Mariani foi ministro da Educação e Saúde no governo de Eurico Dutra (1946-1951), no interior de um período de grandes transformações na educação brasileira. Seu pensamento foi registrado em obras de sua autoria e em

educação do povo nos melhores moldes democráticos” e não a mera alfabetização. Acrescentando que era de interesse do governo Dutra criar “centros de comunidade” ambiente propício para adolescentes e adultos terem acesso à rádio, cinema, livros e jornais. (Brasil, CEAA, 1949a. apud Carvalho, 2010, p.19).

Em 1952 tivemos a campanha Nacional de Educação Rural (CNER), segundo o diário das leis:

Art. 1º - A Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) instituída em 9 de maio de 1952 pelo então Ministério da Educação e Saúde, com sede no Rio de Janeiro e jurisdição em todo Território Nacional subordinada diretamente ao Ministro da Educação e Cultura, tem por finalidade difundir a Educação de Base no meio rural brasileiro.

Art. 2º - Destina-se essa Campanha a levar aos indivíduos e às comunidades os conhecimentos teóricos e técnicos indispensáveis a um nível de vida compatível com a dignidade humana e com os ideais democráticos, conduzindo as crianças, os adolescentes e os adultos a compreenderem os problemas peculiares ao meio em que vivem, a formarem uma ideia exata de seus deveres e direitos individuais e cívicos e a participarem, eficazmente do progresso econômico e social da comunidade a que pertencem.

Um dos objetivos era investigar e pesquisar as condições econômicas, sociais e culturais da vida do homem brasileiro no campo para em seguida, preparar técnicos e materiais que tivessem condições de atender a real necessidade da população rural através de uma educação de base. Promovendo e estimulando a participação de todos no intuito de contribuir para o aperfeiçoamento dos padrões educativos, sanitários, assistenciais cívicos e morais das populações rurais. O que necessariamente seria pautado na dignidade humana e na vida em abundância.

Mais adiante em 1959 ocorrerá a campanha nacional de erradicação do analfabetismo (CNEA), sendo essa a terceira campanha do ciclo e desenvolvida já no governo de Juscelino Kubitschek intensificando os trabalhos voltados para a população adulta e entrando em vigor através do decreto nº 47.251 de 17 de novembro de 1959 sendo considerada uma campanha extraordinária do ministério da educação para combater o analfabetismo da época. Segundo o estudo realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística na época mais de

documentos escritos preservados, e contém elementos de grande relevância para o estudo da educação brasileira em um período de acelerada modernização do país.

16 milhões de Brasileiros eram analfabetos e a grande concentração era a região Norte e Nordeste¹⁹.

Em 1960 será implantado o MEB. O Movimento de Educação de Base foco do nosso trabalho e que será melhor configurado mais à frente. Sendo o mesmo encerrado no início do golpe civil militar. A década de 70 seria marcada pelo MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização. criado no governo de Costa e Silva, em 15 de dezembro de 1967, pela Lei nº 5.379 e tinha como objetivo financiar e orientar tecnicamente programa de alfabetização funcional e de educação continuada para adolescentes e adultos apresentava com o caráter mais tecnicista, enquanto o MEB era de caráter libertário. Não nos deteremos no MOBREAL uma vez que, o mesmo já não faz parte do nosso objeto de estudo. Ao contrário, segundo Dona Lourdes Nazário o MOBREAL seria uma espécie de movimento instalado pelo governo militar para substituir o MEB.

Nos dias atuais, a Educação de Jovens e Adultos - EJA abrange vários grupos diferentes de pessoas, que segundo Paiva (1973) é:

A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários. (Paiva, 1973, p. 16).

A partir disso, podem-se perceber os grandes desafios atrelados a esta modalidade. De que forma é possível efetivar políticas públicas que sustentem a permanência, o acesso e o sucesso destes discentes, contemplando ainda a educação democrática para construção de uma sociedade também democrática.

Nesses termos, apesar do aparato governamental e educacional, infelizmente a EJA ainda não proporciona uma educação de qualidade aos que procuram adentrar nessa modalidade de ensino, há uma grande diversidade de vivências e realidades acerca dos alunos. Porém existem alguns perfis parecidos entre as pessoas que frequentam esta modalidade. É muito comum encontrar pessoas em geral com idade avançada, que nasceram em uma época onde o acesso à educação era quase inexistente e inacessível, principalmente se vindos das zonas rurais;

19 Para uma análise detalhada consulte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13300-asi-estudo-revela-60-anos-de-transformacoes-sociais-no-pais>

peessoas essas, que muitas vezes ou possuem grau baixíssimo de escolaridade ou são analfabetos.

Também há um grupo muito numeroso de adultos que abandonam os estudos por motivos externos, como início precoce ao mercado de trabalho, pobreza e se este durante o período regular de ensino não obteve uma trajetória bem-sucedida, fadado a reprovações que o desestimularam a continuar seus estudos.

Para Santos (2003):

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico). (Santos, 2003, p. 74).

A função de igualdade na EJA abrange trabalhadores e adultos de diversas classes sociais como donas de casa, aposentados, imigrantes, que possuem o direito de reingressar no sistema educacional, uma vez que devido a condições como desigualdade, falta de oportunidades, entre outras realidades. Essa reinserção deve ser vista como o surgimento de novas possibilidades no contexto social, no mercado de trabalho e no conhecimento.

Isto leva a reflexão do quão importante é viabilizar a educação de jovens e adultos. Segundo Andrade (2004):

Perceber esses jovens do ponto de vista da EJA revela uma condição marcada por profundas desigualdades sociais. Na escola de EJA estão jovens reais, os jovens aos quais o sistema educacional tem dado as costas. Percebê-los significa a possibilidade de dar visibilidade a esse expressivo grupo que tem direito à educação e contribuir para a busca de resposta a uma realidade cada vez mais aguda e representativa de problemas que habitam o sistema educacional brasileiro como um todo. (Andrade, 2004, p. 45).

A função de qualificação na Educação de Jovens e Adultos é responsável por demonstrar trocas de experiências, habilidades e exposição à novas culturas. Tendo por missão a atualização dos conhecimentos para todos ao longo da vida, são recursos educacionais permanentes para jovens e principalmente adultos. O significado da função qualificadora é o

que dá sentido à EJA baseada no ser humano e em seu potencial de desenvolvimento e adequação para criar uma sociedade unida, igualitária, alfabetizada e democrática. Os desafios ultrapassam os séculos e a história é de continuidades e rupturas.

Uma vez que o nosso objeto de estudo é o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas, adentraremos a seguir sobre o que foi o MEB e sua devida importância principalmente para a Região Nordeste historicamente a margem do Brasil.

1.5 O Movimento de Educação de Base – MEB

O MEB (Movimento de Educação de Base) foi uma proposta educativa idealizada pela Igreja Católica através da então CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e oficializada em março de 1961 através do Decreto 50.370 no governo Jânio Quadros²⁰ (FÁVERO, 2004). O objetivo geral estava voltado para um amplo processo de alfabetização de jovens e adultos, principalmente no Nordeste Brasileiro, que possuía um dos maiores índices de analfabetismo do país. Contudo para que a proposta pedagógica obtivesse êxito a mesma deveria funcionar com o apoio do Sistema Radiofônico das Dioceses. Então organizada pela igreja, através do método de educação radiofônica. Para compor este cenário o financiamento das mesmas estava a cargo do Estado. Assim assevera Fávero,

As origens do MEB têm sido localizadas nas experiências de educação pelo rádio realizadas pelos bispos brasileiros na Região Nordeste, principalmente no Rio Grande do Norte e em Sergipe, nos anos de 1950. Efetivamente, foi D. José Vicente Távora, arcebispo de Aracaju, que, a partir da experiência realizada por D. Eugênio Sales na Diocese de Natal e de sua própria iniciativa em Sergipe, formalizou à Presidência da República, em nome da CNBB, proposta de criação de amplo programa de alfabetização e educação de base, através de escolas radiofônicas. Estas são as origens próximas do MEB. Remotamente, percebe-se a convergência de várias outras experiências dos anos 1950: Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos

20 Advogado, nascido em Campo Grande, estado do Mato Grosso do Sul, em 25 de janeiro de 1917. Transferiu-se com a família para São Paulo, onde ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo aos 18 anos, bacharelando-se em 1939. Inicia sua carreira política nesse estado. Foi vereador (1948-1950) pelo Partido Democrata Cristão (PDC), deputado estadual na mesma legenda e líder de sua bancada (1951-1953), prefeito de São Paulo (1953-1954) pelo PDC e pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e governador desse estado (1955-1959). Elegeram-se deputado federal pelo estado do Paraná na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em 1958, mas não chegou a participar das sessões do Congresso, porque viajou para o exterior. Foi eleito presidente da República, com o apoio da União Democrática Nacional (UDN), tendo como vice o candidato da oposição João Goulart. Primeiro chefe de Estado a tomar posse em Brasília, em 31 de janeiro de 1961, renunciou ao cargo sete meses depois, abrindo uma grave crise política no país. Acesse <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/janio-quadros/biografia>.

e Campanha Nacional de Educação Rural; radiodifusão educativa realizadas pela Igreja Católica na Colômbia, pela Acción Cultural Popular; do Sistema Rádio Educativo Nacional, organizado em 1957 pelo Ministério da Educação e Cultura; esforços governamentais desenvolvidos na área de saúde, principalmente pelo Serviço Especial de Saúde Pública (Departamento Nacional de Endemias Rurais e Departamento Nacional da Criança); desenvolvimento comunitário (associativismo e cooperativismo), na área de rural, coordenado pelo Escritório Técnico de Agricultura e Serviço Social Rural e executado pela Associação Brasileira de Crédito Agrícola e Extensão Rural. (Favero, 2004, p. 1)

As entrelinhas da pesquisa nos apontam algumas finalidades para esta ação, de fato, havia a real necessidade de um processo eficaz de alfabetização em massa de jovens e adultos, entretanto tanto a igreja bem como o Estado expressavam outros interesses que não apenas alfabetizar. A igreja preocupava-se com desequilíbrios das regiões do país uma vez que, havia um acelerado processo de industrialização no Sudeste e Centro-Oeste. Outro fator importante seria a utilização da mesma para ações de evangelização, bem como de conscientização desta camada social a margem da sociedade. Por fim e não menos importante, a proliferação das ligas camponesas²¹ em Pernambuco e Paraíba. Para melhor explicitar esses objetivos, Wanderley (1984, p. 49), assim os resume:

Ampliar sua ação educativa alicerçada nas experiências constituídas até então; preocupação com o meio rural brasileiro - face dos desequilíbrios criados pelas prioridades e facilidades dadas à industrialização, agregando aí a necessidade de se opor ao comunismo; prestígio e influência para muitos bispos; utilização dos programas para evangelização e instrução religiosa; para muitos leigos a possibilidade de concretização de um engajamento social estimulado na Ação Católica. (Wanderley, 1984, p. 49).

Conforme levantamento bibliográfico, não foi difícil assegurar nossa afirmação em relação às reais intencionalidades do Estado em relação ao processo de alfabetização. Auxiliar a igreja, nesta jornada foi, antes de tudo, beneficiar com a futura colheita. No plano de fundo, estava a tentativa de responder aos apelos da UNESCO que desde sua criação em (1947) “apertava” o governo Brasileiro uma vez que o Brasil detinha um alto índice de analfabetismo. Mas o maior

21 As Ligas Camponesas foram associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do Brasil, que exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964. Para uma visão ampliada da mesma consulte o site oficial das ligas e suas memórias <https://www.ligascamponesas.org.br/>.

foco seria afastar a influência das oligarquias locais. Entretanto muito maior que as oligarquias eram a influência que exerceu a Igreja católica por anos.

Uma estratégia de política populista, visando ampliar o contingente eleitoral; enfrentamento à forte influência da oligarquia rural sobre a população do campo, principalmente na região nordestina onde esta influência era bastante expressiva; uma tentativa de responder aos apelos da UNESCO, e de educadores nacionais para realização de campanhas de alfabetização e uma estratégia de controlar ideologicamente e organizacionalmente as massas rurais que sofriam influência direta de grupos de esquerda. (Wanderley, 1984, p. 49).

Analisando que o primeiro objetivo do MEB era ministrar educação de base para as populações das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País com a utilização do sistema de rádios das dioceses. "Entende-se como educação de base o conjunto dos ensinamentos destinados a promover a valorização do homem e o soerguimento das comunidades" (MEB, 1965, p19). Com um programa intensivo de alfabetização, seria possível tornar o homem sujeito do desenvolvimento, auxiliando os mesmos a "defender-se" de ideologias incompatíveis, como já vimos outrora.

Portanto, educação de base é considerado o mínimo fundamental de conhecimentos, conhecimentos esses capazes de sanar as necessidades individuais e ao mesmo tempo buscar alternativas para os problemas do coletivo. A UNESCO definiu o que seria educação básica em dez tópicos nos seguintes critérios segundo (Beisiegel, 1974, p. 81-82):

- 1) Desenvolvimento do pensamento e dos meios de relacionamento (ler e escrever, falar e ouvir, calcular);
- 2) desenvolvimento profissional (agricultura, trabalhos caseiros, edificação, formação técnica e comercial necessária ao progresso econômico);
- 3) desenvolvimento de habilidades domésticas (preparação de comida, cuidado das crianças e enfermos);
- 4) desenvolvimento de meios de expressão da própria personalidade em artes e ofícios;
- 5) desenvolvimento sanitário por meio da higiene pessoal e coletiva;
- 6) conhecimento e compreensão do ambiente físico e dos processos naturais (elementos científico-práticos);
- 7) conhecimento e compreensão do ambiente humano (organização econômica e social, leis e governos);
- 8) conhecimento das outras partes do mundo e dos povos que nelas habitam;
- 9) conhecimento de qualidades que capacitam o homem a viver no mundo moderno, como o são o ponto de vista pessoal e a iniciativa, o triunfo sobre o medo e a superstição, a simpatia e a compreensão para com as opiniões diferentes;
- 10) desenvolvimento moral e espiritual; fé nos ideais éticos e aquisição do hábito de proceder de acordo com eles, com a obrigação de submeter a exame as formas de condutas tradicionais e de modificá-las segundo o requeiram as novas circunstâncias. (Beisiegel, 1974, p. 81-82).

Notoriamente, percebe-se a necessidade não apenas do conhecimento em termos de ler, escrever entre outros, mas em desenvolver o humano em sua plenitude, deste conhecimentos voltados para higiene pessoal, bem como a compreensão da lógica de organização social, cultural e econômica. Tudo com princípios morais e éticos. O que ocasionaria a melhora no sistema de vida da população.

Em 1962, os objetivos do MEB passariam por uma transformação. Então o trabalho de educação de base seguiria as seguintes diretrizes:

- a) Alfabetização e iniciação em conhecimentos que se traduzam no comportamento prático de cada homem e da comunidade, no que se refere: à saúde e à alimentação (higiene); ao modo de viver (habitação, família, comunidade); às relações com os semelhantes (associativismo); ao trabalho (informação profissional); ao crescimento espiritual.
- b) Conscientização do povo, levando-o a: descobrir o valor próprio de cada homem; despertar para os seus próprios problemas e provocar uma mudança de situação; buscar soluções, caminhando por seus próprios pés; assumir responsabilidades de soerguimento de suas comunidades.
- c) Animação de grupos de representação, promoção e pressão. d) Valorização da cultura popular, pesquisando, aproveitando e divulgando as riquezas culturais próprias do povo (MEB, 1962, p. 10).

Redefinido os objetivos do MEB conforme notificamos, foi preciso repensar também o que seria considerado educação de base, assim sendo, reelabora-se o conceito de educação de base:

Considerando as dimensões totais do homem, entende-se como educação de base o processo de autoconscientização das massas, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade. Esta educação deverá partir das necessidades e dos meios populares de participação, integrados em uma autêntica cultura popular, que leve a uma ação transformadora. Concomitantemente, deve propiciar todos os elementos necessários para capacitar cada homem a participar do desenvolvimento integral de suas comunidades e de todo o povo brasileiro. (MEB, 1962, p. 11).

Redefinido os objetivos e apresentado a reelaboração do conceito de educação de base, passaremos agora aos termos quantitativos de abrangência do MEB que segundo Fávero (2004), o MEB 1961-1966, portanto em cinco anos de funcionamento e analisando os relatórios produzido pelas coordenações, afirma-se que aproximadamente 320 mil alunos concluíram o ciclo de alfabetização, 120 mil em 1963. Quando de fato encerram-se as atividades do MEB,

havia 29 emissoras que irradiavam programas e aulas do MEB, com isso estima-se que 5 a 8 milhões de pessoas direta e indiretamente atingidas por essas emissões. Entre 1961 a 1965, foram realizados 518 treinamentos para 13.771 monitores de escolas radiofônicas e animadores do grupo de base, com duração média de quatro dias por treinamento e estima-se que entre 1961 – 1963, o número de escolas radiofônicas variou de 2.687, em dezembro de 1961 ao máximo de 7.353, em setembro de 1963.

O MEB de fato foi um projeto transformador de realidades nas mais diversas áreas do território Brasileiro, outro dado importante é que ao final, o MEB acabou funcionando em 14 Estados da federação. Segundo Favero,

No início de 1964, ponto alto das estatísticas, o trabalho era realizado em 14 Estados: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e no Território de Rondônia. Nessas unidades da federação, funcionavam 60 Sistemas de Educação de Base e igual número de Equipes Locais, atingindo cerca de 500 municípios, em 1963. (Favero, 2004, p. 13)

Os números são um marco impressionante, o MEB em conjunto com as escolas radiofônicas sem o qual não teria condições de existência, afinal sem elas não haveria movimento, acabaram por ampliar as expectativas que promoveram a alfabetização e a educação de base nas atividades indispensáveis para a melhoria das condições de vida dos alunos e da comunidade, tornando-se assim um grande referencial de desenvolvimento através da educação. Leia-se aqui que sem as escolas radiofônicas não haveria movimento, pois o rádio era o meio que se fez necessário para que o ensino tivesse condições de ser proporcionado.

Para contextualizar faremos uso da citação retirada na entrevista do Historiador Afogadense Augusto Severo Martins,

O Movimento de Educação de Base, o MEB, e também das escolas radiofônicas. Foi um movimento que ocorreu aqui em Afogados da Ingazeira em 1961, já com o segundo bispo Diocesano, Dom Francisco; o primeiro bispo foi Dom Mota, que fundou a Rádio Pajeú, mas a instalação das escolas radiofônicas já foi com Dom Francisco, e consistia na distribuição de aparelhos de rádio, que chamavam 'cativo', e porquê Rádio Cativo? Porque era faixa única. Esse rádio pegava apenas a Rádio Pajeú, era sintonizado apenas com sintonia única e pilhas. Então a diocese distribuía os rádios em diversas unidades espalhadas pela zona rural do município e as pessoas, naquele horário determinado, iam ouvir as aulas através da Rádio Pajeú com a equipe de voluntários: eram pessoas mobilizadas, treinadas, capacitadas pela diocese

e que transmitiam as orientações através da rádio, que fazia chegar às comunidades pela rádio cativo. Então todo mundo naquele horário da aula ia se debruçar e ouvir as orientações; isto o que eu ouvi falar do Movimento de Educação de Base, que consistia em além de educar a população sobre seus direitos, também visava organizar a base e orientar a população sobre associativismo, cooperativismo e sindicalismo, então era um movimento realmente revolucionário. (Augusto Martins, agosto de 2023).

Devido ao nosso acesso aos livros de Tombo, percebemos que não existe uma escrita nos mesmos realizada pelo primeiro bispo. Temos já no livro de Tombo da regência de Dom Francisco os escritos dos processos e da aula inaugural que é exatamente o que consta na fala do historiador. Na verdade, ele nos faz visualizar toda a articulação necessária para que o conhecimento chegasse até a base. O conhecimento de letras, números, direitos, deveres, organização, o conhecimento amplo e irrestrito. O que o historiador vai chamar de “movimento realmente revolucionário”.

CAPÍTULO 2 – O CAMINHAR SOCIOLÓGICO PARA O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

2.1 O papel dos bispos do Nordeste nas décadas de 50 e 60 do século XX

Antes de adentrar e desenvolver umas poucas palavras sobre a efetiva participação dos bispos do Nordeste, faz-se necessário contextualizar a realidade desta região marcada por “cercas”. Segundo Dom Eugênio Sales (1963, pág. 49), na década de 50 para 60 do século XX, o nordeste tinha um contingente populacional de 25 milhões de pessoas, o que comparado com outros países do continente, o Nordeste seria o terceiro maior país da América Latina, ficando atrás apenas do próprio Brasil e México. Segundo Sales,

O Nordeste é uma área agrícola primária, com quase nenhuma indústria. Cerca de 60% das pessoas trabalham na agricultura. A pecuária é sempre difícil, pois as terras estão no semiárido, sujeitas a seca frequentes. A renda per capita no Nordeste é de apenas 100 dólares por ano, umas das mais baixas da América Latina. O sul e a região central do Brasil têm uma renda per capita três vezes superior. Isso nos leva ao problema, muito grave, da crescente desigualdade no desenvolvimento das diferentes regiões do país. (Sales, 1963, p. 24).

Esse é o contexto da região que ainda segundo Sales, “as massas pobres talvez representem 80% da população total” e 70% do total seriam analfabetos. Outro fator agravante e que precisa ser mencionado é o coronelismo presente na época e que até hoje se faz com nova roupagem. Segundo Schwarcz (2019), o coronelismo pós perda da sua natureza militar, passou a funcionar com um complexo sistema de negociação, entre o coronel e o estado e o estado por sua vez com a presidência. “O coronel corporificava um dos elementos formadores da estrutura oligárquica tradicional baseada em poderes personalizados e nucleados, geralmente, nas grandes fazendas e latifúndios Brasileiros.”

Após esta contextualização, passaremos a novos ares. Em 1952, ocorrerá a criação da CNBB. Segundo Santos (2014), dos nove bispos que darão origem a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, oito deles encontram-se no Nordeste, o único que ainda não se encontrava nesta região era Dom Helder Câmara, este era bispo adjunto na arquidiocese do Rio de Janeiro. Aqui se faz um adendo, em 1964 pouco antes do golpe civil militar que assolou o Brasil, Dom Helder Câmara é nomeado arcebispo da arquidiocese de Olinda e Recife.

Em 1952, após criada a CNBB o processo de articulação entre os bispos é facilitada, o objetivo de “coordenar e subsidiar as atividades de orientação religiosa, de beneficência, de filantropia e assistência social” em todo o território nacional. Uma vez que o território brasileiro é imenso, foi preciso criar uma organização para centralizar o poder, a organização e as decisões da igreja.

Uma das conquistas efetivadas pelo grupo de bispos do Nordeste ocorrerá em 1956. Segundo Sales (1963), “Anos atrás, atendendo a uma solicitação do Governo Federal, os bispos do Nordeste realizaram uma conferência com técnicos e representantes governamentais, para estudar melhoria para região”. O encontro dos bispos do Nordeste fora convocado pela CNBB e ocorreu na Cidade de Campina Grande, entre 21 a 26 de maio de 1956. O documento conhecido como: declaração dos bispos do Nordeste foi escrita a partir de seis temas fundamentais:

- a) Planejamento e investimentos b) Agricultura. Crédito Rural. Colonização.
- c) Serviços sociais e educativos. d) O problema da eletrificação do Nordeste e a contribuição da CHESF para sua solução. e) Programa de execução imediata. f) A Igreja em face dos problemas do Nordeste. (Rocha, 2014, p. 02).

A declaração dos bispos do Nordeste foi entregue ao então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek. Um dos êxitos obtidos deste encontro, deu-se três anos mais tarde com a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste conhecida por SUDENE e, não estaríamos sendo anacrônicos se disséssemos que sua criação será fundamentada nas crises sociais e interesses políticos.

A SUDENE foi criada em 1959, pela lei nº 3.692, de dezembro do mesmo ano, do Congresso Nacional, emanada de projeto do Executivo da União que, no curso dos debates e transações parlamentares, recebeu diversas emendas. (Oliveira, 1990, p. 115).

Das crises sociais, podemos destacar: um clima geral de insatisfação no que diz respeito à falta de garantias dos direitos primários (alimentação, saúde, educação, moradia) por parte do Estado, já que o mesmo a partir da década de trinta do século XX havia escolhido por uma política desenvolvimentista que não abrangia todo território nacional representando no máximo o papel de cuidar dos interesses da classe burguesa industrial e financeira brasileira. Porém dualmente também agradava a população, sobretudo a urbana, através de políticas populistas, mas essa crise deu-se pelo fato de que com o passar do tempo o estado deixou de ser dual para

definir-se nitidamente como reprodutor de mais-valia, esquecendo assim o povo gerando dessa forma uma insatisfação popular.

Contudo, destacamos aqui que o contingente populacional mais notoriamente insatisfeito encontrava-se na região Nordeste. Justifica-se, por exemplo, a criação das Ligas Camponesas (1955). Segundo o memorial das Ligas,

O movimento que se tornou nacionalmente conhecido como Ligas Camponesas iniciou-se, de fato, no engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, nos limites da região do Agreste com a Zona da Mata de Pernambuco. A propriedade congregava 140 famílias de foreiros nos quinhentos hectares de terra do engenho que estava de “fogo morto”. O movimento foi criado no dia 1º de janeiro de 1955 e autodenominou-se Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (SAPPP). Coube a setores conservadores, na imprensa e na Assembleia, batizar a sociedade de “liga”, temerosos de que ela fosse a reedição de outras ligas que, em período recente (1945-1947), haviam proliferado abertamente na periferia do Recife e nas cidades satélites, sob a influência do Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB). (Ligas camponesas, 1955).

Dessa forma, observamos a criação de um ressentimento em relação às áreas mais desenvolvidas do país, já que não podemos negar que esta região foi alvo de exploração e esquecimento por parte de governos nacionais e locais uma vez que outras regiões concentravam a maior parte das riquezas, ficando o Nordeste à deriva. Das muitas versões sobre a criação da Liga de Galiléia. Talvez a mais conhecida, e a mais lendária, atribuída à entidade é a de arrecadação de recursos para enterrar seus os mortos, até então depositados em vala comum. Esta versão, divulgada por Antônio Calado em suas célebres reportagens no Correio da Manhã (setembro de 1959), tiveram enorme repercussão pública. Outra versão, mais completa, nos diz que a sociedade recém-criada tinha finalidades assistenciais mais amplas cujo objetivo era gerar recursos comuns para a assistência educacional e de saúde, e para comprar adubos, com a finalidade de melhorar a produção.

Depois da denúncia feita pelo jornalista Antônio Callado, o economista Celso Furtado, durante o governo Juscelino Kubitschek, redigiu o chamado o Relatório Furtado no qual também denunciava as condições acima anunciadas e a seca com todo seu cortejo de miséria. (Marques, 2011, p. 50)

O intuito do relatório era pressionar o governo a tomar providências quanto ao DNOCS (Departamento Nacional de Obras contra as Secas) para solucionar problemas causados pela

seca, mas estava sendo usado em virtude de interesses de uma elite local. Nesse relatório, Furtado coloca como saída à criação da SUDENE (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste), órgão que responderia diretamente ao presidente, que serviria para fiscalizar os órgãos já existentes, bem como desenvolver novos: coordenar, planejar: rever conteúdo. Kubitschek logo aceitou a proposta, enviou-a ao Congresso Nacional, que aprovou a criação da SUDENE, após muita luta.

O primeiro Plano de Diretrizes surgiu em 1961, dois anos depois da criação do órgão, por uma série de questões políticas e eleitorais. Desde o relatório, a SUDENE tinha como estratégias de ação:

1 - Uma política de industrialização para a área; 2 - Um projeto de colonização que transferiria gente para fora do Nordeste superpovoado; 3 - Uso mais racional de terras na zona açucareira; e 4 - Uma política de irrigação que estimulasse uma crescente produção de alimentos no sertão. (Page, 2010, p. 23).

Quanto aos recursos, aprova-se a presença de incentivo por parte do capital estrangeiro, mais especificamente estadunidense. Capital que foi conseguido por Furtado em função de muita luta, mas também por muito interesse político já que o Nordeste Brasileiro constituía uma ameaça política ao resto do Brasil e aos Estados Unidos.

Portanto, a ajuda dos EUA para a execução das estratégias da SUDENE foi totalmente interesseira, no sentido de investir na garantia de melhores condições de vida para o povo. Esta estratégia política será implantada a partir dos Centros de Trabalho da Aliança para o Progresso²². (Marques, 2011, p. 52).

Contudo, encerraremos esta breve exposição sobre a SUDENE levando em consideração uma colocação feita por Callado aos correios Brasiliense em 1959 que seria conhecida em todo o país como: “a loteria mais fantástica do mundo” essa afirmação feita por ele, baseava-se no enriquecimento dos proprietários do Sertão, quanto à construção de açudes em suas propriedades que eram escolhidas mediante a “amizade” exercida pelos mesmos com

²² Segundo PAGE (1972). Em a revolução que nunca houve: A Aliança para o Progresso foi um projeto político executado pelo governo dos Estados Unidos durante a presidência de John F. Kennedy. O objetivo era integrar os países da América nos aspectos político, econômico, social e cultural frente à ameaça soviética, vista como um regime comunista no continente.

os políticos locais e que tinha como mão de obra trabalhadores rurais e urbanos sem nenhuma condição de criar suas famílias, a não ser trabalhar com situação análoga a escravos, segundo (Marques, 2011).

Notoriamente, a igreja se fez presente no Nordeste, na década de 50 do século XX através do SAR – Serviço de Assistência Rural – que tem início em Natal – RN, sendo o princípio do que seria, dois anos mais tarde, a ação educativa conhecida como Escolas radiofônicas e Movimento de Educação de Base – MEB. O MEB em sua essência é modelado a partir do SAR. Como foi externada outrora, essa experiência foi baseada na experiência do povo Colombiano. Tendo no Brasil seu primeiro idealizador Dom Eugênio Sales. Comum naquela época os sistemas de rádio serem ligados à igreja, os bispos do Nordeste organizaram uma proposta de alfabetização em massa na região Norte e Nordeste principalmente.

Tal proposta foi aceita pelo governo, ficando assim: o Estado financiaria equipamentos e manutenção de modo geral, a igreja forneceria o Sistema de rádios e pessoal treinado para alfabetizar a população rural, uma vez que, na área urbana já havia escolas. Contudo, alfabetizar estava em segundo plano, segundo Dom Francisco em entrevista a Alessandro Palmeira em 2009:

Para nós não era mais importante aprender a desenhar o nome. O Rei Carlos Magno nunca assinou o nome e dominou o mundo, a Europa inteira. Antigamente os reis possuíam um anel que tinha suas armas, com o qual assinavam-se os documentos. Ainda há a expressão: “assinado sob minhas armas e anel” nossas aulas tinham como objetivo fundamental conscientizar as pessoas de que são pessoas, gente capaz, não são escravas, não são bichos. Ensinávamos sobre cidadania, o que era uma cooperativa, um sindicato. (Palmeira, 2009, p. 46)

Como vemos, o movimento não se configurava apenas em alfabetizar. Em outros registros, é possível encontrar falas de Dom Francisco reafirmando que o Movimento de Educação de Base foi o responsável pela criação do sindicalismo na Região do Pajeú. A exemplo da entrevista concedida pelo mesmo por ocasião dos seus 80 anos natalícios. “O MEB e as escolas radiofônicas foi a grande arma que tivemos, muitos sindicalistas advêm dessa base”.

2.2 Diocese de Afogados da Ingazeira e a Rádio Pajeú de Educação popular

A diocese de Afogados da Ingazeira foi criada estrategicamente para acompanhar o rebanho da Região, visto que, em Pernambuco havia apenas cinco Dioceses. Floresta era a

mais antiga (1910), seguida de Garanhuns, Nazaré da Mata e Pesqueira, as três criadas pela mesma Bula papal²³ de 02/08/1918 e Petrolina criada em 30/11/1923. A maior parte da região que hoje pertence à Diocese de Afogados da Ingazeira estava sob o comando da Diocese de Pesqueira e algumas Cidades como Serra Talhada e Mirandiba, sob o governo da Diocese de Floresta.

Para a instauração da mesma, contou-se com a participação do Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara²⁴. Sendo o mesmo responsável por muitos benefícios na Região como por exemplo a passagem da rede ferroviária que tinha outro percurso e devido à influência dele, mudou a sua trajetória. De início, este deveria ser o percurso: após Arcoverde deveria ir para Algodões, Custódia e Flores, mas devido sua influência assim ficou o percurso: Arcoverde passaria por Sertânia, Iguaracy, Afogados da Ingazeira, Carnaíba e Flores. O restante do trajeto permaneceria o mesmo: Calumbi, Serra Talhada, Mirandiba e Salgueiro (Figura 1).

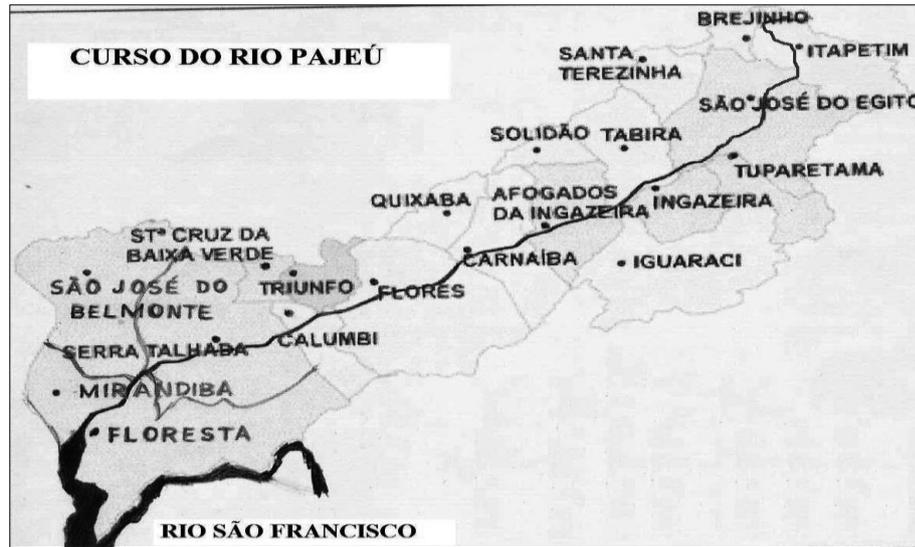
Segundo Pe. Orlando Bezerra (2011), no ano de 1957, estava previsto por Roma criar uma diocese com sede em Serra Talhada, entretanto, o Monsenhor Arruda com grande prestígio junto à Santa Sé, utilizando-se do argumento que Afogados da Ingazeira geograficamente seria o meio do Vale do Pajeú, sendo possível um melhor deslocamento. Uma vez que, na necessidade do bispo desloca-se por exemplo para Brejinho – PE, saindo de Serra Talhada para Brejinho seriam 160 km, mas de Afogados da Ingazeira para a última

23 Bula Papal - Documento selado com o timbre do papa, onde ele se manifesta sobre determinado assunto administrativo da Igreja, seja de cunho religioso ou político, o nome vem do selo em formato redondo que chancela o documento, bula em latim quer dizer círculo. A Bula pode se referir a qualquer assunto de interesse do papa, desde a designação de um bispo até a definição de um dogma da Igreja. Para uma visão mais acurada consultar o site do vaticano. www.vaticano.com.br.

24 Monsenhor Alfredo Bezerra de Arruda Câmara - Nascido em Ingazeira (atual Afogados da Ingazeira), Sertão de Pernambuco, em 8 de dezembro de 1905, Alfredo de Arruda Câmara ingressou, aos 14 anos de idade, no Seminário de Olinda, pelo qual se formaria em Direito Canônico, em 1925. Obteve o doutorado em Filosofia na Academia de São Tomás de Aquino, em Roma, onde se ordenou sacerdote e onde se doutorou em Teologia Dogmática, pela Universidade Gregoriana. Exerceu suas atividades sacerdotais no Interior de Pernambuco e ensinou Latim e História da Filosofia, no Seminário de Olinda. Revolucionário em 1930 passou a ter ativa participação política. Constituinte em 1934 e deputado federal, por Pernambuco, de 1935 a 1937, na legenda do Partido Social Democrático (PSD), desempenhou importante papel de articulador político. Ficou conhecido como "o padre-jagunço do Pajeú", por andar sempre armado. Morreu no Rio de Janeiro, em 21 de fevereiro de 1970. www.alepe.pe.gov.br/.../PadreArrudaCamara.

cidade seria 100km.

Figura 1 – Mapa do curso do Rio Pajeú



Fonte: Foto retirada dos arquivos físicos do SORPE.

Ainda segundo Pe. Orlando Bezerra em entrevista concedida em (2011) vale ressaltar que naquela época não haviam nem estradas, nem automóvel na região e o meio de transporte era unicamente o “lombo de animal”, com a sede no centro do mapa facilitaria para ambos os lados o deslocamento do bispo e padres na comunicação entre a sede episcopal e as paróquias. Além da questão geográfica, que não podemos considerar determinante, outro argumento forte para o quesito criação da diocese, foi externar que em Floresta já existe uma diocese e não teria sentido duas sedes diocesanas em municípios vizinhos - Serra Talhada e Floresta - em pleno sertão pernambucano. Estes argumentos foram cruciais em defesa de Afogados da Ingazeira, sua terra natal.

Instaurada a diocese, era necessário que Roma encaminhasse um bispo para o pastoreio. Foi então que, em 28 de abril de 1957, na Cidade de Nazaré da Mata, recebia a ordenação episcopal aos 43 anos de vida, o Jovem Dom João José da Motta⁴, que em 19 de maio do mesmo ano chegou a Afogados da Ingazeira, para tomar posse como bispo diocesano da recém Diocese. Com a chegada de Dom Motta, a diocese acertava seus primeiros passos, demonstrando ser um bispo evoluído para a época, o que hoje chamaríamos de progressista²⁵, segundo Bezerra

²⁵ Favorável ao progresso, às transformações ou às reformas, especialmente nos campos político, social e/ou econômico.

(2011). Dom Mota conhecedor e admirador do rádio no Brasil, estudou a possibilidade de implantar um sistema de rádio, com o objetivo de ser instrumento de evangelização e conscientização, alcançando lugares de difícil acesso, lugares que por vezes a igreja não seria presença constante.

O rádio é uma das mídias mais influentes e poderosas do século XX, desempenhando um papel fundamental na disseminação de informações, entretenimento e cultura. No Brasil, o rádio teve um desenvolvimento significativo, desencadeando uma revolução na forma como as pessoas se comunicavam e consumiam conteúdo. Segundo Gilioli (2008), uma figura crucial nesse contexto foi Edgar Roquete Pinto²⁶, um pioneiro que desempenhou um papel fundamental no estabelecimento e crescimento do rádio no país.

No Brasil, a primeira entidade a proporcionar a possibilidade de transmissão de mensagens por ondas eletromagnéticas surgiu na cidade do Recife em 1919. Em 6 de abril daquele ano, o Rádio Clube de Pernambuco, é criado por um grupo de “amadores de radiotelegrafia”, conforme consta do diploma aprovado algumas semanas depois, no dia 27. Naquele momento, a programação consistia basicamente em músicas e barulhos. Eram transmissões únicas, sem horário fixo, os ouvintes guiavam-se pelo horário publicado nos jornais. A rádio transmitia operetas, conferências de professores e recitais de poesia. Gilioli (2008).

Não há ou ainda não foram encontrados relatos históricos sobre o início da construção do prédio onde outrora encontrava-se o transmissor, o que sabemos e encontra-se no livro de tomo é que, naquela época não se tinha “luz de Paulo Afonso” que a energia da Cidade era termoelétrica, ou seja, fornecida por um motor. A mesma não daria como suportar a rádio o dia inteiro, sendo assim, o então primeiro bispo diocesano de Afogados da Ingazeira Dom Mota adquiriu um gerador para a rádio sanando essa dificuldade.

²⁶ Nasceu em 1884 formado em medicina é considerado o pai da radiodifusão brasileira. Foi professor e pesquisador, Roquette-Pinto, se constitui em figura de extrema importância como pesquisador na área educacional do rádio e do cinema. Pensou o uso desta tecnologia dentro de um processo educacional. Em um país onde a maioria da população era analfabeta, Roquete Pinto pensou o rádio como um instrumento ideológico e político muito forte. Para aprofundamento consultar <https://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D198/biografia>.

Portanto, em 04 de outubro de 1959 o Bairro de São Francisco de Assis era atravessado por fios rumo o Cineteatro São José de onde realizou-se a primeira transmissão da rádio que seria conhecida como: Rádio Pajeú de Educação Popular ZYI 779 - 1500 quilometres. Quem é da região ao ler esta última frase, certamente o fará cantando conforme sua propaganda durante décadas. Grande conquista em todas as esferas foi a rádio. Como podemos analisar na citação abaixo:

“Para que se tenha ideia da importância daquela data para a radiodifusão do Estado, Pernambuco tinha em 04 de outubro de 1959 pouquíssimas emissoras. A rádio Clube de Pernambuco (1923); a Rádio Jornal do Comercio (1948); a Rádio Tamandaré (1951); as Rádios Jornal de Garanhuns, Caruaru e Pesqueira (1952), a Rádio difusora de Limoeiro (1952); a Rádio Olinda (1953); e a Rádio Continental do Recife (1958). A Rádio Pajeú, portanto, foi a décima emissora de Pernambuco, primeira Diocesana do Sertão do Estado. Não é difícil, portanto, explicar porque a Rádio Pajeú ajuda a contar a história da radiodifusão do país. (Galindo, 2011, P. 18)

Portanto, a Rádio Pajeú de Educação foi a 10ª emissora de Pernambuco e a primeira emissora pertencente a uma diocese que também é proprietária do Cine Teatro São José que até hoje é um dos espaços de entretenimento da Cidade.

Segundo Patriota,

Rádio Pajeú, vinda com Dom Mota, já nasceu diferente. Rádio Pajeú de Educação Popular, rádio com esse sentido, com essa missão de educar nosso povo da região; compromisso com a verdade, com a justiça, são princípios orientadores já que a maioria dos veículos de comunicação, todos, têm um dono. E esse dono é membro de uma classe política de dominação; então vamos orientar o povo; quebrar essa corrente não é coisa fácil, mas a rádio teve esse papel fundamental de denunciar as injustiças, as coisas erradas e integrar pessoas, as pessoas assustadas e individualistas; a Rádio Pajeú teve esse papel de disseminar e dar oportunidades. (José Patriota, agosto de 2023).

O referencial maior que Dom Mota tinha era baseada na experiência da Cidade de Natal-RN, que tinha uma rádio e um movimento de leigos, padres, bispos entre outros que ficou conhecido como o Movimento de Natal - RN, que teve como precursor Dom Eugênio Sales é desse movimento que emergiu o SAR - Serviço de Assistência Rural (1949), cuja missão era atuar na área rural. Segundo Sales (1963) O SAR era agrupado por setores e um deles concentrava-se na conscientização e educação e, dentro deste, estava inserido o que viria a ser em 1961 as escolas radiofônicas e o Movimento de Educação de Base, seguido de treinamento de lideranças, politização. Contava também com assistência imediata sobre

Cooperativismo; Associativismo e Sindicalismo Rural.

Essa foi a base que fez com antes do final da década de 50 do século XX, abrolha-se no Sertão Pernambucano a Rádio Pajeú de Educação Popular, a décima rádio de Pernambuco e a primeira diocesana. Ressalta-se que a diocese tinha apenas dois anos de existência.

Progressista, Dom Motta, assim como Monsenhor Alfredo deu sua significativa colaboração para o desenvolvimento regional, lutava para dar dignidade e reconhecimento ao povo trabalhador. A criação da Rádio servirá de instrumentalização e conscientização política, moral e ética para os sertanejos. Em 1961 iniciaria-se o MEB e o meio utilizado era a rádio, por essa razão: Escolas Radiofônicas. Dom Mota não permaneceu na Diocese para ver este trabalho, foi transferido para a Cidade de Sobral, e coincidentemente de Sobral, viria o novo pastor diocesano.

Em 17 de Setembro de 1961, chegou a Afogados da Ingazeira, para ser empossado e dá prosseguimento ao trabalho de pastor da Diocese, o senhor bispo D. Francisco Austregésilode Mesquita Filho que recebeu de Dom Mota a responsabilidade de cuidar do rebanho e da Rádio Pajeú. *O Profeta Sertanejo*, como será conhecido anos mais tarde, percebeu na Rádio Pajeú um meio imprescindível para evangelizar e sensibilizar. Daí surge à análise comum de que a politização do povo sertanejo muito se deve a D. Francisco e as mensagens que ele levava através do seu programa²⁷.

Como tudo é imprensa, é de fundamental importância para construção da opinião pública, para divulgação das notícias, torná-las conhecidas pelas pessoas, Dom Francisco viu na Rádio Pajeú uma importância capilar para o Sertão do Pajeú. É um veículo de comunicação pioneiro na região que além de trazer informações de outros lugares, fez circular as informações do próprio Pajeú dentro do Pajeú.

A Rádio Pajeú ganha uma notoriedade, também, porque ela traz em seu conteúdo uma proposta de evangelização a partir da realidade das pessoas, a

27 Programa A nossa palavra – programa que Dom Francisco apresentava na Rádio Pajeú de Educação Popular, onde respondia sempre com uma palavra de pastor as indagações dos diocesanos.

partir da experiência de vida do povo do Pajeú, trazendo o evangelho lido pelas vozes das pessoas que vivem nessa realidade e encontram nas páginas do evangelho respostas para sua vida. Não é uma rádio que lê o evangelho a partir de uma ótica fundamentalista, mas a partir de uma ótica construtiva da vida em comunidade. A Rádio Pajeú ainda se torna importante para a Região do Pajeú porque é um veículo de comunicação que produz conteúdo e, nesse conteúdo, prima pela verdade. É uma rádio que ajuda no crescimento, elaboração e difusão de uma cultura voltada para a vida em dignidade. Sendo assim para a região e para o povo do Pajeú o veículo de comunicação que torna-se a voz do próprio povo, na qual as pessoas manifestam os seus anseios, os seus clamores, as suas dores. A Rádio Pajeú ela se torna para todos nós uma [espécie de] grande ouvidoria a serviços das autoridades públicas, civis e religiosas. (Josenildo Nunes, agosto de 2023).

A rádio como instrumento de conscientização, ganharia um suporte ainda maior com a chegada do Movimento de Educação de Base - MEB, um organismo vinculado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, constituído como sociedade civil, de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro no Distrito Federal. Tem sua fundação datada de 21 de março de 1961 e chegando nesta diocese ainda no mesmo ano para auxiliar na educação do povo. Teve no Pajeú grande aceitação e, aos poucos, a região conhecia este Sertanejo por missão e opção. Sobre as Escolas Radiofônicas, daremos mais ênfase no próximo tópico.

Aqui teremos a continuidade do desenvolvimento da Região, através da Igreja particular no Pajeú do Movimento de Educação de Base e as escolas radiofônicas. Outro ponto importante para a Igreja particular do Pajeú segundo Dom Francisco foi a participação do dele enquanto Bispo Diocesano no Concílio Vaticano II, iniciado pelo Papa João XXIII.

Os ventos novos sopraram sobre o Pajeú, com a chegada do Concílio Vaticano II. A Necessidade de reavaliar algumas posturas da igreja, para que ela tivesse como acompanhar o desenvolvimento do mundo moderno, uma sociedade que crescia sobre muitos valores, a referência de valor aqui é desigualdade social vivenciada na época, onde poucos concentram grandes riquezas e muitos a força de trabalho que aumenta a riqueza desse pouco. O papa João XXIII convoca o Concílio Vaticano II.

Este concílio trouxe em si algumas particularidades, dentre elas a reafirmação da Igreja na verdadeira opção pelos pobres, já que a mesma apesar de em algumas encíclicas como *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII (que trata da questão dos operários) demonstrar esse interesse, não havia por assim dizer assumido com clareza tal postura. O Concílio é o princípio, uma vez

que, a opção pelos pobres será assumida com mais clareza e força na Conferência do Episcopado Latino-americano de Medellín, em 1968.

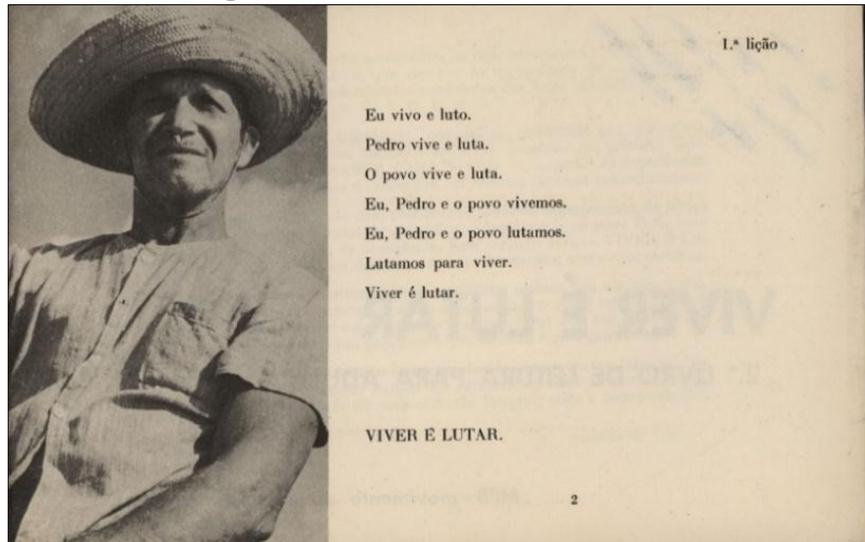
Em 11 de setembro de 1962, quando os bispos latino-americanos faziam as malas para viajar para Roma, ouviram o papa João XXIII falar, pela rádio, de alguns “pontos luminosos” relativos ao Concílio. E, no contexto de que “a Igreja sente o dever de honrar suas responsabilidades diante das exigências e necessidades atuais dos povos”, ouviram-no dizer:” Outro ponto luminoso: diante dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se tal como é, e quer ser a igreja de todos, mas, particularmente, a igreja dos pobres. (Vigil, 2007, p. 50).

Aberta as portas do Concílio, havia um grande caminho a ser percorrido: era chegada a hora dos pobres. “Esta é a hora dos pobres, dos milhões de pobres que estão por toda a terra: esta é a hora do mistério da igreja mãe dos pobres, esta é a hora do Mistério de Cristo no pobre”, [dizia] Cardeal Giacomo Lercaro (Vigil, 2007, p. 51). O que de fato mudou o cenário da Igreja no mundo foi o Pacto das Catacumbas²⁸ que influenciou diretamente a teologia da libertação e, dentre os bispos Brasileiros, ganharia destaque Dom Hélder Câmara, pelo trabalho que desenvolvia em Olinda e Recife, além de Dom Francisco A. Mesquita Filho, da Diocese de Afogados da Ingazeira; e Dom José Maria Pires, da Arquidiocese da Paraíba - PB, que viveram conforme o pacto ao qual aderiram.

Dom Francisco voltou para sua diocese com a vivência do Concílio Vaticano II, o pacto das catacumbas e a *Gaudium et Spes*, com as aspirações do homem de hoje que o influenciou de forma definitiva. Trouxe então em sua bagagem proposições para resolução dos problemas experienciados pelo povo sertanejo, principalmente na área da seca, que desencadeava fome e miséria. Nesses termos, duas ideias apresentam-se com mais eloquência, a primeira delas é a continuidade das escolas radiofônicas e a segunda é a criação do sindicalismo no Pajeú. Era preciso primeiramente ensina-los a ler e escrever para que soubessem o que estavam fazendo. No material distribuído pela nacional (as cartilhas) todas as atividades a que os alunos tinham acesso eram carregadas de significado (Figura 2).

28 Pacto das Catacumbas como ficou conhecido, nada mais é do que um documento feito e assinado por 40 bispos conciliares participantes do Concílio Vaticano II, na Catacumba de Domitila após a celebração eucarística. Muitos eram bispos e padres latino-americanos. O documento tem por base 13 itens, dentre eles, viver na pobreza, rejeitando os símbolos e privilégios que o poder concedia, colocando os pobres no centro do seu ministério.

Figura 2 – Cartilha “Viver é Lutar”, ano 2.



Fonte: Acervo CEDIC.

Acima, a primeira lição da cartilha viver é lutar. Todas as trinta lições presentes, apresentam uma forma de resistência. As últimas cartilhas por exemplo, apresentam formas de organização em associações, cooperativas entre outras. Demonstrando o que ora já foi externado neste material. Que as escolas radiofônicas foram determinantes na construção da forma de organização da sociedade rural, permitindo que a mesma tivessem conhecimento e acesso para reivindicar. No próximo subtópico externaremos sobre o funcionamento de uma escola radiofônica.

Aqui faremos uma ressalva a tempo, desde o início da pesquisa acreditávamos que essa cartilha havia sido confeccionada pela nacional, mas em meados de julho de 2023 em pesquisa recente já próximo da conclusão desta escrita encontramos no arquivo Fórum de Educação de Jovens e Adultos e achamos por bem colocar aqui que, segundo o Dr. Osmar Fávero maior referencial do Movimento de Educação de Base e as Escolas radiofônicas, inclusive é ele que torna em objeto de estudo das ciências sociais. O mesmo elenca dois pontos importantes:

O primeiro, trata-se do material didático utilizado nas comunidades pela escola radiofônica, esses materiais foram um reaproveitamento dos materiais descartados de outras campanhas que foram realizadas pelos governos ex.: Campanha Nacional de Educação Rural – CNER cujo escrita sobre a mesma encontra-se no segundo capítulo.

O segundo ponto que se apresenta é: A cartilha viver e lutar foi produzida pelo Governo do Estado de Pernambuco que na época tinha sob seu comando o governador Miguel Arraes de Alencar²⁹. No seu governo Arraes como era conhecido implantou programas de destaque na área de educação e no setor rural. Como exemplo, destacamos o Acordo do Campo, assinado em seu gabinete, teve como princípio a implantação de relações trabalhistas mais justas dos canavieiros com os donos de usinas. Arraes tornou-se um dos políticos mais respeitados do país. Ele no início do golpe civil militar foi um dos primeiros presos políticos, sendo destituído do seu cargo de governador do Estado de Pernambuco e tempos depois exilado com toda família para Argélia (Segundo o site do Governo de Pernambuco).

Para falar no Movimento de Educação de Base é preciso conhecer o meio que foi utilizado para que este fosse eficaz em seu objetivo. Estamos falando das escolas radiofônicas, cujo maiores detalhes serão descritos, narrados, tornados conhecidos no próximo subtópico deste trabalho.

2.3 Escolas radiofônicas

Uma escola radiofônica é uma instituição educacional que utiliza o rádio como ferramenta central para o ensino e a disseminação do conhecimento. Através desse meio de comunicação, os conteúdos educacionais são transmitidos em formato de programas radiofônicos, abrangendo uma ampla variedade de temas. Essas escolas têm como objetivo alcançar um público diversificado e, muitas vezes, em áreas remotas onde o acesso à educação tradicional pode ser limitado. Segundo Ferraro (2019), os programas da escola radiofônica são cuidadosamente planejados e produzidos para garantir que sejam educativos, envolventes e relevantes para o público-alvo. Os ouvintes têm a oportunidade de aprender por meio de aulas, debates, entrevistas e histórias com conteúdo educacional.

²⁹ Miguel Arraes de Alencar (1916 – 2005) foi um dos maiores líderes políticos da história do Brasil, secretário de estado, deputado estadual, deputado federal e governador do estado de Pernambuco em três ocasiões. Arraes foi também líder partidário de destaque, tendo presidido o Partido Socialista Brasileiro entre 1999 e 2005 ano de sua partida. Na época da ditadura civil militar, Arraes era o governador do Estado de Pernambuco. Ele e toda família foram exilados para a Argélia. Em 1974 Arraes denuncia o Brasil no O Tribunal Russell II para uma visão acurada consulte: <https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/miguel-arraes-de-alencar>.

No Brasil elas têm uma história rica e desempenharam um papel fundamental na promoção da educação e cultura no país. Segundo Sales (1963), elas surgiram em meados do século XX como uma alternativa para levar a educação a regiões remotas, onde o acesso às escolas formais era limitado ou inexistente. Através das ondas do rádio, essas instituições educacionais alcançaram milhares de pessoas.

Na região conhecida por Nordeste a Igreja Católica, se fez presente desempenhando um papel significativo na promoção e implementação das escolas radiofônicas. Principalmente na década de 60 do século XX, a igreja foi uma das instituições que abraçou a ideia de utilizar o rádio como meio de disseminação de conhecimento e educação, uma vez que, os transmissores de rádio pertenciam às Dioceses.

No entanto, segundo Ferraro (2019) as escolas radiofônicas não eram exclusivamente promovidas pela Igreja Católica, mas sim por diversas instituições e organizações, tanto públicas como privadas, que buscavam democratizar o acesso à educação e levar conhecimento a todos os cantos do país. O uso do rádio como meio educacional foi uma forma inovadora e inclusiva. O Movimento de Educação de Base (MEB) esse sim foi criado pela Igreja Católica, no início de 1961, com o objetivo de desenvolver um programa educacional, por meio de escolas radiofônicas, junto às populações das áreas rurais consideradas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país.

Antes de adentrar mais sobre as escolas radiofônicas é preciso pensar como a mesma funciona, de que forma as ondas dos rádios chegam a determinados pontos específicos, lugares em que o acesso só é realizado em lombo de animal e/ou a pés.

Segundo Sales (1963), a escola opera a partir de dois pontos: um transmissor e um receptor. É através de um transmissor de rádio que os conteúdos pedagógicos adaptados à população rural são encaminhados a todas as escolas, compreendendo por escolas – espaços, galpões, salões paroquiais, sala das casas das monitoras e, até mesmo, pequenas capelas. Do outro lado, o receptor de rádio, cativo (só é capaz de transmitir aquela frequência), localizado nos espaços já mencionados. Nesses lugares encontra-se também uma voluntária que ficará conhecida como monitora, ela é responsável por intermediar a fala do professor, distante, e os alunos espalhados pelas diversas escolas das comunidades rurais.

É o monitor que fica com o pequeno rádio transmissor e através dele recebe do transmissor as instruções das lições que constam nos livros previamente distribuídos entre os alunos, ali aquela sala transforma-se em fonte de ensino. No estúdio da emissora, o professor fornece as instruções. Nas comunidades os monitores com o auxílio das cartilhas e de um quadro negro repassa os conteúdos falados, onde eles se encontram em seus livros. Em muitos casos, fazia-se necessário ensinar até o modo de posicionar as mãos para escrever. Em todos os espaços de escola mantinha-se a mesma estrutura: sala grande, lampião a gás, quadro negro, giz e cartilhas. (Sales, 1963, p. 102).

No Brasil, a primeira experiência ocorreu na Diocese de Natal - RN no final da década de 50 do século passado. Através do então conhecido Movimento de Natal - RN. Na época em questão, o então arcebispo Dom Eugênio Sales, tomou ciência que na Colômbia o padre Salcedo ensinava a população local através das ondas de rádio. Segundo o documentário: 70 anos do SAR – Serviço de Assistência Rural, Dom Eugênio Sales foi conhecer a experiência em solo Colombiano, ao retornar desenhou um programa sistemático e organizado de educação básica para as comunidades rurais da arquidiocese, colocando em prática o mesmo.

Um ano depois com o apoio de outros bispos levou a proposta para a CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, para que através das rádios das dioceses o programa fosse implementado. Havia uma grande preocupação por parte da igreja do expressivo número de analfabetos na região que hoje conhecemos por Nordeste, não ficando distante também o Centro-Oeste.

Aqui se inicia o movimento de Natal – RN em termos de organização de educação básica, estímulo a associações, cooperativas e Sindicatos de Trabalhadores Rurais. O SAR – Serviço de Assistência Rural representava o trabalho educativo dos leigos no meio rural. As escolas radiofônicas passam a funcionar. Segundo Dom Eugênio Sales,

As escolas radiofônicas funcionam em grande parte devido à colaboração da comunidade na qual se integram. Por exemplo, os monitores são voluntários, se tivéssemos que pagar os mais de 2.000 que trabalham, seria impossível executar o programa com os recursos disponíveis. As escolas então, às vezes, em edifícios públicos como centros sociais ou escolas primárias. Mais frequentemente, funcionam em casas de monitores ou de alunos. Às vezes, se não houver móveis, os alunos sentam-se no chão. (Sales, 1963, p. 102)

A partir do final da década de 50 do século XX foi sem dúvidas uma grande reviravolta na história do Pajeú. Como vimos anteriormente, a instalação da Diocese de Afogados da Ingazeira instaurada através da bula papal em (1957), seguida da fundação dos transmissores

da Rádio Pajeú de Educação Popular em (1959), essa que por sua vez seria o meio utilizado pelo Movimento de Educação de Base - MEB para levar educação de modo amplo as comunidades rurais. Em entrevista realizada com o Padre Josenildo Nunes o mesmo argumentou,

Um grande trabalho realizado no passado pela Rádio Pajeú foram as escolas Radiofônicas. O nosso país, por muito tempo, viveu com um contraste entre aqueles que tinham acesso à escolaridade e aqueles a quem a escolaridade era negado o acesso; e com isso o índice de analfabetismo na nossa região, em especial no Nordeste e na área rural do Nordeste, eram números exorbitantes. Muitos programas foram feitos para combater o analfabetismo, mas nenhum se comparou ao projeto das Escolas Radiofônicas. Essas escolas puderam chegar a núcleos, principalmente na zona rural, onde buscava-se alfabetizar os agricultores e agricultoras em seu próprio meio. E principalmente, sendo pioneira no uso pedagógico do método Paulo Freire: educar a partir da realidade das pessoas. A Rádio Pajeú realizou esse projeto na região do Pajeú, em muitas cidades e em muitos núcleos. Numa época que era extremamente difícil, que era a ditadura popular, a ponto de todos os equipamentos radiofônicos que eram utilizados como instrumentos no processo de alfabetização foram recolhidos pelos militares para que desse fim a esse projeto que tirou da ignorância e do analfabetismo inúmeros nordestinos, inúmeros trabalhadores e trabalhadoras do campo e também da cidade. Dessa maneira a Rádio Pajeú contribuiu profundamente com o processo social, democrático do ensino e do conhecimento para aqueles que esse acesso era negado drasticamente. (Josenildo Nunes, agosto de 2023).

Não diferente de outros espaços geográficos, a Região do Pajeú Pernambucano apresentava um alto índice de analfabetismo, de concentração fundiária apesar de pequenos e a dependência da grande maioria de sua população no poder das oligarquias. Soma-se a isso as secas sertanejas avassaladoras que acometiam a região. Já dizia Dom Francisco: “A fome é uma péssima conselheira” (Diocese, Livro de Tombo, 1964)

Como resultado, muitos se deslocaram para os grandes centros urbanos no intuito de trabalhar e enviar dinheiro a família que ficava, muitos deles nunca voltaram e suas esposas ficaram conhecidas como: viúvas de marido vivo ou popularmente: viúvas da seca³⁰. Porém, a liberdade por parte dessa população de agricultores acontece com a educação, assim como pensava Gramsci em seus escritos conhecidos como caderno do Cárcere (2022) que o processo educativo é o que potencializa e empodera os sujeitos. A educação torna-se dimensão

³⁰ Para uma visão mais acurada sobre os termos mencionados recomendamos didaticamente assistir a reportagem do Fantástico de 1983 - <https://www.google.com/search?q=viuvas+da+seca+fantastico>.

estratégica na luta pela transformação social. O modelo de educação defendido por ele e por Freire era pautado na emancipação humana, no reconhecimento do homem em sua integridade.

Não diferente de outras regiões do país, na década de 60 do século XX, o índice de analfabetismo era avassalador e as poucas escolas existentes estavam localizadas na Zona Urbana do Município. Dificilmente, havia deslocamento por parte da população rural para o dito grande centro, um dos fatores era as condições das estradas, outro era o pouco interesse apresentado pela população, uma vez que, vivia-se para o trabalho nas plantações, cujo núcleo familiar era o centro. É comum um dito popular do povo sertanejo: “foi Deus que quis assim”, como se eles quisessem explicar a situação de pobreza pela vontade do divino, “eu nasci assim, vou morrer assim”. O povo que nasce no sertão é em sua maioria um povo de muita fé, na região do Pajeú segundo Tenório (2020) desde da origem da Cidade de Afogados da Ingazeira até a década de 80 do século XX, mais de 90% da região professava a fé católica e tinha na figura da igreja uma palavra de verdade quase que absoluta.

Através das escolas radiofônicas, é possível vislumbrar a interface entre esse passado – da utilização do rádio como instrumento pedagógico básico e analisar a ascensão tecnológica que ocorrerá em menos de meio século, escutar é o método pelo qual a maioria das pessoas aprende. Durante muitos séculos e ainda hoje em algumas regiões do planeta, a exemplo da África, ou até mesmo das comunidades de povos originários isolados as tradições culturais, as memórias e os saberes tradicionais ocorrem pela fala, pelo diálogo. Na década de 60 do século XX, foi através das ondas dos rádios que muitos agricultores receberam a educação básica.

A experiência das Escolas Radiofônicas e o MEB foi o marco inicial para que os agricultores tivessem consciência dos seus direitos e deveres e com ajuda da Igreja passaram a organizar a comunidade em associações, cooperativas e sindicatos. Os primeiros sindicalistas são do MEB.

Tal experiência marcou consideravelmente o Sertão do Pajeú, dotando os indivíduos desta região de uma visão crítica e poder de organização que teve como consequência, por exemplo, a criação, em 1963, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, estimulado por Dom Francisco. O Sertão do Pajeú é uma região diferenciada, com mais consciência crítica e politização graças ao projeto de escolas radiofônicas e à rádio Pajeú. (Galindo, 2010, p. 22).

Segundo nossas pesquisas, a Diocese de Afogados registrou oficialmente ter 405 escolas radiofônicas distribuídas em 11 cidades na época a saber, Serra Talhada, Flores, Afogados, São José do Egito, Ingazeira, Igaracy, Carnaíba, Tabira, Tuparetama, Itapetim, Santa Terezinha. Levando conhecimento, onde não havia professores, lugares quase que inacessíveis, um projeto conscientizador, como Dom Francisco ressalta: “Nós somos diferentes de pedra, do animal, que não tem inteligência, nem vontade propriamente dita, e que nós temos; nós somos feitos à imagem e semelhança de Deus”. (Diocese, Livro de Tombo, 1964, p. 08).

Um rápido cálculo pode ser realizado aqui, uma vez que as documentações pertencentes ao Movimento de Educação de Base na Diocese de Afogados da Ingazeira segundo Jandira em entrevista realizada em agosto/2023 foram descartados pelo vigário regente. Neste caso, apresentaremos os números por aproximação, para isso, nos basearemos pelas duas monitoras entrevistadas. Segundo as mesmas: geralmente a sala era formada de 10 a 14 alunos. O número final de escolas são 405. Assim multiplicaremos a média de 10 e 14 que é igual a 12 pelo número de escolas. Seria dizer que tivemos aproximadamente 4.860 alunos. Distribuídos por 405 escolas, cada escola tinha uma monitora, ou seja, 405 monitoras e 05 coordenadores/assessores na Diocese, soma-se aos números os professores, coordenadores e assessores do regional.

Dar-se, então, o motivo pelo qual a escola não ensinava apenas as letras e números, ensinava a serem cidadãos conscientes de seu papel na transformação da sociedade, ensinava política, mas não politicagem, ensinava o que se pregava no Evangelho, mas não religião.

CAPÍTULO 3 – NO RELICÁRIO DAS MEMÓRIAS

No capítulo anterior analisamos a importância do papel desenvolvido pelos bispos do Nordeste para a transformação social através da educação nas décadas de 50 e 60 do século XX. Apresentamos a região foco deste trabalho a partir de seus originários, as lutas de reconhecimento e identidade. Caminhamos pelos conceitos de memória a partir da memória individual a construção da memória coletiva. Perpassamos por alguns elementos cruciais para que as Escolas Radiofônicas e o MEB se desenvolvam na Região do Pajeú. Olhamos para criação da diocese e implementação da primeira Rádio no Sertão: A Rádio Pajeú de Educação Popular. Externamos também como funciona uma escola radiofônica.

Toda essa construção tem por objeto chegar neste capítulo intitulado: No relicário das Memórias. Os elementos acima mencionados são a base desse processo, agora caro leitor somos convidados a caminhar pelas memórias dos sujeitos que vivenciaram ou que conheceram o processo através de outras memórias do Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas no Sertão do Pajeú Pernambucano, assim sendo, o relicário será aberto primeiramente pelas alunas, seguida das monitoras e a coordenadora. E entre alguns espaços daremos a oportunidade de outros sujeitos apresentarem as suas memórias construídas a partir de outros processos fechando esse trabalho. É preciso ressaltar que há um infinito de memórias que nós não tivemos condições de colocar aqui neste trabalho, talvez quem sabe aos poucos em outros espaços acadêmicos ou não, nós ainda teremos condições de continuar a escrever. Por enquanto, nos debruçamos nestas memórias.

3.1 A Memória das Monitoras, alunas e coordenadoras do Movimento de Educação de Base

O Movimento de Educação de Base chega no Pajeú através das mãos do primeiro bispo da Diocese, Dom João José da Mota e Albuquerque. O campo era propício, havia a rádio em pleno funcionamento e a demanda de agricultores não alfabetizados. Hoje, o que sabemos sobre as escolas e funcionamento encontra-se no livro de Tombo 02 do segundo bispo da Diocese Dom Francisco A. Mesquita Filho e/ou nas memórias que acompanhamos neste processo.

Apesar do MEB ter realizado todo o seu trâmite sob gestão de Dom Mota, o mesmo não escreveu nada sobre o assunto, em verdade, é bom ressaltar aqui, que os registros do livro de

tombo da diocese ficaram três anos sem ser informados em plena vacância. Sob o olhar inicial da Igreja particular do Pajeú jamais saberemos como aconteceu esse fato, questionamentos como: Que fez a articulação? Quem realizou o treinamento? Em que reunião decidiram encaixar o Pajeú? Ou ainda como foi pensado a estrutura organizacional do MEB para região, nunca saberemos. Dom Francisco inclusive na primeira folha do livro deixa assim registrado: “Dom Mota levou o livro de tombo para colocar em dias, mas não devolveu”. (DIOCESE - Livro de Tombo 02, 1961, p. 01). Aqui faço uma ressalva já que tive a oportunidade de realizar a leitura do livro. Ele devolveu, mas nada escreveu.

O que temos certeza hoje, é que pelo olhar da Igreja particular do Pajeú que na ocasião era administrada por Dom Mota nunca saberemos como o Movimento de Educação de Base e as escolas radiofônicas chegaram a região do Pajeú, o que de fato é lamentável. O registro é a marca de um governo que deixa para posteridade as narrativas a partir do seu lugar de fala. E o lugar de fala que o senhor bispo representava era a Igreja particular do Pajeú. O que em muito teria contribuído para as memórias da Região.

Entretanto sob o olhar de Dom Francisco no livro de Tombo 02, das monitoras, alunas, coordenadoras e terceiros é possível visualizar o MEB e as escolas radiofônicas e o processo de transformação que o Pajeú vivenciou. É a partir de Dom Francisco que as escolas radiofônicas e o MEB passam a funcionar em sua plenitude. No livro de Tombo, em dezembro de 1961 Dom Francisco deixa registrado o que seria a marca do seu governo: “A meta principal do nosso governo que se inicia é: Catequese e Vocação” (Livro de Tombo 02, 1961, p. 02). Teoria e prática sempre foram o registro dos seus 40 anos de governo. No início de 1962 a Diocese de Afogados da Ingazeira realiza o 1º treinamento das monitoras do MEB em Afogados da Ingazeira – PE.

Todas as monitoras previamente escolhidas foram convidadas a participarem dessa semana de treinamentos. Segundo Lourdes Nazário, neste encontro foram apresentadas à coordenação local composta por: Hildete Oliveira – coordenadora geral da diocese, Ivonete Oliveira, Rogério Oliveira, Claudete Oliveira e Lourdes Nazário essas duas últimas além de realizarem acompanhamento nas comunidades, em alguns dias do mês eram responsáveis pelos programas, principalmente quando as temáticas fossem voltadas para área de saúde, higiene, primeiros socorros, alimentação entre outros. No uso da oratória, dona Lourdes Nazário nos fez

compreender que o que ela e dona Claudete realizavam era um complemento das aulas, seria como os avisos paróquias, em que aquele tempo é utilizado para informes gerais de conscientização. Sobre o primeiro encontro assim ficou registrado no livro de tomo.

Nesses termos,

Pelo meado de março realizou esta Diocese em Afogados, o primeiro treinamento de monitores para as escolas radiofônicas de Educação de Base – MEB, através do SIREA – Sistema Rádio Educativo de Afogados. Foi o primeiro passo para a implantação destas escolas que se iniciarão em 1º de maio em número de 50 espalhadas pelas Paróquias de Tabira, Afogados, Carnaíba e que tanto bem, graças a Deus, vêm trazer ao nosso homem do campo. (DIOCESE Livro de Tombo 02, 1961, p. 02-03).

As primeiras 50 escolas ou as escolas que deram início a esse projeto ficavam em uma margem de 20 km do ponto transmissor que é a Rádio Pajeú de Educação Popular. Dom Francisco deixa registrado que a ideia era poder dar suporte inicialmente, sendo essas próximas do transmissor seria possível acompanhar o andamento em termos técnicos da mesma e em seguida ampliar para as demais cidades do Pajeú que na ocasião eram 11 como já vimos anteriormente. Em 1º de maio de 1962 realizou-se a primeira transmissão, a primeira aula estruturada pelas senhoras Claudete Oliveira e Maria de Lourdes Marques, conhecida por Lourdes Nazário. Ressalta-se que as aulas já vinham previamente orientadas, sendo Claudete Oliveira e Lourdes Nazário responsáveis pela parte complementar das aulas. Fazia parte da responsabilidade da comissão a distribuição e manutenção dos rádios, a entrega de cartilhas, gás para as lamparinas em algumas situações entre outros e supervisionar as escolas.

Ainda no ano de 1963 acontece em São José do Egito o encontro formativo para 73 monitores que atuaram em São José do Egito, em Itapetim, Tuparetama e Brejinho ressalta-se que, esses três últimos só serão reconhecidos como município tempos depois, até então administrativamente esses pertenciam à comarca de São José. No livro de tomo registra-se que essas foram as últimas escolas criadas.

Podemos analisar toda essa conjuntura revolucionária do Movimento de Educação de Base e as escolas radiofônicas a luz de Antônio Gramsci e o seu caderno do cárcere. Iniciando nossa abordagem baseado nos escritos de Gramsci é possível dizer que o mesmo apresenta um processo educativo que potencializa e empodera os sujeitos. Em nossa compreensão da leitura

do caderno 12, Gramsci compreendeu que a educação é uma estratégia na luta pela transformação social, o empoderamento dos sujeitos, assim também compreendeu Paulo Freire ao utilizar o seu método de alfabetizar.

Ambos, Freire e Gramsci queriam tornar os sujeitos capazes de responder as novas questões apresentadas pelas constantes mudanças históricas, sociológicas e políticas do tempo. Freire e Gramsci apresentam em seus escritos uma educação pautada na emancipação humana. É possível acrescentar que o instrumento de transformação de uma sociedade é pautado na educação. A educação fomenta mudanças no senso comum, o que possibilita que todos possam assumir funções de direção na sociedade e a escola seria o elo, o instrumento para qual seria possível a construção de uma sociedade mais igualitária.

Quando o MEB chega no Pajeú ele carrega a esperança da igreja em levar conhecimento amplo ao homem do campo, para além das letras e números, conhecimento de como transformar as condições de vida. Com o advento e também no pós Concílio Vaticano II havia um clamor dos bispos principalmente da América Latina por estratégias que auxiliassem o desenvolvimento do homem do campo. A educação foi a resposta às escolas radiofônicas o meio encontrado para que o conhecimento chegasse onde muitas vezes o governo municipal e a própria Igreja não conseguia chegar. E assim as Comunidades Rurais do Sertão do Pajeú Pernambucano aproveitaram muito bem essa oportunidade.

3.1.1 O olhar da aluna

Quando se trabalha com memória é importante saber que devido o tempo do nosso objeto de estudo ter completado seis décadas, as informações já aparecem com falhas, é natural do ser humano ir aos poucos esquecendo de alguns acontecimentos e deixando espaço para os novos, exceto se aquele acontecimento foi muito importante para a pessoa que se vai entrevistar. Isso porque segundo Ricoeur (2020) nossa memória é seletiva e ela precisa oxigenar, seria dizer que, o nosso cérebro faz uma faxina e manda o que não considera importante para lixeira, por outra ótica é possível dizer que algumas pessoas se tornam mais fortes porque elas têm memórias que não conseguem esquecer.

Porém é preciso ressaltar que, muitos alunos são falecidos, estamos falando de pessoas que já tinham mais de 18 anos na década de 60 do século XX eles (as) eram homens e mulheres

adultos. Aliás, não apenas os alunos, as monitoras, coordenadores entre outros faleceram. Como nos disse Chicó personagem de Ariano Suassuna em o auto da compadecida (2000): “Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre”. E essas memórias poderão ser acessadas, se o mesmo repassou aos seus mais próximos.

Encontramos três alunos, mas só realizamos a entrevista com uma, pois os outros estão acometidos de doenças. Neste caso, ficamos apenas com a entrevista da senhora Francisca de Sousa Silva da Comunidade Rural de Jiquiri – Afogados da Ingazeira – PE. É importante salientar que para iniciar nossa entrevista sempre começamos perguntando sobre o nome, idade da pessoa, família, amigos, sempre iniciamos de modo mais amplo, nunca iniciamos perguntando diretamente sobre a temática, a temática só é de fato iniciada quando existe a percepção de que a pessoa já está habituada comigo.

Uma das primeiras perguntas sobre a temática em si foi como as escolas radiofônicas e o MEB chegaram à sua vida. Prontamente, ela me respondeu:

Primeiro que nós tínhamos muita vontade de estudar, nós éramos 17 irmãos, mas nós não tínhamos nada nenhuma bolsinha de plástico “pra” levar o material, então papai disse: “eu vou arrumar uma escola pra vocês, vou ver se eu arrumo um professor pra vim ensinar vocês em casa”. Ai, papai foi “pra” Afogados falar com Dom Mota, era Dom Mota nessa época? Dona Francisca fez uma pequena pausa para pensar] não era Dom Francisco, já era Dom Francisco nesse tempo! Ai papai falou pra Dom Francisco que nós queríamos muito estudar, mas não tinha escola, o que é que Dom Francisco poderia fazer por nós? Ai Dom Francisco disse: “Olhe seu Severino, eu vou arrumar uma escola radiofônica. Só que é à noite”, e papai disse que toda hora servia. (Francisca de Sousa, fevereiro de 2022).

A escola radiofônica passou a funcionar na casa de dona Francisca, na ocasião todos os irmãos, alguns vizinhos e os pais dela faziam parte, os pais eram analfabetos, mas sabiam que teriam melhores condições e oportunidades para os filhos através da educação. A melhor alternativa naquele momento concentrava-se nas escolas radiofônicas, uma vez que, não haveria condições de instalar uma escola do modelo tradicional na comunidade, isso só ocorreu no final da década de 80 e início da década de 90 do século XX. Dona Francisca ainda complementa dizendo que na salinha da casa havia na base de umas 20 pessoas apertados.

Durante toda a entrevista que durou um pouco mais de quarenta minutos, dona Francisca elencou a importância do rádio, em um determinado momento ela questionou: “Agora também Silmara era assim, o rádio não sintonizava em outra rádio, o bichinho parecia ter sido feito só para a rádio Pajeú”. Passado um mês, o pai voltou à cidade para falar com Dom Francisco para dizer sobre a experiência: “Olhe Dom Francisco, os meninos estão todos gostando da aula.” E Dom Francisco respondeu: “Pode continuar, todas as noites, às 7 horas, nós começamos as aulas”.

No curso da entrevista perguntei a Dona Francisca de que forma eram realizadas as aulas e ela ponderou antes de responder:

As aulas “começavam” 7h da noite pela rádio, nós íamos ouvindo, olhe, eu não sei como aconteceu, mas quando terminou o ano nós já sabíamos fazer nosso nome, graças a Deus foi com o que nós aprendemos, através do rádio. Graças a Deus e a Dom Francisco. (Francisca de Sousa, fevereiro de 2022).

As escolas radiofônicas levaram o conhecimento há muitas regiões geograficamente inacessíveis, era a única forma de ensino naquele momento para aquele lugar. Outro questionamento era sobre as aulas em si, quais as temáticas eram discutidas, como era realizada a aula? Às vezes a pergunta pode apresentar diferença em relação ao questionário tido como oficial para que a pessoa que está sendo entrevistada compreenda exatamente o que gostaríamos de saber.

Primeiro nós tínhamos uma cartilha muito boa a professora na rádio ia falando e nós íamos acompanhando, ela dizia: eu vou deixar vocês pensarem um pouco, no começo era muito português, depois aprendemos os números, mas elas falavam de mais coisas como: Colocar a água para filtrar, sobre como limpar os alimentos, que plantas eram boas para chá. E falavam também sobre o que eram associações e sindicatos e que todo mundo deveria fazer parte. (Francisca de Sousa, fevereiro de 2022).

Como já vimos anteriormente, a cartilha apresentava muitas informações sobre grupos, associações, sindicatos entre outros, para além da separação de sílabas ou juntar palavras e formar frases ou a soma de números. A cartilha sempre tinha de plano de fundo temáticas que levassem o agricultor (a) a pensar sobre a sua condição e quais atitudes poderiam ser tomadas para modificar o contexto vivenciado. Essa cartinha especificamente que dona Francisca fala é a que foi produzida pelo governo do estado de Pernambuco. Sabemos disso porque reproduzimos a cartilha e mostramos a mesma a ela, mas em cima da cartilha original

colocamos duas folhas diferentes. Ela observou atentamente e disse: “Essa aqui não é essa também não, agora essa é sim, essa também, e foi passando as folhas e as memórias aflorando”, foi bonito ver o brilho no olhar dela, naquele momento ela trouxe para o presente as memórias do seu passado.

Na verdade uma dúvida foi gerada a partir desse levantamento sobre as cartilhas, que seria em relação de como eles sabiam que estavam evoluindo nos estudos. Se eles respondiam alguma avaliação ou prova, algo que comprovasse que eles estavam aprendendo. Então interpelei Dona Francisca sobre de que forma os alunos ficavam sabendo que haviam avançado no ensino: — Hoje nós temos o costume de dizer que uma pessoa passou de série, por exemplo: 1º, 2º, 3º série. Naquela época, como era feito nas escolas radiofônicas para saber que vocês estavam desenvolvendo ou passando de fase ou de série?

Nós recebíamos uma atividade e o diplominha que certificava o professor na rádio, mandava procurar uma professora e nós íamos até ela, ela olhava as atividades e dizia: “Olhe. Agora você vai estudar isso aqui e se nós fossemos para uma escola que não fosse radiofônica, tinha que levar o papelzinho para saber em que série nós ficaríamos” — Dona Francisca explicou. (Francisca de Sousa, fevereiro de 2022).

Para compreender os termos acima exposto farei uso da citação do livro Dom Eugênio Sales em Natal – RN. No qual ele explica como ocorria o processo avaliativo nas escolas radiofônicas. A saber,

“Durante todo o ano há supervisão das atividades das escolas radiofônicas por uma equipe técnica. As provas dos alunos são enviadas ao escritório central e tornam-se a base para julgar os resultados. Temos também um grupo de sociólogos e outros técnicos preocupados com a melhoria dos métodos e obtenção de uma penetração cada vez maior nas comunidades rurais”. (Sales, 1963, p. 107).

O mesmo critério era aplicado em outras regiões, em teoria, é assim que se encontra registrado nos relatórios anuais do MEB. No livro de tombo da Diocese, encontramos uma passagem interessante em que Dom Francisco faz referência de como as aulas vinham sendo repassadas, “estavam ensinando as letras e números” e que a partir daquele momento, aquele encontro específico expõe sobre de que modo às aulas passariam a acontecer e quais os próximos passos deveriam ser realizados. A saber,

“Nos dias 5,6,7 com a presença da coordenadora estadual do MEB, senhora Lucinha Pereira da Costa e Srta. Veras Barros, integrante da equipe estadual e encarregada do programa de estudos, realizou-se em Afogados um encontro, sobre a presidência do senhor bispo diocesano, da equipe diocesana do SIREA com os supervisores municipais. Metade do tempo foi consagrada a uma revisão bem realista e franca dos trabalhos do MEB – Movimento de Educação de Base nesta diocese, através do SIREA – Sistema Rádio Educativo de Afogados, para corrigir as falhas, à luz da experiência e confirmar os pontos positivos no sentido de tornar o SIREA eficiente, de fato, na consecução do fim a que se propõe: educação de base para o nosso camponês e não simplesmente alfabetização”. (Diocese, Livro de Tombo, 1963, p. 15).

O final da citação nos deixou inquietos. Passado um pouco mais de um ano, o MEB com o SIREA – Sistema Rádio Educativo de Afogados, havia ensinado as letras e números, e que a partir daquele momento novos rumos seriam tomados. Exemplo: “consecução do fim a que se propõe: educação de base para o nosso camponês e não simplesmente alfabetização.” Em nossas pesquisas a partir desse momento adentrou outro patamar faremos um divisor entre o início do MEB em 1961 e a partir de 1963, a fim de sabermos como de fato desenvolveu-se esse ensino-aprendizagem. 1961 foi o ano de encontrar pessoas para coordenar e monitoria, sensibilizar os padres à causa.

Na década de 60 do século XX segundo Dom Egídio só tínhamos sete padres para toda a diocese. Em 1962 tem início as primeiras escolas e ao final de 1962 já eram quase 200 escolas radiofônicas. Entretanto, é no final de 1962 e início de 1963 que o ensino-aprendizagem ganha outros elementos.

Em entrevista com Lourdes Nazário em julho de 2023, em algum momento oportuno, indaguei se poderia realizar a leitura de um pequeno trecho do livro de tomo, havendo por parte dela a vontade de ouvir, realizei a leitura acima mencionada da citação. Em seguida, aguardei ansiosa pela resposta dela. A saber,

Minha filha foi assim, o primeiro ano mesmo as nossas monitoras eram instruídas a alfabetizar e em tempos vagos falar sobre outros temas incluindo por exemplo política, eles precisavam saber sobre o que acontecia no estado e no país. Nesse encontro, foi visto que era preciso levar mais conhecimento, que os agricultores precisavam de educação de base ampla, que aprendessem sobre política, social, economia, precisavam aprender a ler o mundo, só assim teriam condições de modificar a realidade que era muito dura. Já imaginou que se alguém adoecesse na comunidade a dificuldade que era para trazer para o antigo hospital? Sem estradas ou transporte? (Lourdes Nazário, julho de 2023).

Esse foi um dos questionamentos que realizamos com Dona Francisca sobre como ocorria se acontecesse de alguém ficasse doente na comunidade, o que era feito? “Não tinha o que fazer, se precisasse ir para cidade ia de carro de boi, mas esse seria o último recurso”.

Próximo do encerramento de nossa entrevista e após essa fala de dona Francisca uma pergunta permeou minha cabeça. Dona Francisca, a senhora poderia me dizer qual a diferença entre a década de 60 e o hoje, a senhora poderia me dizer quais as melhorias e quando elas começaram ou não houve melhorias?

Aí Silmara foram tantas coisas, primeiro foi as estradas, escola, água na torneira, associação, muitos da minha família são ligados ao sindicato, minha sobrinha Kátia trabalha na FETAPE, tu trabalhou com ela num foi? Olhe eu acho que as coisas começaram a melhorar depois que nós aprendemos a ler. Porque quando você sabe ler é muito difícil alguém te enrolar, né? (Francisca de Sousa, fevereiro de 2022).

O reconhecimento de que foi através da educação que as vidas deles começaram a melhorar é a prova mais genuína do estudo da sociologia, não é a sociologia que estuda as transformações sociais? Nas comunidades rurais de Afogados da Ingazeira essas transformações só passaram a ocorrer depois do Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas. E a memória de dona Francisca demonstra como as sociedades, as comunidades se formam, se organizam, evoluem e se mantêm ao longo do tempo. Como bem disse dona Francisca “depois que se aprende a ler, você começa a enxergar o mundo”.

Dona Francisca tinha razão, quando se aprende a ler e escrever a liberdade passa a existir, você não precisa de ninguém para intermediar a leitura de um livro, você não precisa de ninguém para escrever o que você deseja para dar vida aos seus pensamentos. Para te fazer viajar por um mundo real ou imaginário, existem infinitos mundos que a leitura é capaz de transportar. Dona Francisca carrega um infinito particular de memórias que ela guardou no seu relicário e que aos poucos foi me deixando conhecer aquilo que ela permitiu. Existem muitos detalhes que ela não me contou ou eu não soube fazer as perguntas certas. Mas, o certo é que dona Francisca nos deixou conhecer através do seu olhar a importância das escolas radiofônicas na sua vida, de sua família e para toda comunidade.

3.1.2 O olhar das monitoras

Para a construção desse subtópico, faremos uso de duas entrevistas uma ainda realizada em 2022 e a outra no início de 2023. São elas as senhoras: Rita Vasconcelos e Neuza Acioly, ambas monitoras nas comunidades Rurais de Pintada e Desterro respectivamente. Neste caso, intercalamos as falas delas com os arquivos nacionais e o livro de Tombo da diocese. A mesma metodologia inicial utilizada na entrevista da aluna foi realizada com as monitoras, nome completo, idade, família, filhos, alguma ligação com a entrevistadora (a procura de um ponto comum), assim elas se sentiriam mais à vontade para conversarmos. Quem mora no Sertão sabe que o povo é muito bom e acolhedor, mas também muito desconfiado.

Segundo Dona Rita Vasconcelos, uma de nossas entrevistadas e monitora das escolas radiofônicas, as escolas funcionavam onde havia espaço, poderia ser na igreja, salões ou na casa das próprias monitoras. No decorrer da entrevista a mesma explicou sobre a organização, qual era o local da escola, de que forma se organizava o material didático utilizado. Segundo Rita Vasconcelos,

Era na casa da minha mãe, onde eu morava, era uma sala grande, aí tinha um quadro negro na parede e a equipe aqui [referindo-se à cidade de Afogados], pela rádio Pajeú, transmitia dizendo como era que fazia as letras e eu fazendo no quadro e eu organizava. Na época, cada um tinha seu caderno, seu livrinho que já iam uns livros prontos que eles entregavam, “pra’ você ir fazendo e eles irem fazendo, com aquelas letrinhas que já estava remarcadas no caderno. Então, na sala da minha mãe a gente colocava bancos, não é esses banquinhos, antigamente eram bancos mesmo, entendeu? Era aqueles bancos grandes e cada um ficava lá, iam olhando para o quadro e eu fazendo. O “a” faz uma bolinha e puxa a perninha, e todas as letras era desse jeito que a gente ensinava para eles, e eles foram alfabetizados, hoje eles “vota”, eles não sabiam nada, hoje eles “vota”, essas pessoas que foram meus alunos chegaram a fazer seu nome, eu passei três anos dando aula dos 14 aos 17 e, graças a Deus. Eles tudo ficaram alfabetizados dentro do que podia. (Rita Vasconcelos, abril de 2022).

Aqui nota-se que no Pajeú não foi diferente de outras regiões, nas quais as escolas eram acomodadas onde haviam espaço. Neste caso, na casa de Dona Rita o mesmo ocorrerá com a monitora Neuza Acioly cuja escola também funcionava em sua residência no Sítio Macaco pertencente ao município de Afogados da Ingazeira. Ressalte-se aqui, que essa entrevista foi realizada no sítio e conseqüentemente na casa em que a mesma era monitora. Como a casa mantém a mesma estrutura e a entrevista foi realizada por áudio e vídeo. Foi possível visualizar

onde cada objeto ficava, material, quadro negro entre outros. Farei a transcrição da cena em que dona Neuza explica o espaço onde cada objeto ficava.

Inicialmente ela aponta para uma quina (encontro de duas paredes) de parede ao lado direito da porta quando entramos na residência pela porta da frente, na altura de aproximadamente um metro e meio ficava o rádio encima de uma atager (seria uma prancha – um suporte) segundo dona Neuza, virando-se para nós (o câmara - Ângelus, o filho - Alexsandro, o aluno do Profsócio – Adeilton e eu) ela vai até o centro da sala, a mesma tem aproximadamente oito metros e diz: Aqui ficava uma mesa grande e dos dois lados da mesa tinham um banco cumprido feito de madeira e um tamborete que era onde eu ficava, não existia essa coisa de carteira/bancas não. Era uma mesa grande e os bancos e o material que nós entregávamos a eles. Na parede que dar continuidade onde ficava o rádio, dona Neuza diz que ficava um quadro negro pequeno por volta de um metro, segundo ela, o quadro era utilizado inclusive para fazer atividades com eles no seguinte sentido: ela chamava cada um no quadro e o mesmo escrevia seu nome ou palavras que ela ditasse.

Assim funcionava as escolas, onde houvesse espaço. O mais importante neste caso é que o conhecimento através das ondas da rádio chegasse, podemos dizer que não era o ideal, mas era o que dispunha naquele momento a diocese, já que o governo municipal não apresentava preocupação de fazer uma escola na comunidade, em ambas comunidades o grupo escolar (1º a 4º ano) só foi construído no final da década de 80 e início dos anos 90 do século XX e isso depois de significativas cobranças por parte da associação de moradores de ambos os lugares.

Como o tipo de pesquisa permite acrescentar outras perguntas a fim de elucidar algum ponto específico, questionei-a: “Dona Rita, além das letras, de ensinar a fazer o nome, vocês ensinavam mais alguma coisa, sobre educação ambiental, ou sobre política, ou sobre alimentação, higiene outra coisa que não fosse alfabetizar?” Ela prontamente respondeu:

Não. Só para alfabetizar, foi o que passaram pra mim e eu acredito que para os outros também. Quando a gente foi no treinamento em Triunfo, era isso, alfabetizar e os meus foram alfabetizados — explicou pacientemente.

Notoriamente, entendemos que havia formas de ver uma mesma situação, não dando por satisfeita, procuramos entrevistas de Dom Francisco e o que ele falava sobre as escolas radiofônicas, a seguir trecho da entrevista concedida pelo Dom a Igreja Nova,

Nossas aulas tinham como objetivo fundamental conscientizar as pessoas de que são pessoas, gente capaz, não são escravas, não são bichos. Ensinamos sobre cidadania, o que era cooperativa, um sindicato, como estes órgãos funcionam, sobre as leis fundamentais, os direitos humanos, também eram acrescentadas aulas de catecismo. Naquela época este tipo de educação foi uma revolução. Há quem diga que o modo de ser das pessoas, a consciência, a forma de se organizar e se juntarem para defenderem seus direitos, nestes municípios da nossa Diocese, é diferente das demais regiões. Exageram quando dizem que eu sou o culpado disso. O primeiro instrumento de trabalho que usei foi o MEB e muito se deve a esse projeto. (Palmeira, 2009, p. 46).

O próprio dom diz que as pessoas anos depois costumam dizer que a Região do Pajeú é diferenciada devido ao seu nível de conscientização. A mesma pergunta fiz a dona Neuza: “Dona Neuza, além das letras, de ensinar a fazer o nome e dos números, além de alfabetizar vocês ensinavam mais alguma coisa?”

Sim. Além de alfabetizar, nós ensinávamos sobre higiene pessoal, cuidados com a casa a exemplo de filtrar à água para consumo, falávamos sobre o cultivo de determinadas plantas que tinham fins medicinais. Comentávamos sobre política, nas cartilhas falava de associações, em uma das cartilhas falava até de coisas relacionadas a pedreiros, coisas que pedreiros usam: prumo, linha essas coisas. Nunca foi só para alfabetizar. (Neuza Acioly, março de 2023).

Isso o Halbwachs (1990) explica: A memória coletiva é feita das memórias individuais e que cada um lembra a partir de sua vivência, para Dona Rita, mais importante do que tudo que foi colocado por Dom Eugênio Sales para ela o ato de alfabetizar era o que estava ao centro. Já dona Neuza, talvez por ter a experiência de sala de aula do município, atinou desde o início que não era apenas o ato de alfabetizar, que era necessário sim, mas que depois de alfabetizar era necessário mostra-los a realidade o que muito me recorda Paulo Freire: “não basta saber ler mecanicamente que ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho”³¹.

Questionei dona Rita sobre quanto tempo durava a aula.

³¹Fala proferida por Paulo Freire no Simpósio Internacional para a Alfabetização no Irã em 1975, cujo Gadotti anos depois publicou no livro ‘História das Ideias Pedagógicas’, Moacir Gadotti (2003)

Uma hora, uma hora e meia e depois que terminava a aula, eu gostava muito de fazer, o que eu fazia eu gostava de fazer, quando elas encerrava, aí eu ficava explicando lá na sala conversando com eles. E ali eu fiquei sendo vista com uma pessoa muito importante na Pintada na época por eles, quando tinha missa só lá em casa tinha rádio, aí a missa era pelo rádio, aí todo mundo ia lá pra casa assistir à missa, aí eu ficava mais eles, cantava aquele bendito que chama né? Aí eu ficava lá, graças a Deus eu fiz muitas amizades na época há 50 anos atrás, boas lembranças, eu estou muito feliz te tá dando essa entrevista para vocês — explicou prontamente. (Rita Vasconcelos, abril de 2022).

Fica claro em toda a entrevista alguns pontos: O primeiro deles e talvez o mais importante é o fato dela sempre retornar a dizer que gostava do que fazia, em outro momento questionei a mesma sobre orgulho que ela tinha de ter participado das escolas radiofônicas e do movimento de educação de base, questionei porque o brilho no olhar dela deixa claro a paixão que a mesma protege essa memória.

Nossa, tenho demais! Eu sinto muita falta daquela época, foi muito bom. **Você sabe o que você há 50 anos se achar uma professora? Eu me achava uma professora. Era há 50 anos, eu era professora e era respeitada como professora. Pra mim foi um orgulho.** Mas, a vida pessoal foi enfrente né? Minha vida amorosa, eu casei, graças a Deus eu casei muito bem, tenho minha família hoje, não me arrependi não. Mas também fiz parte de uma época em que muitos ficaram lendo, fazendo o nome, votando hoje, é porque muitos morreram, eram gente adulto né? Hoje eu tenho 74 anos, tinha gente mais velha do que eu, muitos já morreram, não dá pra alcançar mais, mas foi muito bom. (Rita Vasconcelos, abril de 2022).

Não diferente do ocorreu com muitas monitoras na Região Nordeste, dona Rita casou-se com um aluno o senhor Antônio Leite, mais velho que ela três anos, foi essa uma das razões pela qual a mesma saiu da monitoria, organiza-se para casar, uma vez que, depois do casamento eles iriam morar em outra comunidade o que impossibilitaria o seu deslocamento para acompanhar os alunos. Portanto, dona Rita saiu em dezembro de 1963 das Escolas Radiofônicas. Já dona Neuza reproduz uma fala semelhante à de dona Rita em relação ao tempo de aula e os pós aula que era ficar conversando com o pessoal.

Dona Neuza também não ficou até o fechamento das escolas, segundo ela saiu um pouco antes porque havia muitas reuniões ou no SIREA ou no Cine São José³² e a mesma sempre

³² Cinema teatro pertencente a Diocese de Afogados da Ingazeira datado da década de 40 do século XX e funciona até hoje após 80 anos. Fazendo com que os apreciadores de cinema não precise desloca-se para outros espaços, já que em cartaz sempre temos os lançamentos Nacionais consulte o site: <http://cineteatrosaojose.blogspot.com/>.

precisava deslocar-se por quase 60 km no lombo de animal acompanhada de seu avô o que era desgastante, além de tirar seu avô dos afazeres diários. Em comum acordo com a família, dona Neuza entregou as atividades das escolas radiofônicas. Com a sua saída não encontraram outra pessoa para a vacância.

Questionei dona Neuza e dona Rita de como elas poderiam definir o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas? Se foi algo importante, se elas na época observavam se algo havia mudado. Contextualizei para que as duas compreendessem o que estava a perguntar. Seguindo pela ordem das entrevistas. A primeira foi dona Rita Vasconcelos que asseverou:

O MEB e as escolas radiofônicas foram um grande ganho para Afogados e região, digo região porque ela esteve em todos os lugares. O povo não sabia ler ou escrever e quando você não sabe ler ou escrever é mais fácil de ser enganados. Muitos depois a convite do próprio bispo foram para os sindicatos, meu irmão não é do movimento mais Brás também foi do sindicato. Seu Zé foi das escolas e foi um dos sócios fundadores (Rita Vasconcelos, abril de 2022)

Acredito que o movimento e as escolas foram revolucionários, eles não aprendiam só a ler e escrever, eles aprendiam a ser cidadão, conheciam seus direitos e deveres, aprendiam sobre como fazer uma associação, o que era uma cooperativa, muitos juntos com Dom Francisco fundaram o sindicato de Afogados, Tabira, Carnaíba, Iguaracy e outros, né? Veja só, foi uma perda muito grande acabarem com as escolas nós poderíamos ter ido além, porque base nós tínhamos, assessoria e Dom Francisco que foi a grande força das escolas. É lamentável mesmo. (Neuza Acioly, março de 2023).

As citações acima das monitoras nos apresentam algumas informações importantes sobre as escolas radiofônicas, além da semelhança presente nas mesmas. A referência aqui é a criação de alguns Sindicatos de Trabalhadores Rurais no ano 1963, em 1963 as escolas estavam no auge de seu funcionamento.

Considerando as duas falas, mas principalmente a de dona Neuza podemos dizer sem grandes pretensões mais por conhecimento da região e o desenrolar dos processos históricos que esses em sua maioria senhores foram os primeiros intelectuais orgânicos. Segundo Gramsci em cadernos do Cárcere, existem dois tipos de intelectuais, o tradicional e o orgânico. O tradicional é vinculado a um determinado grupo social, instituição ou corporação que expressa os interesses particulares compartilhados pelos membros. Exemplo: Igreja – Clérigos; forças

armadas – militares; IES – professores universitários. E existe o intelectual orgânico, aquele que sai do chão, da realidade proletária, é ele que faz as críticas com base e conhecimento, ele é parte do processo, ele conhece a realidade. As críticas levantadas por esses intelectuais seriam compreendidas por seus pares. Levando a pensar na emancipação do indivíduo e naquele indivíduo seria visualizado o personagem de transformação. Segundo Brocoli, “Toda obra Gramsciana está percorrida por este tema, como uma insistência que revela o tormento crítico necessário pela necessidade deste aprofundamento” Brocoli (1977, p. 113).

Em suma, aquele que vive a condição de exploração (intelectual orgânico) vai saber falar melhor do que aquele que só teoriza a condição de exploração sem vivenciar (intelectual tradicional). Nenhum ser humano é um sujeito dado, ele se faz na relação com o outro nesse processo sociológico ele estará em constante formação e transformação.

Aqui faremos um adendo importante, nós conhecemos outras monitoras, mas infelizmente não tivemos como realizar gravações com as mesmas. Isso porque as monitoras têm a saúde frágil e a pedido das famílias nós não realizamos as gravações formais como requer os protocolos e direitos de imagem.

3.1.3 O olhar da coordenadora

No caminhar das pesquisas nos deparamos com muitas pessoas, procuramos por pessoas que tivessem vínculos afetivos com os irmãos Oliveira como eram conhecidos: Claudete, Hildete e Rogério. Por alguém que tivesse como nos dizer algo sobre as escolas radiofônicas. Inclusive uma de nossas estratégias para encontrar pessoas que de alguma forma fizeram parte das escolas radiofônicas foi utilizar o meio de comunicação que foi responsável nesse processo formativo, sim estamos falando de sua majestade a rádio.

Fomos até a rádio Pajeú de Educação Popular e conversamos com o jornalista e diretor geral da Rádio o Nivaldo Alves Galindo Filho ou Nill Júnior como é conhecido não apenas no Pajeú, mas em todo Pernambuco. O mesmo por duas vezes utilizou um tempo do seu programa que, é ouvido em toda a região, para falar sobre as escolas radiofônicas, da sua importância e depois perguntou se alguém havia participado ou conhecia alguém que entrasse em contato com a rádio. Mas não houve retorno. As poucas pessoas que falaram faziam referência a pessoas que

já haviam falecido. Não havendo nada que tivéssemos condições de fazer, voltamos para a ideia original que era visitar os familiares dos Oliveiras.

Desloquei-me até a casa onde durante toda a vida os irmãos viveram, a casa fica no centro de Afogados da Ingazeira próximo a rádio Pajeú. Lá encontrei a esposa de Seu Rogério Oliveira, dona Maria Oliveira. Recebendo-me em sua residência tratou logo de saber qual o motivo da minha visita e ali iniciamos uma conversa. Dona Maria disse que não lembrava muito daquela época, lembrava mais o porquê das escolas terem fechado, segundo ela: “Foi a revolução de 1964 que fechou as escolas, agora assim, depois com o tempo nós vimos e Rogério dizia: Maria isso não é revolução é golpe, hoje nós sabemos que foi golpe”.

No decorrer de nossa entrevista, dona Maria me aconselhou a procurar pelo sobrinho de Ivonete Oliveira, perguntei quem era dona Ivonete Oliveira e ela prontamente respondeu: “a coordenadora na Diocese do Movimento de Educação de Base e das escolas Radiofônicas”. Fiquei muito feliz com a possibilidade de encontrar uma pessoa da coordenação. E assim fiz, fui até a loja indicada por dona Maria a procura do sobrinho de dona Ivonete. Encontrei o mesmo e expliquei exatamente o porquê de solicitar o contato telefônico da senhora em questão, ele me forneceu o contato da tia, mas ela não me atendeu nem retornou os recados. Na área de pesquisa isso acontece é muito comum inclusive as pessoas não quererem falar sobre a temática por alguma razão. Por vezes aquela memória pode estar associada a outros acontecimentos da vida da pessoa e essa não deseja trazer para o presente uma memória do passado. Não sei ao certo o que se aplica no caso dela. Talvez seja falta de tempo mesmo.

Voltei a assistir as entrevistas que já havia realizado e encontrei uma fala interessante quando entrevistei dona Rita Vasconcelos, ela sempre falava que havia uma outra coordenadora que ela não recordava o nome, que no total eram cinco pessoas que faziam parte da coordenação na diocese. Já estava para desistir desse quinto elemento que ninguém sabia dizer o nome.

Porém, certa vez, conversando com minha colega de trabalho Ana Lúcia ela comentou que em conversa com a mãe que retorna de Brasília a mesma lembrou que havia feito parte da equipe de monitoras da diocese, porém na cidade de Solidão. Solicitei conversar com Dona Ana para saber mais. Infelizmente as lembranças foram muito vagas devido ao diagnóstico de demência que a mesma recebeu, mas um fato que ela levantou reacendeu nossa esperança. Dona

Ana disse depois de um momento de silêncio: “Vocês deveriam procurar Inês, não sei se é ela ou Lourdes que faziam parte da coordenação, mas foi uma das irmãs Nazário”. Saímos da casa de Dona Ana e a filha dela e eu fomos até a casa de dona Inês Nazário que mora no chamado quadro³³ de Afogados da Ingazeira - PE. Dona Inês Nazário nos recebeu e disse que, quem havia participado do MEB e das escolas radiofônicas era sua irmã que hoje reside na Cidade de Palmares – PE. Fornecendo-o o contato telefônico.

No início de junho de 2023, estabeleci o primeiro contato com dona Maria de Lourdes de Sousa Marques, conhecida por Lourdes Nazário é assim que ela aparecerá nessa escrita, a referência a pedido dela é Lourdes Nazário, segundo a mesma a vida toda foi conhecida dessa forma, mas na hora de registrar o pai dela não colocou o Nazário, colocou o Marques. Enfim, devido às fortes chuvas na cidade onde ela reside, não foi possível entrevistá-la, a mesma encontrava-se muito aflita, pois pela terceira vez havia entrado água em sua residência. Marcamos para retornar em julho a nossa entrevista ela ainda disse: “Não se preocupe não minha filha minha saúde é muito boa e eu não penso em morrer tão cedo, eu responderei todas as suas perguntas, as que eu souber”.

No final de julho de 2023 retornei meu contato com dona Lourdes que hoje tem 81 anos, é lúcida e muito coerente em suas respostas. Quando não sabia de algo, tratava logo de dizer que não sabia, segundo ela era para que eu não perdesse meu tempo. Nossa primeira pergunta do questionário oficial³⁴ foi: Como ela havia chegado até as escolas radiofônicas? Quem havia convidado? Hoje sabemos que todos aqueles (as) que faziam parte da coordenação tinha sido através de convite. E assim ela respondeu,

Em abril de 1961, fui nomeada pelo Estado, para ensinar no Sítio Carro Quebrado município de Iguaracy – PE, passei um ano viajando de trem até Iguaracy e de lá ia de cavalo. Em dezembro do mesmo ano, fiquei de férias e não pretendia mais assumir a cadeira por motivos pessoais. Assim, em janeiro de 1962, a colega e amiga Claudete Oliveira, que terminou o Curso Normal comigo e sabendo que eu estava em casa, conhecendo também da minha capacidade, me fez o convite para fazer parte da equipe do Movimento de Educação de Base das Escolas Radiofônicas. Acertei o convite e 1965

³³ Expressão utilizada para fazer referência ao centro da cidade. O espaço geográfico onde fica a rádio e a Catedral do Senhor Bom Jesus dos Remédios.

³⁴ Faço referência ao questionário estruturado sem toda a conversa que realizo antes.

trabalhei até dezembro de 1965, num ambiente sadio”. (Lourdes Nazário, julho de 2023).

Dona Lourdes Nazário quando assumiu a responsabilidade de fazer parte da equipe tinha 21 anos de idade, uma jovem já concursada do estado de Pernambuco. Nos disse que a pedido de Dom Francisco o Estado havia cedido para trabalhar com as escolas radiofônicas. Hoje a burocracia é um pouco maior, mas as análises que faço baseado nas leituras que realizei, era mais fácil a cedência por parte do estado principalmente se for uma solicitação por parte da Igreja Católica. Além disso, ela estaria na sua área de formação, que é a educação.

Interpelei Lourdes Nazário se ela poderia me dizer como era a Região do Pajeú na década de 60 do século XX, onde se concentrava a maioria da população, empregos, renda e ela prontamente me respondeu:

Naquela época a maioria da população concentrava-se nas comunidades rurais e as comunidades principalmente as mais distantes era de difícil acesso, não existia estrada como tem hoje. Empregos eram poucos e geralmente para professoras na cidade ou nas pequenas mercearias, padarias contratavam-se algumas moças distintas para fazer as contas. Nas comunidades se vivia de plantações em tempos bons, sorte de quem tinha o seu pedaço de terra e não trabalhava nas terras alheias. (Lourdes Nazário, julho de 2023).

Segundo o VII recenseamento geral do Brasil de 1960 no caderno intitulado: Sinopse preliminar do censo demográfico do Estado de Pernambuco a situação em termos numéricos é a seguinte: A população total de Afogados da Ingazeira era: 23.005 habitantes, distribuídos entre: Zona Urbana: 7.325 e Zona Rural: 15.680. Ou seja, a maioria concentrava-se na zona rural e praticavam agricultura de subsistência.

É importante analisar essa informação uma vez que, de acordo com os limites legais praticados na época, no ano de 1960, o território de Afogados abrangia a cidade (Sede) e tinha mais três distritos que seriam: Iguaraci, Irajá e Jabitacá, em dezembro de 1963 ocorre a emancipação da Cidade de Iguaracy – PE que ao desmembra-se de Afogados da Ingazeira levaria os distritos de Irajá e Jabitacá. Considerando em números apenas Afogados da Ingazeira nós teríamos: População Urbana – 5.187, população Rural – 8.479 no total de 13.666 habitantes os outros 9.339 habitantes corresponderiam a: Iguaraci, Irajá e Jabitacá. Na década de 60 do século XX podemos dizer que: um pouco mais de 60% da população estavam inseridos na zona rural.

Os dados acima mencionados só foram possíveis graças ao arquivo social do IBGE que se encontra na Cidade de Recife. Para as informações mencionadas foi preciso uma força tarefa dos colegas do IBGE. Uma vez que, naquela época, o senso era realizado por questionários de papel e as informações que consultamos no site do IBGE elas só são encontradas a partir da década de 90 do século XX que é quando todas as informações são digitalizadas.

Neste subtópico do trabalho, nossa intencionalidade é de fato conseguir compreender através das memórias de uma coordenadora a dimensão do MEB e das escolas radiofônicas, assim nós teremos uma visão geral, uma vez que, já tivemos o olhar de uma aluna, duas monitoras agora da coordenadora e no decorrer do trabalho outros se farão presente nessa leitura. Questionei dona Lourdes de como as monitoras eram escolhidas, qual seria o critério e assim ela respondeu:

Havia duas formas de escolherem as monitoras. A primeira delas era se as mesmas já eram professoras do município, se fosse professoras do município nós íamos atrás delas porque já sabiam o que fazer e como ensinar, a segunda forma era se na comunidade não houvesse professora do município, mas havendo uma menina de referência, educada, estudiosa, ligada à igreja essas coisas, então íamos na casa delas conversávamos com ela e com os pais e aquela menina passava a ser monitora. Outra questão Silmara é que em cada cidade havia uma coordenadora local, uma supervisora, uma referência para nós. E essa supervisora local tinha que ser professora do Estado, mas além de ser professora ela tinha que ser ligada à Igreja, ter bom comportamento. As monitoras professoras do município e as supervisoras de cidade ou referência da cidade como você queira chamar tinha que ser professora do estado. Era assim que essas jovens eram escolhidas, olhe Silmara parece muito com o que vocês fazem aí na GRE hoje, vocês não vão acompanhar as escolas? Então. As escolas radiofônicas eram uma escola normal que precisava de tudo que hoje precisa, organização, planejamento e acompanhamento. (Lourdes Nazário, julho de 2023).

Agora configura-se melhor esse contexto, esse era um questionamento que foi despertado quando entrevistei dona Rita Vasconcelos que na ocasião externou que, o irmão Brás Emídio era muito conhecido e ela era vista como a jovem da Comunidade de Pintada que era muito educada e estudiosa. Já dona Neuza esboçou que havia recebido o convite porque já era professora primária do município, portanto, esse teria sido o critério para que a mesma passasse a compor o núcleo de monitoras. Nesses termos percebemos que ambas tinham razão quanto a escolha de sua pessoa para estar à frente de uma escola radiofônica.

Já que estávamos a falar sobre como uma monitora era escolhida, perguntei a Dona Lourdes se ela lembrava do nome de alguma monitora e se havia monitores homens.

Havia homens que eram monitores, mas a maioria, a grande maioria era mulheres, um deles ainda é vivo mora aí em Afogados da Ingazeira, é seu Luiz que conserta máquina de costura, ele era monitor em Carnaíba. Pergunte a Inês se ela vai saber te dizer onde procurar, faz muito tempo que fui em Afogados. Agora monitoras tinha a Aurora filha de Anselmo Correia ela era muito doente, ela já era uma senhora idosa, geralmente as mulheres eram professoras do município. Pergunte por essas professoras mais idosas, acho que você ainda encontra alguma viva (Lourdes Nazário, julho de 2023).

Fomos atrás da informação sobre o senhor Luiz que conserta a máquina de costura, até o presente momento o mesmo não foi encontrado. Digo até o presente momento porque essa pesquisa não se conclui na defesa do mestrado, ela carrega a mesma pretensão que tinha na época da qualificação que era a entrega de um produto no formato de audiovisual, infelizmente para o mestrado não foi possível, sendo a mesma transformada em dissertação. Todos os arquivos de mídia, bem como o acervo fotográfico e alguma imagem de vídeo, estão devidamente armazenados e guardados, em breve tornaremos todo o material de pesquisa em um documentário de curta-metragem sobre essas memórias e assim deixar registrado no audiovisual da região do Pajeú e onde esse documentário alcançar a história e as transformações sociais que ocorreram e que tem como princípio a Educação de base. Conforme já mencionado outrora, escrevemos o argumento na incubadora nuvem e estamos na fase de produção de projetos de captação de recursos.

Em outro momento da entrevista questioneei a dona Lourdes Nazário Qual seria de fato sua função na equipe uma vez que, Rogério Oliveira além de acompanhar as atividades era também o motorista e dona Hildete Oliveira era uma coordenadora geral. Ela prontamente respondeu:

Eu e Claudete auxiliávamos em tudo que era preciso, nós tínhamos uma sede ali na Praça Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara, lá ficava o SIREA, nós ficávamos lá para receber os documentos do mês como por exemplo a ficha de frequência, íamos até as comunidades rurais para acompanhar as aulas, e em alguns dias da semana Claudete e Eu realizamos uma parte do programa diretamente dos transmissores, mas antes nós preparávamos (batíamos na máquina) lá no SIREA tudo que seria dito, não podíamos falar coisas da nossa cabeça, tudo era planejado e orientado pela estadual. (Lourdes Nazário, julho de 2023).

Sobre as monitoras ainda a senhora poderia me dizer se havia encontros, se sim, onde os mesmos eram realizados e quais temáticas geralmente eram abordadas.

Sim, haviam encontros com elas tanto em Afogados como em Triunfo, Afogados seria mais reuniões pequenas para ajustes, para saber das demandas, umas orientações gerais em Triunfo era quando a reunião precisava de mais de um dia. Além de nós da equipe vinha o pessoal de Recife tinha o Dr José Rabelo, tinha um Dr Silvio Gaudêncio, uma advogada chamada Vera Barros que era muito competente. Tinha Lucinha Pereira que era da estadual, tinha umas orientações deles, tinha uma cartilha que era só para alfabetizar e tinha outras aulas também que eles apresentavam, eu num lembro de muita coisa do que eles falavam, mas era voltado para questões de associações, cooperativas, faz muito tempo” (Lourdes Nazário, julho de 2023).

No livro de tomo número 02 nós encontramos que haviam encontros em Afogados e Triunfo, em Afogados na sede do SIREA e em Triunfo no Convento de Freiras, também registra-se no livro a participação de Vera Barros e Lucinha Pereira e que ambas faziam parte da equipe que coordenava as escolas radiofônicas do Estado, entretanto, os dois senhores que se apresentam é uma informação nova para o campo da pesquisa. Eles seriam aqueles que estimulavam o movimento a ganhar outras proporções que era de Associações, cooperativas, sindicatos. É tanto que registra-se aqui que o primeiro Sindicato de Trabalhadores Rurais está localizado no município de Afogados da Ingazeira e data-se de 23 de junho de 1963 no pleno funcionamento das escolas.

Aproveitando o momento em que falávamos sobre o que era repassado ou ensinado as monitoras, indagamos sobre o que era ensinado para os alunos, se era apenas as letras e os números, se a proposta das escolas radiofônicas era apenas de alfabetizar,

Olhe além de alfabetizar o movimento de educação de base serviu para conscientizar o homem da sua condição, sobre a realidade que acontecia no estado e no Brasil. Eles precisavam saber o que acontecia naquela época. Então, tinha as aulas para alfabetizar entendeu? Mas, tinha as conversas o debate para conscientizar. Tinha aulas de português, matemática mas tinha aula de moral e cívica. Era através da leitura que eles podiam ficar conscientes entendeu? Era isso que nós fazíamos. (Lourdes Nazário, julho de 2023).

Para encerrar a participação de Dona Lourdes Nazário nesse trabalho sobre as memórias desta coordenadora perguntamos: como ela definiria o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas. Ela prontamente respondeu:

Como algo revolucionário, não havia escolas nas comunidades as poucas escolas existentes ficavam na sede do município e tudo era muito distante, havia muitos analfabetos, existia o preconceito, a maioria da população concentrava-se na zona rural, levar educação através do rádio foi algo inovador para região, em pouco tempo eles passaram a ler, conhecer seus direitos. Esse povo mais antigo que fundou o sindicato pertenciam às escolas radiofônicas e tinha Dom Francisco para ser por eles. Por isso, quando veio a revolução de 1964 eu estava viajando quando a rádio anunciou e foi uma tristeza grande parar com tudo, porque por um tempo a rádio ficou fechada. Os militares pegaram os rádios e os que eles não pegaram nós ficamos recebendo até 1965 lá no SIREA. O movimento fez a diferença na vida do homem do campo. (Lourdes Nazário, julho de 2023).

A citação acima mencionada desperta um misto de memórias, ouvir dona Lourdes falar sobre a importância do movimento para os agricultores (as) na mesma semana em que ouvir uma entrevista de Dom Francisco cedida ao jornalista Nill Júnior, me fez lembrar de minha infância e adolescência. Quando minha mãe, meu avô e os vizinhos ligavam ao rádio para escutar o programa de Dom Francisco, me fez lembrar das homilias realizadas nas missas campais de fim de ano conhecidas pela missa do galo. E novamente me questiono de quem são as memórias. Como bem nos disse Dom Egídio: “95% da população escutava a rádio e os programas de Dom Francisco porque tinham nele uma fala a seu favor e os outros 5% escutavam para se defender”.

Trabalhar com memórias é ter acesso a infinitudes de eventos que você pode ter vivenciado ou não, mas que eles estão lá. De alguma forma fazem parte de você. Quando comecei a trabalhar no Movimento Sindical costumava viajar direto e eu sempre gostei de contar qualquer coisa com muitos detalhes. Tenho uma amiga que é diretora de filmes, Uilma Queiroz. Todas as vezes que eu voltava de uma viagem ia direto para casa dela contar com detalhes tudo o que eu tinha visto, vivido, sentido e apreciado. Um dia, retornando da Marcha das Margaridas – Brasília – DF contei para Uilma sobre tudo e como o mundo da capital do país funciona diferente. Oito anos depois Uilma foi para a Marcha das Margaridas e de lá me mandou a seguinte mensagem: “Sil, aqui é tudo exatamente como tu falou, tinha hora que eu tinha certeza que já havia estado neste lugar, eu conhecia detalhes, eu sei que estão em mim as memórias do que tu viveste”.

O próximo subtópico deste trabalho intitulado Ad finem – chegou ao fim apresentaremos um compilado de memórias acompanhados de documentos que explicam a

razão pela qual as Escolas Radiofônicas encerraram suas atividades. De fato, foi uma grande perda para o Sertão do Pajeú e principalmente para todos os alunos que se vivos hoje, sabem ler, escrever e principalmente votar.

3.1.4 Ad finem - Chegou ao fim

Ad finem tradução para um português livre: chegou ao fim. Aqui a pergunta norteadora é: Se as escolas eram consideradas boas então porque acabou? Questionamos a dona Francisca, dona Rita e dona Neuza sobre a razão das escolas radiofônicas terem fechado e as respostas foram diferentes. As duas primeiras disseram: “Não sei, era um projeto tão bom, levava educação, conhecimento, mas uma hora parou e fechou as escolas”. Já Dona Neuza asseverou,

As escolas pararam de funcionar e a rádio foi fechada por causa do golpe militar. Mesmo sendo o interior do Sertão Pernambucano – distante da capital mais de 300km, quase 400 km a região tinha uma rádio e essa rádio levava conhecimento e conhecimento é algo muito perigoso, faz as pessoas pensarem e para o golpe isso não era interessante. (Neuza Acioly, março de 2023).

No Brasil, segundo nossas pesquisas principalmente Centro-Oeste o MEB e as escolas radiofônicas ainda conseguiram chegar até 1965, mas no interior do sertão Pernambucano especificamente no Pajeú este processo (implementação, treinamento e pleno funcionamento) deu-se de 1961 a 1964 e com o início do golpe ditatorial Civil Militar as escolas foram fechadas.

O nosso país, por muito tempo, viveu com um contraste entre aqueles que tinham acesso à escolaridade e aqueles a quem a escolaridade era negado o acesso; e com isso o índice de analfabetismo na nossa região, em especial no Nordeste e na área rural do Nordeste, eram números exorbitantes. Muitos programas foram feitos para combater o analfabetismo, mas nenhum se comparou ao projeto das Escolas Radiofônicas. Essas escolas puderam chegar a núcleos, principalmente na zona rural, onde buscava-se alfabetizar os agricultores e agricultoras em seu próprio meio. E principalmente, sendo pioneira no uso pedagógico do método Paulo Freire: educar a partir da realidade das pessoas. A Rádio Pajeú realizou esse projeto na região do Pajeú, em muitas cidades e em muitos núcleos. Numa época que era extremamente difícil, que era a ditadura popular, a ponto de todos os equipamentos radiofônicos que eram utilizados como instrumentos no processo de alfabetização foram recolhidos pelos militares para que desse fim a esse projeto que tirou da ignorância e do analfabetismo inúmeros nordestinos, inúmeros trabalhadores e trabalhadoras do campo e também da cidade. Dessa maneira a Rádio Pajeú contribuiu profundamente com o processo social, democrático do ensino e do conhecimento para aqueles que esse acesso era negado drasticamente. (Josenildo Nunes, agosto de 2023).

Em 31 de março de 1964 teve início o golpe civil militar. Não se tem registrado a data exata em que os pequenos rádios (cativos), as cartilhas e todo material utilizado nas escolas radiofônicas passaram a ser recolhidos pelos militares.

Em consequência das inevitáveis confusões que trás toda a revolução, foi suspenso por ordem das autoridades militares o funcionamento das escolas radiofônicas do MEB nas várias províncias eclesiásticas, inclusive em nossa Diocese Afogados da ingazeira, chegando as autoridades policiais a recolher não somente as cartilhas como também, em alguns municípios, os próprios aparelhos de rádio do nosso SIREA (Sistema rádio educativo de afogados). (Diocese, Livro de Tombo, 1964, p. 03).

Tal acontecimento fez com que o bispo fosse reclamar às autoridades militares, exigindo que os mesmos devolvessem os aparelhos e demais instrumentos. O que de fato aconteceu, não em sua totalidade, pois as cartilhas não foram devolvidas aos militares e essa por sua vez era um instrumento primordial. As cartilhas eram consideradas subversivas para o sistema. Mesmo com a devolução de parte do material, segundo Dom Francisco em entrevista realizada por ocasião dos seus 80 anos ao comunicador Nill Júnior, ele assevera, “apesar de terem devolvido boa parte do material, os pais das moças já não queriam que elas continuassem por medo da polícia. Não tiro a razão deles” e para constar, assim deixou Dom Francisco nos registros oficiais,

O que levou o senhor bispo diocesano a reclamar junto às mesmas autoridades militares que então ordenaram a devolução à diocese dos rádios e demais material apreendido nas escolas, exceto as cartilhas “viver é lutar”. Como era de dever o Sr bispo diocesano assumir perante as autoridades e o público a inteira responsabilidade do MEB nesta diocese, buscando assim a equipe diocesana de professores e supervisores e, sobretudo os monitores das escolas radiofônicas de qualquer vexame ou acusações malévolas a respeito do MEB. (Diocese, Livro de Tombo, 1964, p. 03).

Enfrentou os oficiais do exército e como se não bastasse ainda fez prevalecer sua irônica oratória, dizendo aos mesmos que eles tinham “tratado de tapar o chuveiro com palitos de dentes” (Livro de Tombo, 1964, p. 04). Portanto, segundo seu Antônio Marques, “nem mesmo o regime militar seria capaz de parar a revolução que estava por vir”. Em entrevista realizada em agosto de 2022 com o atual bispo diocesano Egídio Bisol questionei sobre a chegada dele na diocese na década de 70 do século passado XX, como ele analisava as histórias que ouvia das escolas radiofônicas e sobre o regime militar, ele prontamente respondeu:

Eu cheguei na diocese em 19 de fevereiro de 1976 fevereiro já tinha passado muitos anos desde que a escolas radiofônicas haviam sido extintas, mas Dom Francisco contava algumas coisas sim, não o povo. O povo falava muito pouco nisso. Ele falava, contava quando foi praticamente fechada a rádio Pajeú pelo governo militar e com foi a reabertura, que tinha sido muito complicada porque o fechamento tinha criado um grande medo na população seja nos monitores, dos professores, mas sobretudo nos alunos e em 76 quando eu chego na Diocese ainda tinha algum resquício desse medo. E Dom Francisco sempre mostrava um radinho um aparelho cativo que ainda hoje está no museu da rádio, que tinha sido criado, feito, adquirido para essa finalidade: as escolas radiofônicas e só pegava a rádio Pajeú eles estavam em todos os lugares onde tinha essas escolas e os monitores escutavam e ia repassando para os alunos. Era isso que ele falava. (Dom Egídio Bisol, julho de 2022).

Definitivamente foi uma grande perda, o fechamento das escolas. As falas de dona Lourdes, de Dom Egídio, do Padre Orlando e de dona Jandira estão em sintonia ao dizer que, antes o povo tinha medo de expressar sua vontade, de fazer prevalecer sua vontade, depois das escolas, qualquer comunidade sabia dizer o que precisava, quais eram seus problemas, necessidades e dificuldades etc. Isto graças ao MEB, que alcançou o seu papel maior o de conscientização do povo. Já que, segundo Padre Josenildo Nunes, alfabetizar era apenas a base, mas a verdadeira fase do movimento era torná-los cientes dos seus direitos e deveres.

Outro relato interessante de ser mencionado aqui aconteceu na entrevista com a coordenadora do MEB da Diocese de Afogados da Ingazeira a senhora Lourdes Nazário a mesma externou: “Quando se deu a revolução de 1964 os oficiais vinham tomar os rádios e qualquer material que fosse visto com subversivo ao sistema.” Essa informação consta no livro de tombo como já vimos anteriormente. Entretanto, Dona Lourdes Nazário acrescenta “nós eu e Claudete ainda passamos de 6 meses a quase um ano no SIREA recebendo as demais rádios que eles não pegaram”. Essa informação não foi encontrada em nenhum outro lugar, mas através da oralidade de Lourdes Nazário ela agora será de conhecimento de todos aqueles que realizarão a leitura deste material ou terão conhecimento do mesmo.

Segundo dona Lourdes, as irmãs Oliveira (Claudete e Hildete) continuaram a trabalhar com Dom Egídio no secretariado da Cúria. Já dona Lourdes foi localizada em uma escola da cidade uma vez que, a mesma era professora concursada do Estado. A rádio ficou temporariamente fechada. O bispo vigiado por olheiros dos militares. O medo como bem nos disse Dom Egídio era geral.

Não havia mais nada a ser feito que pudesse contornar todo o estrago provocado pelo golpe de 1964, fica evidente nas falas de Dom Francisco em entrevistas realizadas no período de redemocratização do país e fica claro no livro de Tombo da Diocese toda a trajetória percorrida pelo bispo para que o material e os rádios fossem devolvidos e mesmo parte deles tenham sido devolvidos, os pais das moças monitoras estavam assustados para que as mesmas tivessem condições de prosseguir. E assim, chegaram ao fim as escolas radiofônicas no Sertão do Pajeú Pernambucano.

Chegou ao fim as escolas radiofônicas que tinham como meio a Rádio Pajeú de Educação Popular. Entretanto, os frutos deste processo passam a ser colhidos a partir da criação das associações, cooperativas, sindicatos entre outros. Como nos disse o Padre Josenildo em entrevista realizada em meados de agosto de 2023. “Dom Francisco passou a usar ainda mais púlpito de todas as Igrejas do Pajeú e fora dele para não deixar por assim dizer cair todo o esforço do MEB e das Escolas Radiofônicas”.

CAPÍTULO 4 – AS CONTRIBUIÇÕES DAS ESCOLAS RADIOFÔNICAS NA REGIÃO DO PAJEÚ PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA

No capítulo anterior, nós fomos convidados a desfrutar do relicário de memórias da aluna, das monitoras, da coordenadora das escolas radiofônicas na Região do Pajeú Pernambucano. Após esse caminhar no passado, sim! Toda memória recuperada permite que o leitor, no presente, se encontre com o passado e através do olhar “delas”, chegamos ao ponto chave que era norteado pela seguinte pergunta: Se as escolas eram consideradas positivas, então porque chegaram ao fim? Tal questionamento foi respondido com os documentos primários, com as entrevistas de Dom Francisco e as entrevistas realizadas no decorrer de 2021-2023.

Entretanto, encerrar essa escrita só com as memórias nos pareceria incompleto, uma vez que, nós não iremos entregar um documentário que foi o previsto na nossa qualificação. Foi assim, que optei por colocar mais um capítulo em meados de agosto, era arriscado? Era. Mas, era preciso dizer o que acontece depois. Quais seriam as contribuições das escolas radiofônicas na região do Pajeú para o ensino de sociologia? Pensando nisso, dividimos em dois subtópicos: O tópico 4.1 que traz as transformações sociais na região, a partir do livro de tombo, livro de memorialistas da região, memórias dos nossos entrevistados, documentários, entrevistas de rádio, entre outros.

Outro ponto importante seria uma breve escrita sobre como se trabalhar memória no ensino de sociologia, então o colocamos no 4.2, que consiste em apresentar atividades que possam ser desenvolvidas para serem trabalhadas nas 42 escolas que compõem a Gerência Regional de Educação do Sertão do Pajeú na área das Ciências Humanas, com o foco em sociologia e que podem ser adaptadas para qualquer região de Pernambuco e do Brasil com pequenas modificações em sua escrita.

4.1. As transformações sociais na região do Pajeú

Podemos dizer que a Transformação Social é um processo por vezes gradual e lento que tem por objetivo modificar a realidade de uma Comunidade, Bairro, Cidade, enfim de uma sociedade de forma a promover melhorias na qualidade de vida de seus cidadãos, com foco em uma sociedade mais justa e equitativa. A transformação social pode ser impulsionada por diversos fatores, como a mobilização da população em torno de determinadas questões,

políticas, econômicas, sociais, educacionais, culturais, entre outras. Quando uma comunidade passa por um processo educativo que envolve a revisão de valores, comportamentos, ações e busca por novas estruturas, um novo modelo de organiza-se em prol de um objetivo comum, neste momento há uma transformação social.

O conceito é discutido por diferentes autores dentro da Sociologia. Para Durkheim, a mudança social é resultado das relações de trabalho não havendo necessidade de revolução. Já Karl Marx acreditava que as causas principais para ocorrer as mudanças sociais são as condições econômicas e a luta entre classes. Gramsci acreditava que as mudanças ocorreriam quando a mentalidade fosse modificada e o meio seria uma educação igualitária. Neste capítulo, perceberemos que a mudança social irá ocorrer através da educação popular, que é a educação que tem força para promover o desenvolvimento e garantir que as próximas gerações não retrocedam.

Na Região do Pajeú que foi o foco deste trabalho, as transformações acontecem com a implementação da Diocese, ganha poder quando conquista a primeira Rádio do Sertão de Pernambuco e essa é fundada como: Rádio Pajeú de Educação Popular e devolve-se com a chegada das escolas radiofônicas e o Movimento de Educação de Base. É através desse conjunto que foi possível chegar nas Comunidade Rurais, que por anos foram deixadas à margem da sociedade, principalmente pelo conjunto de governos existentes.

Não é somente um elemento atuando, um aspecto, não é somente a Igreja Católica sob a direção de Dom Francisco de liderar os padres numa direção; não foi somente a rádio; mas foi a fusão e integração, a orientação política e cristã adotada aqui no Pajeú foi diferente e que ajudou nessas mudanças e transformações. Então é difícil analisar isso de forma separada porque elas se integraram. (Entrevista Patriota, agosto de 2023).

A primeira transformação social que acontece é o processo de conscientização coletiva do que é cidadania por parte da camada da população mais marginalizada que naquela época eram as comunidades rurais e que hoje, mesmo com avanços, ainda percebemos o reflexo dessa dívida social no meio rural. Externamos cidadania como o conjunto de direitos e deveres civis, políticos e sociais exercidos pelos cidadãos (as) que fazem parte de um determinado Estado. É através dela que é permitido, por exemplo, que os cidadãos (a) tenham direito à liberdade, à vida, à igualdade perante a lei, ao voto, à moradia, à saúde e à educação. A partir dessa

conjuntura e tendo em contexto que não é apenas um elemento, mas o conjunto de: Rádio, Igreja, Organizações Sociais, Movimento de Educação de Base, escolas radiofônicas entre outros, que fez do Pajeú a região mais politizada de Pernambuco e uma das mais respeitadas em todo Nordeste.

E assim, começaram a surgir nas Comunidades de Afogados da Ingazeira e Região do Pajeú, as primeiras associações e as primeiras cooperativas, ambas ainda sem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ. Somente a partir da década de 80 do século XX é que elas, principalmente as cooperativas, passam a formalidade para ter condições de representatividade legal de seus associados. Legalmente, a primeira cooperativa de comercialização e produção agropecuária da agricultura familiar de Afogados da Ingazeira – CCAAFAIL é datada de 19/02/1981. Já as Associações passam a legalidade de pessoa jurídica quando começam a surgir políticas públicas e projetos que se façam necessários CNPJ. Já no auge das escolas radiofônicas e do MEB aqui na Região do Pajeú, nós temos o abrolhar do Primeiro Sindicato de Trabalhadores Rurais e nesses termos,

No dia 23, imediato ao término desse segundo treinamento, foi a fundação do sindicato Rural de quarta categoria do Município de Afogados da Ingazeira. Alguns dias depois foram fundados os sindicatos Rurais dos municípios de Tabira, São José do Egito, Tuparetama e Triunfo. Dentre em breve serão fundados nos municípios de Carnaíba e Serra Talhada. (DIOCESE, Livro de Tombo, 1963, p. 14).

O Livro de Tombo da Diocese de Afogados da Ingazeira no ano de 1963 diz que, depois de Afogados da Ingazeira viria o de Tabira, São José do Egito, Tuparetama, Triunfo e que em breve seria fundado o de Carnaíba e Serra Talhada, mas aqui permita-nos a correção, depois da criação do STR de Afogados da Ingazeira veio logo de imediato o de Tabira e Carnaíba, para depois ser criado o de São José do Egito e Tuparetama, seguidos de Triunfo e Serra Talhada. Quando ele escreve ao término do segundo treinamento, ele refere-se aos dois treinamentos dados pelo SORPE – Serviço de Orientação Rural de Pernambuco, o primeiro treinamento foi

realizado em março do mesmo ano com o estudo da encíclica papal³⁵ Mater et Magistra do Papa João XXIII e o segundo a fundação do Sindicato.

No mesmo mês da criação do Sindicato de Afogados da Ingazeira, surgiria o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tabira em 30 de junho de 1963, sete dias depois STR de Afogados da Ingazeira, sendo que seu reconhecimento é datado de 10 de maio de 1968, um ano antes do de Afogados. A título de conhecimento, uma coisa é você fazer, escolher uma diretoria provisória, fazer uma ata e dizer: “Habemus” Sindicato, ou temos Sindicato, mas para os caminhos legítimos da lei que vigora no país, a instituição precisa de um número de sócios para ser reconhecido como representante da categoria e Tabira com seu poder de mobilização atingiu o quantitativo necessário antes de Afogados da Ingazeira - PE. O próximo passo foi solicitar a carta sindical³⁶. (Marques, 2011, p. 54).

A primeira liderança sindical adivinha dessas formações e eram escolhidas a partir do seu destaque na defesa das associações rurais, que como vimos anteriormente estavam ligados enquanto alunos as escolas radiofônicas. Segundo Patriota,

As lideranças que surgiram: foram muitas - Antônio Marques (Afogados da Ingazeira) veio dessa liderança, Manoel Santos de Serra Talhada, todos dirigentes da Fetape; Antônio é um pouco mais. Seu Brás Emídio, lá da Pintada (Afogados da Ingazeira); companheiro Brás... deixa eu ver quem mais: Carlos Lopes (Afogados da Ingazeira) que ainda está vivo. Severino Carneiro (Afogados da Ingazeira). A grande maioria começou sendo evangelizador. A bíblia é que dava fundamento maior para fazer os pronunciamentos e impulsionar a favor dos mais pobres, dos trabalhadores. E Euclides Nascimento e outros vinham como convidados a dar treinamento ao povo da região, dizer como se organiza e essa coisa toda. Então era mais ou menos isso que acontecia. Dona Lia, primeira mulher dirigente sindical da região lá de Itapetim. (Entrevista de Patriota, agosto de 2023).

E assim tem início no Pajeú o Sindicalismo Rural, ressalta-se que os primeiros vão surgir na década de 60 do século XX e o último será fundado em 1993 (Quadro 2).

³⁵ Documento através do qual o Sumo Pontífice reflete sobre um tema de interesse geral. Como regra geral, seu conteúdo está relacionado à doutrina social da igreja ou então aos problemas que afetam o conjunto da sociedade na atualidade. Consulte: <https://conceitos.com/enciclica-papal/>.

³⁶ Documento emitido pelo ministério do trabalho que nos termos da legislação em vigor outorga o documento comprobatório do Sindicato por categoria, bem como aprovação dos seus estatutos sociais e reconhecendo como órgão representativo das categorias profissionais dos grupos do plano da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, no caso, com sede e foro no município em que o mesmo é instalado.

Quadro 2 – Datas de fundação dos sindicatos do Pajeú

Sindicato	Data de fundação
Afogados da Ingazeira	22/06/1963
Tabira	30/06/1963
Santa Terezinha	12/08/1965
Tuparetama	12/08/1965
São José do Egito	12/08/1965
Itapetim	01/05/1971
Iguaraci	25/05/1971
Sertânia	07/05/1971
Solidão	14/02/1972
Brejinho	25/05/1973
Carnaíba	13/05/1974
Ingazeira	02/04/1989
Quixaba	03/04/1993

Fonte: Cartas e atas de fundação dos STR's citados.

Os dois primeiros Sindicatos ainda não haviam completado um ano de fundação e já vão sofrer as perseguições do Golpe Civil Militar permaneceram abertos, entretanto reféns do sistema. Estes sindicatos estavam tutelados a diocese, a mesma mantinha um poder de sensibilização muito grande e servia como uma espécie de “guarda-chuva” em tempos difíceis, a exemplo do que fez Dom Francisco assumindo que ele era o maior responsável pelo MEB, livrando a equipe de coordenação de qualquer transtorno com as autoridades da época. Para sobreviver ao Sistema, os primeiros sindicatos mantinham um caráter de assistencialismo, pois dispunham de uma equipe médica com clínico geral, dentistas, oculista, entre outros e para contextualizar assim asseverou patriota,

Através da figura de Dom Francisco, compreende a importância sindical e orienta, e cria e funda os sindicatos lá na década de 1960; então até 1963 ou maio de 1964 tinha a abertura democrática, então vai nascendo sindicato, o governo reconhecendo. Aí vem o golpe de 1964, 31 de março, aí os sindicatos se transformam em escritórios do governo; na verdade de assistência médica, num primeiro momento. Não tinha aposentadoria ainda... aí a fome campeia. Então foi a partir daí que daí o sindicato fica refém, com poucas lutas em plena ditadura militar de 1964 em diante; aí o canção piou até porque expulsaram as

lideranças de esquerda do Brasil: Brizola, Arraes, a turma da linha de frente daquele período que encarava então espatifou, espalhou as lideranças políticas de esquerda daquele tempo. E aí, aos poucos, a clandestinidade [toma]; era partido de esquerda era clandestino; quem fosse de esquerda se reunia escondido, era proibido fazer reuniões entende? Então a igreja foi fazendo um trabalho de formiguinha, entende? De vagarinho, em plena ditadura, e foi sendo o aconchego, o local de acolhimento dos comunistas, dos socialistas, de todos da linha de esquerda. (Patriota, agosto de 2023).

Para dar prosseguimento as transformações sociais ocorridas na região, entrevistamos o Dom Egídio Bisol, 4º bispo da Diocese de Afogados da Ingazeira, a mesma nos foi concedida por ocasião do trabalho do mestrado. Uma vez que o bispo chega em 1976 ainda sob a orientação do golpe militar, solicitamos que o mesmo descrevesse sobre sua chegada na diocese o que ele encontrou nas terras do Pajeú que fossem frutos das escolas radiofônicas e do Movimento de Educação de Base ou se não havia nenhum vestígio que pudesse remeter as escolas?

Quando eu cheguei estava começando na cabeça do Pajeú uma organização das Comunidades Eclesiais de base, inclusive depois era o Padre Caetano, a irmã Célia Coutinho, as missionárias de Jesus Crucificado trabalharam muito nisso, um outro trabalho que já tinha iniciado era tentar conviver com a seca, as frentes de emergências sempre eram fenômenos muitos pesados, se ajudava num certo sentido e em outro sentido era muito humilhante, então lembro que essa foi uma das áreas de atuação foi também essa. Fazer projetos, construir barreiros, uma casa de farinha comunitária para ajudar nos tempos bons vamos dizer assim, engenhos de cana de açúcar, ou seja, construir várias estruturas que seja para produção, mas que seja também para própria organização da comunidade e nós fomos organizando e acompanhando. Não precisava incentivar, vamos dizer assim, muitas coisas o povo já era muito religioso e já tinham conhecimento dos seus direitos. (Dom Egídio Bisol, julho de 2022).

Quando o mesmo diz: “Na cabeça do Pajeú” ele refere-se às Cidades de São José do Egito, Itapetim, Brejinho, Tuparetama e Santa Terezinha. Hoje nós nos referimos a essa área como alto Pajeú devido a uma divisão interna na Igreja³⁷ que é uma divisão diferente da Bacia Hidrográfica (pertenceria todas as cidades que em algum espaço geográfico é cortado pelo Rio Pajeú) e diferente da divisão Política³⁸.

³⁷ Na divisão interna da Igreja particular do Pajeú é dividido da seguinte forma: Alto Pajeú – São José do Egito, Itapetim, Brejinho, Tuparetama e Santa Terezinha. O Médio Pajeú: Flores, Carnaíba, Quixaba, Triunfo, Santa Cruz e Calumbi, Centro Pajeú: Afogados da Ingazeira, Ingazeira, Iguaracy e Tabira e Baixo Pajeú: Serra Talhada, Belmonte e Mirandiba. (Marques, p. 33, 2011).

³⁸ O Sertão Pernambucano é uma das cinco mesorregiões administrativas que compõe o Estado, as outras quatro são: Zona da Mata, Agreste, São Francisco e região Metropolitana. O Sertão do Pajeú faz parte dos seis Sertões

Percebemos a entrada das Comunidades Eclesiais de base que são pequenos grupos organizados em torno da paróquia, nas capelinhas de cunho rural, que na Diocese de Afogados da Ingazeira, passou a organizar-se por iniciativa do bispo Dom Francisco, que teve como referencial a Arquidiocese de Natal - RN, do então bispo Dom Eugênio Sales. Ainda segundo dom Egídio Bisol o material utilizado nesses encontros era do SAR – Serviço de Assistência Rural da Arquidiocese de Natal – RN, “eles mandavam o material e nós aqui adaptamos e reproduzíamos”.

Ressalta-se que as CEB's são de natureza religiosa e de caráter pastoral e organizava-se da seguinte forma: Os grupos são divididos em dez, vinte ou cinquenta membros ou um único grupão dependendo da situação da comunidade. Na CEB's rural a cultura estava enraizada pela religiosidade, não se pode negar que no Sertão do Pajeú a religiosidade está mais presente na área rural, onde o sofrimento do pobre é maior.

“São comunidades, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma fé, pertencem a mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São eclesiais, porque congregadas na Igreja, como as próprias mãos (classes populares): dona de casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares”. (Betto, 1974, p. 74).

Muitos membros destas comunidades vão fazer parte de outros projetos de outras formas de organização, os representantes da área rural tinham destino praticamente certo, era justamente a opção pelo movimento sindical, eles procuram valorizar o sindicato como verdadeiro órgão de classe, já diferente dos Sindicatos iniciais, os novos Sindicatos se apresentam na afirmação como defesa da categoria trabalhadora rural, isso graças aos primeiros sindicatos que lutaram por este direito. O que muito recorda um escrito de Frei Betto,

existentes em Pernambuco são eles: Araripina, Salgueiro, Moxotó, Petrolina, Itaparica e Pajeú. O Pajeú por sua vez é composto por 17 municípios são eles: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Iguaracy, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama. (Marques, p. 33, 2011).

A percepção da vida e do tempo como movimento histórico é algo intrínseco à revelação cristã, cuja base é a história de um povo (Israel) e a práxis libertadora de um homem, Jesus de Nazaré. Entretanto, a consciência popular concebe o mundo como imutável. Não possui a mesma espinha dorsal na qual o agente enraíza suas categorias libertadoras. O povo não conhece a história da opressão pelo estudo dos modos de produção, ele a conhece por sua própria vivência, seu passado indígena ou escravos; pela tradição familiar oral, pelo êxito permanente em busca de melhores condições de vida. As coisas que a gente pensa, o povo sente. Por isso, o povo sabe fazer silêncio ante o agente que vem de fora; sabe manter-se paciente diante de propostas imediatistas; sabe conservar sua intuição de classe dentro do processo histórico. (Betto, 1974, p. 24).

O homem do campo não conhece a opressão pelo estudo dos modos de produção, ele conhece por sua própria vivência. Na entrevista que o senhor bispo nos concedeu ele já adentra um ponto crucial que são as frentes de emergência que assola todo o Sertão Nordeste, fenômeno esse que ocorre de tempos em tempos. Mas afinal, o que seria uma frente de emergência? Que também é luta travada pelos agricultores juntamente com o senhor bispo. Segundo Sousa 2005,

Política adotada em período de seca, chamada política de emergência, é um programa governamental implantado para amenizar ou eliminar conflitos sociais inevitáveis que explodem quando parte da população tem seu nível de subsistência comprometido. Essa política tem como objetivo atender a população que se encontra em reconhecido estado de calamidade pública, sobretudo no que se refere ao abastecimento d'água e geração de renda. Tal política é estabelecida a partir de pressões da população que tem seu suporte alimentar afetado. (Souza, 2005, p. 63).

O Nordeste brasileiro como já foi mencionado, tem em predominância o clima semiárido, o que possibilita de tempos em tempos ocorrer secas, as quais são fenômenos naturais. Porém, a falta de investimentos, o abandono, fez com que os habitantes dessas localidades sofressem as consequências desses fenômenos naturais.

No entanto, em alguns anos esse fenômeno castigou de forma mais arrasadora essa região, por esses motivos aos poucos foi proporcionado, por parte do governo, algumas medidas que pudessem amenizar os efeitos da seca. Os mais assolados por esse elemento natural foram os agricultores, levando em consideração que todos os moradores do nordeste, havia também grandes proprietários de terras que não sofreram tanto com a seca. Portanto necessitava-se de medidas que focassem o povo, os agricultores. Para isso foram criadas as chamadas “frentes de emergências” que eram como o próprio nome denota algo emergencial, que consistia em

“empregar” os mais afetados coma seca em obras públicas, fazendo assim com que estes fossem contemplados com uma renda mínima, objetivando a redução de mortes em função da desumana falta de políticas que permitisse esse povo atravessar a estiagem.

As principais ações implementadas pela política social da seca estão assim organizadas:

Distribuição de cestas básicas contendo 19 quilos de alimentos (feijão, arroz, fubá, farinha, açúcar, café, óleo, macarrão);

Construção, recuperação e limpeza de cisternas, tanques, barreiros, açudes, barragens e aguadas;

Construção de residências na área rural e recuperação de prédios públicos; Fabricação de telhas e tijolos a serem utilizados em obras ou mutirões; Produção de brita e paralelepípedo, destinada principalmente à construção de asfaltos;

Crédito destinado à criação de infraestrutura no valor de R\$ 450.000,00 (investimento e custeio) (Fischer e Albuquerque, 2002, p. 10).

Podemos denominar hoje de paliativos do governo. Desde muito cedo o homem do campo sabe que não se combate a seca, mas aprendesse a conviver com ela. Portanto, ao mesmo tempo em que se organizava politicamente as comunidades, ouvia-se o clamor do povo assolado pela “seca e seu cortejo de misérias”³⁹. Desde que Euclides da Cunha, contratado pelo Jornal o Estado de São Paulo, escreveu “Os Sertões”⁴⁰, a problemática da seca tornou-se um problema social da maior relevância levantando questionamentos éticos e políticos sobre uma região antes negligenciadas.

Contudo, não sejamos condescendentes com o Poder Público, na maioria das vezes resumiu sua atuação na criação de Políticas Públicas⁴¹ de caráter assistencialista que, quando muito, mitigavam temporariamente o sofrimento cotidiano do sertanejo. O Pajeú, como fez referência Dom Egídio, assistiu de perto as frentes de emergência e suas construções de barreiros em Terras de particulares, muitos inclusive alunos das escolas radiofônicas e seus

³⁹ Dom Francisco Livro, de Tombo, p. 10, 1963.

⁴⁰ Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em 20 de janeiro de 1866 na Fazenda Saudade em Cantagalo (RJ). Foi escritor, professor, sociólogo, repórter jornalístico, engenheiro, cursou Escola Superior de Guerra e atingiu o cargo de tenente, contudo, ficou conhecido internacionalmente por sua obra-prima, “Os Sertões”.

⁴¹ São diretrizes tomadas que visam a resolução de problemas ligados à sociedade como um todo, engloba saúde, educação, segurança e tudo mais que se refere ao bem-estar do povo.

filhos. As frentes de emergência nesta região só não foram mais necessárias a partir dos anos 2000 que é quando ascende ao poder um outro tipo de governo. Para uma visão mais acurada sobre as frentes de emergência no Pajeú e o pós, recomenda-se assistir ao Documentário. O Bemvirá de Uilma Queiroz⁴².

Acima apresentamos o olhar de Dom Egídio sobre o Pajeú anos após o fim das escolas. Trazemos novamente o livro de tombo para referenciar os escritos de Dom Francisco sobre as frentes de emergência. Continuando na mesma perspectiva percebemos através das entrevistas falas convergentes em relação ao conhecimento do homem do campo em relação a cobrança de seus direitos. Além das escolas radiofônicas e principalmente pós elas, Dom Francisco continuou a ensinar através de suas homílias realizadas nas comunidades e na Catedral, sobre o direito do homem do campo, assim como fazia Jesus, o bispo também ensinava por parábolas⁴³. Dom Francisco menciona no livro de tombo algumas vezes que ministrou para agricultores palestra sobre legislação, fazendo-os conhecer sobre seus direitos de cidadão Brasileiro. E assim, ficou registrado,

De 16 a 22 de março realizou a Diocese de Afogados da Ingazeira o primeiro treinamento de líderes rurais para sindicalização. Compareceram 18 pequenos agricultores e as aulas foram ministradas pela equipe diocesana, para estímulo dos mesmos líderes o Sr bispo compareceu ao treinamento, não só para encerrá-lo com uma palavra de pastor, mas mesmo para ministrar uma aula de legislação. (Diocese, Livro de Tombo, ano 1964, p. 3).

Como mencionado anteriormente, a presença marcante da Igreja na figura central é um diferencial que precisa ser deixado aqui registrado. Continuaremos aqui apresentando as mobilizações ocorridas no Pajeú na luta por esses direitos e que vai unir alunos, professores, CEB's e a frente a Igreja por sua condição privilegiada.

As frentes de emergências, como já foram expostas neste trabalho, foi fator determinante nas mobilizações do Sertão principalmente a partir da década de 80 do século XX, algumas delas devido aos horrores das secas foram descritas no livro de Tombo da Diocese,

⁴² O Bemvirá (2021) 1h' 20 minutos – Documentário da carnafana Uilma Queiroz que retrata a construção de um barreiro na comunidade rural de Escada – Afogados da Ingazeira. Barreiro esse construído por mulheres em 1983. O filme é o encontro de uma fotografia de 23/11/1983 onde 13 mulheres grávidas fazem parte da construção. A pesquisa de busca por essas mulheres teve a pesquisa assinada por mim Silmara Ferreira Marques atual mestranda do PROFSOCIO e José Rogério Oliveira Mestre pelo PROFSOCIO.

⁴³ Narrativa alegórica que transmite uma mensagem indireta, por meio de comparação ou analogia.

outras, manifestações a exemplo da que ocorreu em Afogados da Ingazeira em 5 de maio de 1980, foram noticiadas por jornais da época (Imagem 1, 2 e 3).

Imagem 1 – Mobilização pelo cadastro na frente de emergência



Fonte: Marques, 2011.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Afogados da Ingazeira, que na época tinha como presidente o Senhor Antônio Marques dos Santos e contava com a parceria da Diocese de Afogados da Ingazeira-PE. Realizou uma manifestação reunindo (cinco mil) Trabalhadores Rurais, que caminharam pela Avenida Rio Branco, onde localiza-se até hoje a prefeitura do município e a Catedral do Senhor Bom Jesus dos Remédios.

As solicitações estavam atreladas a inclusão das mulheres nas frentes de emergências, bem como, os jovens a partir de 14 anos. Até então, as mulheres não tinham participação e a juventude via-se obrigada a deixar sua terra natal, para arriscar a vida como retirante com destino às grandes cidades, principalmente São Paulo.

Imagem 2 - Mobilização ocorrida em maio de 1980 na Catedral



Fonte: Fernando Pires, apreciador da história local.

Imagem 3 - Ato em prol da Reforma Agrária



Fonte: Marques, 2011.

Dando continuidade às mobilizações ocorridas no Pajeú, em maio de 1981 realiza-se um ato de apoio à Reforma Agrária do nosso país, como plano de fundo temos a comemoração da passagem do dia do Trabalho. Desde a década de 60 do século XX até sua saída do governo da diocese, Dom Francisco celebrava o dia do trabalho com os agricultores. A foto acima foram

gentilmente cedidas pelo STR de Afogados da Ingazeira – PE.

O ano 1982 foi marcado por grandes manifestações, atos, missas entre outros. O livro de Tombo trará uma descrição mais acurada do que foi a mobilização ocorrida em Serra Talhada e Tabira, vejamos:

Serra Talhada de uma manifestação pública, na concha acústica daquela Cidade promovida pelo Sindicato Rural dos Trabalhadores do município, presente representações de outros Sindicatos de Trabalhadores Rurais e da Pastoral Rural da Diocese. Reclamando contra a desativação da emergência ereivindicando trabalho para a população rural, vítima da seca que assola o Sertão pela terceira vez consecutiva. (Diocese, Livro de Tombo, 1982, p.10)

São poucos os que lutam, mas a conquista é de todos. A reivindicação seria para a continuidade da Frente de emergência (Imagem 4), uma vez que, a fome e a seca ainda assolava o Sertão.

Imagem 4 - Ato em prol do retorno das frentes de emergência



Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tabira

Além da eminente ameaça do fenômeno da seca, como analisa Abreu e Lima (2012), a organização da sociedade civil em Afogados da Ingazeira, no sertão do Pajeú, vivenciou a década de 1980 de maneira muito intensa, haja vista a organização das mulheres através do Grupo Benvirá; a mobilização dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais; a atuação da Igreja Católica pela vertente da Teologia da Libertação através das Comunidades Eclesiais de Base, e

ainda, animadas pelas homilias, discursos e lutas do bispo Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho. (Silva, 2020. Pág. 71).

As Mobilizações Sociais relativas às frentes de emergência foram muitas. Segundo o Documentário o Bem Virá, em 1982 houve em parceria com a ONG de mesmo nome do filme, Diocese, Diaconia, pastoral rural, CEB's, mulheres de outras regiões entre outros uma mobilização com caminhada até a Catedral do Senhor Bom Jesus dos Remédios reivindicando que as mulheres passassem também a trabalhar nas mesmas (Imagem 5). Esse direito foi conquistado e novembro de 1983 foi tirada a fotografia que deu origem ao documentário O Bem virá.

Imagem 5 - Concentração da Passeata de reivindicação do alistamento feminino nas Frentes de Emergência.



Fonte: Queiroz, 2014.

Um dos registros mais emocionantes na memória de Lourdes Luna, Zilda, Quitéria, Maria Do Carmo, Maria do Socorro (in memoriam) e que depois através da memória coletiva passou também a ser nosso (Imagem 6).

Imagem 6 – Treze mulheres gestantes Frente de Trabalho Sítio Escada, Afogados da Ingazeira-PE (23/11/1983)



Fonte: Queiroz, 2014.

Esta imagem deu origem ao documentário *O Bemvirá* de Uilma Queiroz. Na gravação desse documentário muito se falou de fome, sofrimento, dor emocional e física, muitos foram os relatos, mas sempre houve esperança do verbo esperar, por isso *O Bemvirá*, o bem viria através do ventre das mulheres, do nascimento daquelas crianças.

Em entrevista concedida ao comunicador Nill Júnior por ocasião do aniversário de 80 anos de Dom Francisco, o mesmo explica a razão da Região do Pajeú e principalmente Afogados da Ingazeira é conhecida por ser a mais politizada e nesses termos temos,

Há pouco dias alguém me dizia que a situação em Afogados é relativamente boa, neste ponto que estou falando, disse que hoje se chegar numa comunidade e perguntar “quais são os problemas dessa comunidade?”, o grupinho reunido saberá: “é este, este, este, aquele”; “quais as falhas?”, sabe isto, e “o que vocês lamentam não ter aqui? sabe isto, e “o que vocês querem dos poderes públicos aqui?”...isto...disse eles já sabem dizer, se não assim com perfeição, com profundidade, mas saber dizer; e esta pessoa dizia que isto era resultado ainda, também, das aulas do MEB e dos encontros que fazíamos com o povo da

palavra que dávamos na Rádio Pajeú e assim por diante (Diocese de Afogados da Ingazeira, 2011, p. 44)

Sim, o MEB e as Escolas Radiofônicas foram o diferencial na Região do Pajeú e aqui fica claro que elas fazem parte do conjunto inicial de organização das estruturas transformadoras da Região. A mudança de Mentalidade aconteceu pela educação.

Procurei de que forma encerrar esse tópico e por mais que muitas memórias permeassem meus pensamentos só me vinha a entrevista realizada com o Padre Josenildo em agosto de 2023. Depois de muito relutar, achei por bem ceder aos desejos do coração. Questionei o padre com a seguinte pergunta: Qual a importância da Igreja particular do Pajeú para as transformações sociais da região? E mesmo que a resposta tenha ficado ampla, vou coloca-la na integra:

Quando Dom Francisco deixou o governo da Diocese de Afogados da Ingazeira, da Diocese do Pajeú no início desta década, cantamos na sua despedida que resumia em poucas palavras aquilo que foi aquele homem para o Pajeú. Dizia tal música: bendito quem esta igreja fez ser do pobre a voz clamor/ És o profeta do Pajeú, oh Dom Francisco nosso Bom Pastor. Dom Francisco foi, realmente, a voz do povo do Pajeú, a voz dos pequenos, a voz dos excluídos, a voz dos fracos, a voz das mulheres, dos homens, dos trabalhadores rurais, das trabalhadoras rurais, a voz de todos aqueles que eram oprimidos, de alguma forma, pelo sistema. Mas também sabia dialogar e era um diplomata com aqueles que não estavam na classe dos pobres mas, de alguma forma, poderiam colaborar e influenciar nas transformações sociais do Pajeú; e aí Dom Francisco ele ganhou página na história porque ele participou das grandes transformações do Pajeú: como quando, por exemplo, defendeu a dignidade do homem do campo, de ter direito ao alimento na época das grandes estiagens do nosso Sertão, onde ele se posicionou do lado daqueles que passavam fome e brigou, lutou para que eles tivessem condições dignas de sobreviver, de viver a partir da necessidade do pão e do alimento em sua mesa. Dom Francisco usou como instrumento para divulgar a sua palavra, a sua mensagem, o seu trabalho de conscientização por muitos anos, por mais de 40 anos, os microfones da Rádio Pajeú, o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas foi revolucionário para a educação do homem do campo na conscientização dos seus direitos e deveres. Usou do púlpito da Catedral do Senhor Bom Jesus dos Remédios e de todas as paróquias por onde ele passou. E nisso ele se transformou em um grande profeta; profeta no sentido estrito da palavra, no sentido bíblico; não profeta como aquele que prevê o futuro, mas profeta como aquele que lê o presente e ajuda àqueles que não conseguem enxergar o presente dele a fazer uma leitura crítica a fazer. Então Dom Francisco se tornou um profeta de fato, porque era como a voz de Deus iluminando a realidade dura, para que fosse mais compreendida e mais

⁴⁴ Entrevista do Bispo Dom Francisco, por ocasião dos seus 80 anos, concedida ao comunicador da Rádio Pajeú Nill Junior, transcrita por Rogério Nunes Marinho e publicada no livro Memórias Fecundas da Diocese de Afogados da Ingazeira. Editoração Egídio Bisol. Gráfica Asa Branca. Afogados da Ingazeira - PE, 2011.

entendida por aqueles que tinham mais dificuldade nisso. Fazendo com que eles fossem também protagonistas dessa ação, Dom Francisco tornou-se nesses 40 anos ou um pouco mais, um grande pastor, um grande pai, ao mesmo tempo que ele tinha uma posição e uma voz firme e forte, ele era terno e amoroso para com todos aqueles que o buscavam e o procuravam como um orientador, como um guia espiritual; e com isso Dom Francisco protagonizou, junto com outras instituições como os sindicatos e as associações e as outras paróquias, uma mudança cultural e intelectual e social e também econômica na região do Pajeú. Ele foi de fato um transformador de realidades, um transformador de vidas. É tanto que seu legado, sua missão, ainda é lembrado e querido por todos nós. (Padre Josenildo Nunes, agosto de 2023).

O Pajeú é marcado pelas lutas: de identidade, de reconhecimento, por processos de educação, por continuidade das transformações sociais. Pelo direito à dignidade humana, pelo direito de ter direitos. O Pajeú é um conjunto de transformações: Primeiro as escolas radiofônicas e o Movimento de Educação de base, delas surgem os primeiros sindicalistas e os primeiros sindicatos – estes caminham pelo golpe militar e se adaptando conforme a necessidade são eles que dão início com a igreja as comunidades eclesiais de base, elas que continuam a organização do homem e da mulher do campo, estes que em tempos de seca precisam mobilizar-se em busca de alternativas e políticos para permanecer em suas localidades. Pergunto: Qual foi a origem de todo esse desenvolvimento e transformações? À educação através das escolas radiofônicas. O tempo passou, mas os primórdios sempre foram à educação.

4.2 Ir para além do mesmo – Sugestões de atividades

Não existe uma receita pronta e inacabada para se ensinar, não existe um método, uma fórmula em que seja aplicado em todas as realidades e funcione. O que existem são atividades que poderemos adaptar em acordo com nossa realidade. Para a Região do Pajeú Pernambuco o ensino de sociologia pode vir a ser lecionado a partir das memórias do seu povo, essa região especificamente carrega em sua história marcas de lutas identitárias desde o século XVI e nos séculos seguintes são pautadas as lutas políticas, culturais, religiosas, sociais, educacionais, entre outros. A Igreja por exemplo é responsável pela implementação dos Sindicatos Rurais neste núcleo, iniciando no começo do golpe civil militar e concluindo com o fim da ditadura. Mas, isso só foi possível através dos frutos advindo do processo de alfabetização de jovens e adultos através das escolas radiofônicas e o Movimento de Educação de Base (1961-1964).

Trabalhar com memórias é ter acesso aos cinco sentidos, afinal quem nunca sentiu um cheiro e recordou da comida de domingo feita pela avó? Memória é o encontro da saudade com ausência ou presença.

O sociólogo Francês Halbwachs é referência no trato da memória, mas como já vimos anteriormente temos historiadores, psicólogos, neurocientistas entre tantos outros estudiosos que buscam compreender a memória na sua amplitude. Para Halbwachs o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito, assim toda memória coletiva é antes de tudo uma memória individual a memória não se resume à vida de uma pessoa, mas também é uma construção coletiva, um fenômeno construído, organizado a partir do presente, e em parte herdada.

Propomos trabalhar memória a partir do espaço geográfico ao qual estamos inseridos para isso, para encerrar este trabalho, neste subtópico apresentarei primeiramente uma sequência didática com o objetivo de ser vivenciada nas salas de aula do 2º ano do Ensino Médio. Como plano de fundo teremos a memória e suas singularidades. Trabalharemos por desenvolver conceitos sobre: O que é memória? Qual a contribuição da memória para nossas vidas? O que é uma memória individual? O que é memória coletiva? e assim, apresentaremos um sociólogo que traz em sua abordagem os questionamentos elencados. Maurice Halbwachs.

Entretanto, ao desenvolver essa sequência nós também trataremos sobre organização da sociedade. Conteúdo desenvolvido no primeiro bimestre do organizador curricular do ensino de sociologia. O diferencial é que nós começaremos a trabalhar sobre esse conceito a partir da realidade do Sertão Pernambucano, a partir de conhecimentos prévios, conhecimentos esses que nossos discentes serão instigados a buscar na família. Será a partir da história local, da tradição oral, das memórias dos familiares que abordaremos sobre: O que caracteriza uma sociedade? De que forma nós nos organizamos dentro de uma sociedade? O que é: comunidade, grupo social, cooperativas, associações, sindicatos? e novamente retornaremos para: Qual a importância da memória para a sociedade e o ensino de sociologia? Na oportunidade será possível apresentar as habilidades e competências trabalhadas, o objeto de conhecimento entre outros. O que geraria uma aprendizagem significativa.

De acordo com Ausubel (2003), quando atribuímos significados a um conhecimento a partir da interação com nossos conhecimentos prévios, estabelecemos uma aprendizagem significativa. O mestre Paulo Freire em outras palavras também dizia a mesma coisa quando discursava que era preciso fazer o aluno conhecer a realidade para poder transformá-la. “Não basta saber ler mecanicamente que ‘Eva viu a uva’” Gadotti (2003).

Na sequência didática (Quadro 3) serão apresentadas atividades para serem desenvolvidas fora da sala de aula, atividades que serão complementares e que facilitarão a compreensão dos conceitos a partir da comunidade em que estamos inseridos. Os discentes serão levados a saber sobre o que é associação a partir da associação dos moradores ou da associação rural (uma boa parte dos nossos alunos na Região do Pajeú são oriundos das comunidades rurais) ou saber sobre sindicato a partir dos próprios pais, uma vez que temos filhos de agricultores, professores, policiais, administrativos entre outros.

A segunda atividade a ser desenvolvida e apresentada neste material é uma eletiva - Com a modificação para o novo ensino médio, disciplinas como sociologia, história, geografia, filosofia entre outras tiveram sua grade reduzida. Uma alternativa que pode ser vivenciada pelos professores de ciências humanas e sociais para que diminua o impacto provocado pela perda na carga horária e conseqüentemente nos conteúdos é a produção de uma eletiva estruturada a partir da sua disciplina e transdisciplinaridade. Uma vez que, a eletiva é uma escolha do aluno é preciso desenvolver algo que possa atrair a atenção dos mesmos. Pensando nisso, a eletiva que desenvolvemos trará o mundo do cinema, das artes visuais, da possibilidade de um registro ou da marca daqueles discentes na escola, isso porque toda eletiva precisa gerar um produto final.

Em meio às muitas possibilidades que poderíamos apresentar como forma final desta escrita, optamos por essas duas. A primeira foi norteada a partir das aulas vivenciadas na disciplina de ensino de sociologia ministradas pelo Doutor professor Fabiano Custódio. A segunda teve por norte três etapas distintas: As aulas de ensino de sociologia, a disciplina de tópicos especiais sobre Sertão ministradas pelo professor doutor Paulo César Diniz e a minha paixão mais recente (os últimos seis anos) pelo mundo do cinema e as várias possibilidades que nos é apresentadas para se trabalhar na área de Ciências humanas e sociais.

4.3.1 Sequência didática

Quadro 3 – Atividades em sala de aula

Disciplina	Sociologia
Docente	Silmara Ferreira Marques
Turma	2º ano do Ensino Médio
Duração	10 aulas ou cinco semanas
Temática	Desenvolvendo conceitos do ensino de sociologia através de memórias
Apresentação	
<p>Zabala (2002) no livro “A prática educativa: como ensinar” diz que sequência didática é “Uma série ordenada e articulada de atividades que formam as unidades didáticas”, ou seja, é através dela que o professor tem condições de organizar sistematicamente as atividades a fim de atingir a aprendizagem dos conteúdos. Para tanto é preciso ter clareza dos objetivos e das metodologias que se fará uso.</p> <p>Essa sequência didática objetiva oportunizar aos discentes do 2º ano do Ensino Médio e docentes (Ciências Humanas e Sociais) novas possibilidades de práticas pedagógicas, a fim de proporcionar a ambos outros contextos de aprendizagem. Nossa sequência didática articula-se entre teoria e prática (práxis), colaborando para que sujeitos ultrapassem a visão dos acontecimentos. Sequenciando 04 passos: Prática Social Inicial; Problematização; Instrumentalização e Prática Social Final. A nossa temática é: Desenvolvendo conceitos do ensino de sociologia através de memórias.</p>	
1º passo	<p>Prática Social Inicial</p> <p>Na etapa inicial o objetivo é levar os alunos ao entendimento do que é a Sociologia (assim como Ciências Sociais) e como a mesma ocorre socialmente, possibilitando-lhes o pensar sociológico a partir do senso comum perante conceitos e características da sociedade, organizações, processos e instituições sociais, relações de poder, tipos de socialização, comunidade, interação e grupo social, papéis e status sociais. Analisando os temas, fenômenos e processos sociais, partindo</p>

	das memórias dos sujeitos fomentando imaginação sociológica sobre diferentes narrativas e fontes que explicam-se na vida social.
Visualizando no currículo	Prática diretamente articulada no currículo do primeiro bimestre do 2º ano da disciplina de sociologia.
Habilidades da área da BNCC	<p>(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).</p> <p>(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.</p> <p>(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.</p>
Habilidades específicas dos componentes	(EM13CHS101SOC01PE). Analisar temas, fenômenos e processos sociais, econômicos, políticos e culturais, a partir de concepções clássicas e contemporâneas das Ciências Sociais e da Sociologia, fomentando a imaginação sociológica sobre diferentes narrativas e fontes que explicam a vida social.
Objetos de conhecimento	Objetos de estudo da Sociologia: fato social, ação social e classe social, sociedade em rede, processo civilizador. Conceitos e características de sociedade, organização social, instituições sociais, relações de poder,

	processos sociais, tipos de socialização, comunidade, grupo social, papéis e status sociais, interação social.
Listagem dos conteúdos	<p>Conceitos e características de sociedade;</p> <p>Organização social;</p> <p>Tipos de socialização (comunidade, grupo social, cooperativas, associações, sindicatos);</p> <p>Divisão de classes;</p> <p>Relações de poder.</p>
Metodologia	<p>Inicialmente, as palavras serão escritas no quadro, (uma tempestade de palavras), as mesmas deverão fazer referência aos acontecimentos Regionais no Pajeú entre as décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Ao centro do quadro deverá constar a palavra memória destacada. Partindo da palavra memória iniciaremos o nosso diálogo (neste momento os alunos são provocados a recordarem sobre acontecimentos importantes da sua vida), que a princípio parecem não apresentar semelhanças com nossa proposta. Em seguida, o professor(a) lançará o seguinte debate: O que é uma memória individual? levando os mesmos a perceberem que nas falas que eles realizaram são memórias deles, mas se outras pessoas e colegas viveram a mesma situação então teremos uma memória coletiva. É importante ressaltar que estamos realizando uma primeira abordagem sobre a temática e que não é necessário um aprofundamento. É interessante que o professor possa rapidamente dizer como a memória é abordada na sociologia como referência apresentar o sociólogo Francês da Escola Durkheimiana Maurice Halbwachs (1877-1945).</p> <p>Depois deste primeiro momento em que as palavras ainda estão no quadro e ainda não foram utilizadas, os alunos já falaram sobre alguma memória que tem. O professor deverá explicar sobre a primeira atividade blocada que será realizada em casa, de que modo eles deverão proceder e que a mesma será apresentada em breve não na próxima aula.</p>

(Ver atividade no bloco de atividades). Aqui encerra as duas primeiras aulas.

Segundo momento da metodologia: O professor deverá conduzir os alunos para uma sessão de filmes. Na realidade do pajeú um ótimo documentário que pode ser utilizado e que aqui estamos colocando em pauta é: O Bemvirá. Após a exibição iniciar o debate sobre o documentário e as memórias presentes. Acrescentando lá no quadro situações desconhecidas pelo aluno e que ele visualizou no filme (novas palavras ou situações).

Tendo por base a problematização descrita no tópico anterior (primeiro momento). Nesta aula o professor (a) deverá conduzir a organização do trabalho que será desenvolvido e a socialização na aula seguinte. No segundo momento da problematização o foco será o quadro através das seguintes palavras: Organização; sociedade; comunidade, grupo social, cooperativas, associações, sindicatos entre outras, a partir dessas palavras o docente instiga os discentes perante seus conhecimentos prévios sobre o significado das mesmas e sua representação num determinado contexto. Nos 30 minutos finais para o encerramento, o professor (a) deverá explicar e organizar as equipes para a realização da segunda atividade blocada, desse modo, o encerramento do conteúdo acontecerá na aula subsequente através das apresentações realizadas pelos alunos.

Na primeira aula de apresentações os alunos irão realizar na sala de aula um espaço de memórias, neste espaço será colocado e debatidos os acontecimentos relativos a vida deles a partir da memória da pessoa que ele escolheu para entrevistar. Após a apresentação, o professor (a) lembrará a eles que na próxima aula haverá a apresentação da atividade 02 e que a forma de apresentação é a critério de cada equipe.

Problematização	O objetivo dessa etapa é fazer uma discussão sobre o conteúdo abordado nos passos anteriores, como por exemplo	
	Primeiro Momento	Primeiro Momento
	<p>O que é memória?</p> <p>O que é uma memória individual?</p> <p>O que é memória coletiva?</p> <p>Qual a contribuição da memória para nossas vidas?</p> <p>Que memórias as pessoas mais próximas costumam ter de você?</p> <p>O que entendemos por tradição oral?</p>	<p>O que caracteriza uma sociedade?</p> <p>De que forma nós nos organizamos dentro de uma sociedade?</p> <p>O que é: comunidade, grupo social, cooperativas, associações, sindicatos?</p> <p>O que podemos definir como relação de poder?</p> <p>O que seria a luta de classes?</p> <p>Qual a importância da memória para a sociedade?</p>
Blocos de atividades		
Atividade 1	Associada ao primeiro momento (casa) ⁴⁵	
Nome da atividade	O ano em que eu nasci	
Desenvolvimento	Dividida em três partes complementares, essa atividade permitirá trabalhar não apenas a sociologia, mas a sua transdisciplinaridade com história, geografia, artes, português entre outras.	
Primeiro momento	O discente deverá realizar uma pesquisa na internet sobre principais acontecimentos no ano do seu nascimento (políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais...) no Brasil e no mundo. Em seguida, ele fará um texto corrido descrevendo os principais.	

⁴⁵ De acordo com o novo Ensino Médio às aulas de sociologia ficaram reduzidas a duas aulas na semana e apenas no 2º ano. Portanto, o trabalho é solicitado para a realização em casa.

Segundo momento	O aluno deverá escolher uma pessoa que o conhece desde a infância preferencialmente (pais, avôs, tios) e devem fazer a seguinte pergunta: Quais são as memórias que vocês têm sobre o ano em que eu nasci? E deverá realizar a escrita de um pequeno texto sobre memórias que essa pessoa tem, em referência ao seu nascimento. Os alunos devem ser orientados a levar os textos para a sala de aula para a realização/confecção de um mural intitulado: O ano em que eu nasci!
Terceiro momento	Na última parte da atividade é realizada a socialização das memórias dos familiares. Os alunos têm em média a mesma idade e os fatos serão repetitivos em relação a sua pesquisa no âmbito geral, mas as memórias que os familiares têm deles são únicas. Nós realizamos um sorteio de dez participantes que farão a explanação da memória do seu familiar. Lembrando que: todas as memórias deverão ser colocadas no painel e deixadas expostas. Um dado importante: o referencial aqui é a Região do Sertão do Pajeú – nós enquanto Gerência Regional de Educação – GRE, acompanhamos 42 escolas. As salas do Ensino Médio tem em média 40 alunos.
Atividade 2	Associada ao segundo momento (casa)
Nome da atividade⁴⁶	No meu bairro/comunidade tem...
Desenvolvimento	Ainda em sala de aula os alunos deverão ser divididos em cinco grupos.
Primeiro momento	1) Os alunos deverão se organizar e escolher um grupo social: uma cooperativa, associações, sindicatos entre outros para realizar uma entrevista que ao final eles possam apresentar a forma de organização social e qual a sua importância no espaço pesquisado para a comunidade. Exemplo: Entrevistar uma organização LGBTQIA+ mostrando através de atividades dessa

⁴⁶ É preciso que o professor tenha conduzido a explicação dessa atividade de forma clara e objetiva

	<p>organização/grupo combatendo os mais variados preconceitos ou entrevistar conselheiros de bairro e a importância que os mesmos têm para o desenvolvimento da sua comunidade.</p>
	<p>2) Conhecendo o meu bairro/comunidade e cientes de quem será entrevistado, os alunos deverão levar um esboço de perguntas para realizarem aos seus entrevistados, realizando acréscimos de perguntas no decorrer da entrevista se houver necessidade.</p>
	<p>3) Apresentação dos grupos sobre seus trabalhos. O grupo deverá escolher a melhor forma de apresentar: Se através de cartaz, vídeos, mosaicos e fotografias (livremente). Como falamos muito sobre o protagonismo juvenil durante o Ensino Fundamental e Médio é importante oportunizar aos discentes que sejam responsáveis pela forma mais plausível de socializar.</p>
	<p>4) Apresentação em sala de aula e de acordo com o modo que foi apresentado, definição onde o trabalho deverá ficar exposto.</p>
<p>Registro e avaliação</p>	<p>A avaliação será realizada de forma contínua, monitorando todo o processo e progresso dos alunos em relação à temática, uma vez que, será através da prática que a aprendizagem dar-se-á.</p>
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>GABLER, Jay - Sociologia para leigos. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2015.</p> <p>GONH, Maria da Glória. Sociologia dos Movimentos Sociais - 2. ed - São Paulo: Cortez, 2014.</p> <p>_____. História dos Movimentos e Lutas Sociais - A construção da Cidadania dos Brasileiros - 8. ed - São Paulo: Loyola, 2013.</p> <p>HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2º ed. São Paulo: Centauro, 1990.</p> <p>MOLETTA, Alex - Fazendo cinema na escola: arte audiovisual dentro e fora da sala de aula. São Paulo, SP: Summus, 2014.</p>

	<p>NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas, SP: Papirus, 2005 (Campo Imagético).</p> <p>Projeto didático para a construção de documentários: Uma possibilidade de experiência popular em escolas públicas / Rui G. M. Mesquita (org). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.</p> <p>RAMALHO, José Rodorval - Sociologia para o ensino médio. Petrópolis, RJ: vozes, 2012.</p> <p>ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: autora

4.3.2 Eletiva – Um olhar para os Sertões através do ensino de sociologia

Com a implementação do Novo Ensino Médio a grade curricular que compreende a área de Ciências Humanas e Sociais sofreu uma perda no quantitativo de suas aulas. Tomemos por exemplo a sociologia cujo organizador curricular apresenta apenas duas aulas semanais no segundo ano do Ensino Médio. Assim sendo, o professor desta área precisará encontrar alternativas para manter o estudo sobre os conteúdos.

Uma dessas alternativas encontra-se nas eletivas. Em linhas gerais, as disciplinas eletivas são matérias que os alunos poderão escolher e que fazem ou não parte do itinerário formativo que ele está inserido por livre desígnio. Elas são escolhidas livremente pelo aluno entre as disciplinas obrigatórias. As eletivas oferecem oportunidade de discutir temas atualíssimos e também dão aos alunos oportunidades de criar – seja criação artística, científica, elaboração e realização de projetos sociais, entre outros. Ao propor uma eletiva o professor trabalhará a mesma por um semestre letivo, no outro semestre o aluno deverá optar por outra eletiva.

Assim sendo, ao propor uma eletiva o professor deverá apresentar a mesma para todos os alunos, isso pode acontecer em uma feira de eletivas ou na circulação dos alunos pelos corredores da escola com cartazes que explicam a finalidade de cada uma e o produto final. Sim, nas eletivas e todas elas devem ter um produto final proposto pelo professor, mas que pode ser alterado no decorrer da mesma em parceria com os alunos sem que se perca a proposta pedagógica da mesma. Pensando nisso e como referencial as aulas de ensino de sociologia e

tópicos especiais sobre o sertão no primeiro e segundo semestre letivo do PROFSOCIO. Optei por desenvolver um projeto de eletiva que pode ser vivenciado em toda a região Nordeste com foco em seus Sertões (Quadro 4).

Quadro 4 – Eletiva

ELETIVA – UM OLHAR PARA OS SERTÕES ATRAVÉS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA	
Apresentação	<p>Um olhar para os sertões através do ensino de sociologia pretende levar o debate sobre o Nordeste, e sobre os estereótipos apresentados e propagados nas produções de áudio visuais com olhares de produtores externos ao nosso universo e em seguida, apresentar produções de diretores Nordestinos. Pretende-se combater o preconceito advindo do senso comum, dos estereótipos criados, da visão distorcida sobre o Nordeste Brasileiro, preconceito esse que muitas vezes acaba sendo reproduzido pelos próprios nordestinos.</p> <p>A mesma será vivenciada por um público jovem, discentes do ensino médio, a proposta se faz necessária em meio a carência de uma abordagem mais clara e rica sobre o tema dentro das escolas e a importância do mesmo para o ensino de sociologia. Nessa perspectiva temos como objeto de estudo a filmografia sobre essa região, o intuito se fixa em captar os rótulos apresentados de maneira concreta em algumas dessas obras, expondo o panorama imagético dos olhares de quem é de fora da região, comparando inclusive com a abordagem dos próprios nordestinos sobre esse assunto.</p> <p>Partiremos da construção do imaginário e de que forma o cinema nacional apresenta e perpetua o imaginário brasileiro sobre o Povo Nordestino com ênfase no Sertanejo, seu povo, sua cultura, sua religiosidade e suas representatividades, a partir de diretores (Não Nordestinos) apresentando curtas e longas metragens no decorrer das aulas.</p>

	<p>No segundo momento analisaremos a representação do povo sertanejo nas mídias, com foco na TV e suas reproduções, entre essas análises estaria presente uma reportagem especial do Fantástico. O terceiro momento será marcado pelo olhar sensível de análise sociológica dos diretores Sertanejos entre Uilma Queiroz de O bem virá. Analisando de que forma eles abordam as mesmas temáticas presentes em outros filmes, reportagens entre outros.</p> <p>O quarto momento é dedicado à apresentação da proposta da construção dos produtos que tem por temática intitulada: O meu olhar sobre o Sertão. Esse é o tema geral de apresentação dos trabalhos. Os subtemas serão a critério das equipes. Mas, para isso, faz-se necessário alguns andamentos como: a divisão de equipes, a organização das atividades e a apresentação do produto final. O Nordeste é uma das regiões de maior concentração cultural e representação Nacional. Nós não merecemos ser apresentados para o Brasil apenas pela visão de fome, seca e flagelo.</p>
<p>Justificativa</p>	<p>A perpetuação de um estereótipo de fome, flagelo, situação de miséria e de um ambiente alheio e principalmente inferiorizado ao conjunto das diversidades que compõem o Brasil foram alguns dos motivos que alavancaram a ideia da realização dessa eletiva, assim como a necessidade de contestar e tentar minimizar essa imagem preconceituosa, injusta e inverídica que é quase congênita de outras regiões do nosso país sobre essa a região. Com essa proposta buscaremos colocar em xeque os meandros desses estereótipos de natureza histórica, sociológica, geográfica, política trazendo o núcleo dessa discussão para a sala de aula, instrumentalizando e aguçando o olhar dos alunos para as faces desse problema, mostrando os múltiplos meios de disseminação desse preconceito, focando no viés cinematográfico e midiático.</p>

	<p>Uma das muitas contribuições que o trabalho trará será a de despertar nos alunos um olhar crítico para a proposta de algumas produções sobre o nordeste e a partir disso começarem a não mais apenas assistir e reproduzir os conteúdos desses materiais, mas começarem a “analisar” de forma crítica e consciente os objetivos ocultos das personagens e histórias retratadas, construindo assim um senso de contestação e argumentação, e não apenas de reprodução de uma visão alheia.</p>
Público Alvo	Alunos do segundo ano do Ensino Médio
Sistema	Presencial
Docentes envolvidos	<p>Silmara Ferreira Marques Licenciada em História - Mestranda em Sociologia Mestranda em Sociologia - ProfSocio - UFCG - CDSA - Campus Sumé silmara.ferreira@estudante.ufcg.edu.br - (87) 9.9679-3979 Docentes de história, geografia, sociologia e linguagens</p>
Cronograma de encontros	As duas aulas de eletivas acontecem uma vez por semana, cada aula corresponde a 50 minutos.
PRIMEIRO MOMENTO	
O perigo da história única: A construção do imaginário do Sertão no cinema Nacional	
	<p>O olhar provocativo das narrativas do cinema nacional sobre um retrato do sertão apresenta sempre uma construção pautada em uma única história: Religiosidade por devoção, seca, fome, miséria e violência como elementos centrais de suas obras. Afinal, seria o sertanejo antes de tudo, um forte? Os sujeitos de origem sertaneja são apresentados sempre como um “coitado”, analfabeto, pobre, miserável que precisa deslocar-se em busca de sobrevivência. A literatura, a tv, as mídias e o cinema, apresentam uma narrativa que vende livros, aumenta o ibope e ganha prêmios internacionais. O</p>

	<p>imaginário vai se perpetuando, e com ele os preconceitos vão acelerando na região que hoje denominamos de Nordeste ao passo do perigo de uma construção pautada na narrativa da história única. Este primeiro momento tem a finalidade de perceber de que forma velada ou escancarada o homem e a mulher do Sertão são apresentados para o mundo. (Nesse primeiro momento é previsto um quantitativo de 08/40 aulas).</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Problematizar a construção do imaginário através de uma narrativa única para pensar a representação/concepção do Sertão;</p> <p>Identificar de que forma o Sertão ou sertões são retratados pelas narrativas cinematográficas e as mídias de modo geral;</p> <p>Analisar de que forma os estereótipos sobre os homens e as mulheres do Sertão Nordestino são reproduzidos nas telas e vendidos para o mundo.</p>
<p>Habilidades da área da BNCC</p>	<p>(EM13CHS103) elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).</p> <p>(EM13CHS101) identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.</p> <p>(EM13CHS102) identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução,</p>

	modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
Habilidades específicas dos componentes	<p>(EM13CHS101SOC01PE). Analisar temas, fenômenos e processos sociais, econômicos, políticos e culturais, a partir de concepções clássicas e contemporâneas das Ciências Sociais e da Sociologia, fomentando a imaginação sociológica sobre diferentes narrativas e fontes que explicam a vida social.</p> <p>(EM13CHS102SOC02PE) Analisar criticamente os contextos sociais, políticos, econômicos e culturais de matrizes conceituais advindas da modernidade, suas características e práticas no Brasil e no mundo contemporâneo, reconhecendo o relativismo cultural como crítica ao etnocentrismo.</p>
Objetos de conhecimento	Objetos de estudo da Sociologia: fato social, ação social e classe social, sociedade em rede, processo civilizador. Conceitos e características de sociedade, organização social, instituições sociais, relações de poder, processos sociais, tipos de socialização, comunidade, grupo social, papéis e status sociais, interação social. Identidade cultural e interculturalidade, relações étnico-raciais, movimentos de contracultura. Educação, Cultura e humanização, sistemas simbólicos e valores culturais e ideológicos.
Sequência Didática	
Aula 1	<p>☐ Apresentação da eletiva; No primeiro dia da eletiva é dia de conhecer aqueles e aquelas que optaram participar dela. Para isso nós traremos o clipe da Música Pregação da banda Egipense Encanto em poesia. Mas, traremos também o poema Aos Criticos - Rogaciano Leite.</p>

	<p>Quem foi que disse/ Professor de que matéria/ Que o sertão só tem miséria/ Que só é fome e penar/ Que é a paisagem/ Da caveira duma vaca/ Enfiada numa estaca/ Fazendo a fome chorar. Não pode nunca imaginar/ O som que brota/ Da cantiga de uma grotta/ Quando chuva cai por lá/ O cheiro verde/ Da folha do marmeleiro/ E o amanhecer catingueiro/ No bico no sabiá. Tem mulungu do vermelho/ Mas vivo e puro/ E tem o verde mais seguro/ Que tinge os pés de juá/ A barriguda mostrando/ O branco singelo/ E a força do amarelo/ Na casca do umbu-cajá.</p> <p><input type="checkbox"/> Apresentação do primeiro momento intitulado: O perigo da história única: A construção do imaginário do Sertão no cinema Nacional;</p> <p><input type="checkbox"/> Conversa inicial com os alunos sobre o que é o perigo de uma narrativa. Aqui pode-se também utilizar a entrevista de Chimamanda que se encontra no nosso referencial.</p>
Aula 2	<p><input type="checkbox"/> Exibição do filme 01;</p> <p><input type="checkbox"/> Análise/debate sociológico do mesmo.</p>
Aula 3	<p><input type="checkbox"/> Exibição do filme 02;</p> <p><input type="checkbox"/> Análise/debate sociológico do mesmo;</p>
Aula 4	<p><input type="checkbox"/> Debate sobre a primeira etapa da eletiva</p>

Filmografia	<p>1) O Pagador de Promessas (1962) 91'42'' – Anselmo Duarte. Link: https://www.youtube.com/watch?v=WLqFa-61tkM</p> <p>2) Vidas secas (1963) 99'59'' – Nelson Pereira. Link: https://www.youtube.com/watch?v=m5fsDcFOdwQ</p>
Filmografia complementar	<p>3) O Cangaceiro (1953) 92'31'' – Lima Barreto. Link: https://www.youtube.com/watch?v=JP8mbHVXEEs</p>
SEGUNDO MOMENTO	
A reprodução e perpetuação - O Sertão na TV	
<p>A mesma medida e o mesmo olhar provocativo das narrativas do cinema nacional é utilizado na TV, o retrato do Sertão é reproduzido através de matérias jornalísticas ou especiais para os veículos de comunicação sempre pautando na seca, miséria, fome, doenças, violência é sempre o mesmo enredo, nesta construção acrescenta-se ao final a devoção religiosa e crença do povo sofredor que espera dos céus a resposta e salvação para tudo. Dificilmente, a TV apresenta uma região que aprendeu a conviver com o semiárido ou o conhecimento do homem/mulher do campo. Afinal, o que vende a grande mídia? Essa é a inquietação deste encontro. De que forma somos vendidos para o mundo!</p>	
Objetivos	<p>Identificar quais as temáticas do sertão são escolhidas para serem veiculadas na Televisão Brasileira;</p> <p>Compreender o processo de escolha das temáticas que em sua maioria aborda: violência, fome, miséria;</p> <p>Analisar as motivações das escolhas das referidas temáticas (Seriam denúncias ou financeiras?)</p>
Habilidades da área da BNCC	<p>(EM13CHS101) - Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à</p>

	<p>compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.</p> <p>(EM13CHS102) - Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.</p> <p>(EM13CHS404) - Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.</p>
<p>Habilidades específicas dos componentes</p>	<p>(EM13CHS101SOC01PE) - Analisar temas, fenômenos e processos sociais, econômicos, políticos e culturais, a partir de concepções clássicas e contemporâneas das Ciências Sociais e da Sociologia, fomentando a imaginação sociológica sobre diferentes narrativas e fontes que explicam a vida social.</p> <p>(EM13CHS601SOC12PE) - Refletir sobre exclusão e a inclusão de diferentes segmentos sociais nas políticas de redução de desigualdades e sua relação com os indicadores sociais, econômicos, culturais, educacionais e políticos brasileiros.</p> <p>(EM13CHS201SOC05PE) - Descrever e relacionar o fenômeno da migração contemporânea – espontânea ou em refúgio – no Brasil e no mundo, à questões da realidade social, econômica, política, religiosa e cultural.</p>

	(EM13CHS503SOC11PE) - Compreender as consequências provocadas pelo patriarcalismo, dentre elas a desigualdade entre gêneros e os fenômenos violentos naturalizados nas relações de poder, de forma a desnaturalizar as violências e as estruturas sociais da desigualdade.
Objetos de conhecimento	<p>Conceitos de cultura de massa, consumo e consumismo, relações entre consumo e cidadania. Reprodução cultural, comunicação, informação e ideologia. Repercussões da ciência, tecnologia e inovação no mundo contemporâneo. Indústria cultural no Brasil; meios de comunicação de massa, culturas locais e regionais. Desigualdade social e pobreza nas sociedades contemporâneas. Indicadores sociais, econômicos, culturais, educacionais, políticos da desigualdade e mobilidade social; meritocracia versus desigualdades. Políticas de inclusão e redução de desigualdades no Brasil contemporâneo. Políticas públicas e governamentais de inclusão e redução de desigualdades no Brasil, políticas afirmativas: alcances e limites.</p>
Sequência didática	
Aula 9-10	<input type="checkbox"/> Exibição do filme 01; <input type="checkbox"/> Análise/debate sociológico do mesmo;
Aula 11-12	<input type="checkbox"/> Exibição do filme 01; <input type="checkbox"/> Análise/debate sociológico do mesmo;
Aula 13-14	<input type="checkbox"/> Exibição do globo repórter; <input type="checkbox"/> Análise/debate sociológico do mesmo;
Aula 15-16	<input type="checkbox"/> Debate sobre a segunda etapa da eletiva

Filmografia	<ol style="list-style-type: none"> 1. Viúvas da Seca (1983) 19'11 - Reportagem Rede Globo de Televisão Link: https://www.youtube.com/watch?v=tp0G48qaSBI; 2. Theodorico, o imperador do sertão (1978) 49 ' - Eduardo Coutinho Link: https://www.youtube.com/watch?v=e9O0jn84Asw.
Filmografia complementar	<ol style="list-style-type: none"> 3. Globo Repórter - O Pistoleiro de Serra Talhada (1977) Link: https://www.youtube.com/watch?v=IHmPjqh2h_Y
TERCEIRO MOMENTO	
O olhar dos diretores Sertanejos	
<p>O cinema, a TV e as mídias de modo geral apresentam em sua maioria um Nordeste marcado por violência, fome e miséria. É sempre um Sertão de terra sem lei, em que a concentração do poder encontra-se em algumas figuras despóticas. Uma terra marcada pela falta de água, apesar de possuir um dos maiores reservatórios em seu subsolo. O Sertão que vende midiaticamente é este já apresentado e aqui ressaltado. O mesmo Sertão é visto pelo atento olhar de Uilma Queiroz, Sertaneja Pajeuzeira, nascida na década de 90 do século XXI. Uilma Queiroz, mostrou o mesmo Sertão com todas as mazelas já mencionadas, mas com uma sutileza que só quem convive é capaz de ter. O filme é gravado na época de um sertão verde de farturas nas mesas e água nas cisternas. O Sertão é muito mais que dor e sofrimento, Sertão é sinônimo de resistência e convivência.</p>	
Objetivo	<p>Analisar as narrativas propostas pela diretora, Evidenciando a diversidade de paisagens, sujeitos, memórias no sertão do Pajeú um dos muitos Sertões do Nordeste;</p> <p>Identificar as diferenças existentes nas obras analisadas e o filme o Bem virá;</p> <p>Compreender a importância de apresentar as várias faces de uma mesma região não perpetuando seus estereótipos.</p>

<p>Habilidades da área da BNCC</p>	<p>(EM13CHS101) identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.</p> <p>(EM13CHS404) - Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.</p>
<p>Habilidades específicas dos componentes</p>	<p>(EM13CHS201SOC05PE) Descrever e relacionar o fenômeno da migração contemporânea – espontânea ou em refúgio – no Brasil e no mundo, à questões da realidade social, econômica, política, religiosa e cultural.</p> <p>(EM13CHS304SOC09PE) Relacionar identidades coletivas e Movimentos Sociais, explicitando suas mudanças, interações, ambiguidades e formas de atuação.</p> <p>(EM13CHS503SOC11PE) Compreender as consequências provocadas pelo patriarcalismo, dentre elas a desigualdade entre gêneros e os fenômenos violentos naturalizados nas relações de poder, de forma a desnaturalizar as violências e as estruturas sociais da desigualdade.</p> <p>(EM13CHS601SOC12PE) Refletir sobre exclusão e a inclusão de diferentes segmentos sociais nas políticas de redução de desigualdades e sua relação com os indicadores sociais, econômicos, culturais, educacionais e políticos brasileiros.</p>
<p>Objetos de conhecimento</p>	<p>Meios de comunicação de massa, culturas locais e regionais. Desigualdade social e indicadores sociais, econômicos, culturais,</p>

	educacionais, políticos da desigualdade e mobilidade social; meritocracia versus desigualdades. Políticas de inclusão e redução de desigualdades no Brasil contemporâneo. Políticas públicas e governamentais de inclusão e redução de desigualdades no Brasil, políticas afirmativas: alcances e limites. Relações de poder com as instituições sociais (família, vizinhança, escola, cidade, outras) e sociedade; patriarcalismo. Discursos sobre juventude e discursos das e dos jovens, valores, relações sociais, relações de produção e consumo, lazer e consumo, estilos de vida, participação social e política, organizações juvenis.
Sequência Didática	
Aula 15 e 16	<input type="checkbox"/> Exibição do documentário o Bem virá
Aula 17 e 18	<input type="checkbox"/> Debate e análise sociológica do mesmo
Filmografia	O Bem virá. Documentário, 2020, 80 min, cor. Uilma Queiroz
Aula 19 e 20	Apresentação da proposta dos produtos para culminância.
Produto/ produção	<p>Encerrada os momentos de análise sociológica através do audiovisual é preciso construir o produto para a apresentação final da disciplina. Até aqui foram 20/40 aulas, o que corresponde a metade do tempo da eletiva. As propostas serão:</p> <p style="padding-left: 40px;">1. A produção de um documentário de curta-metragem sobre as memórias de atores sociais da comunidade. Essa primeira equipe elaborará um argumento do documentário, seguido de um roteiro. Para a produção do roteiro eles deverão definir quais serão as pessoas que eles irão entrevistar. Depois de tudo organizado eles realizarão as filmagens. Essa atividade é possível uma vez que, todas as escolas do região do Pajeú (42 no total), participaram de uma palestra sobre</p>

	<p>produção de curta-metragem, seguida de uma oficina de produção no primeiro semestre de 2023.</p> <p>2. Produção de uma exposição fotográfica. Em sala de aula os alunos vão discutir sobre fotografias antigas da Região da Região e sobre o olhar deles e o os espaços que eles pretendem fotografar, para isso, eles realizarão a produção de um projeto incluindo inclusive a sustentabilidade da exposição. De que eles poderão realizar a mesma com o mínimo de recursos possíveis.</p> <p>No total eles terão 20 aulas acompanhadas da docente para elaborar os trâmites e executar o projeto. A culminância acontecerá em dia determinado pela direção da escola.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre As Escolas Radiofônicas do Movimento de Educação de Base e as transformações sociais das populações rurais da Região do Pajeú, em Pernambuco. Muitas memórias vinham ao meu encontro. Recordações de pessoas que me ajudaram a compreender sobre as transformações sociais e que hoje encontra-se em um plano diferente do nosso, a exemplo de seu Antônio Marques dos Santos, que assumiu a primeira presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Afogados da Ingazeira em pleno auge das escolas.

Houveram dúvidas sobre o que deixar escrito neste material de conclusão. Não pela falta de arquivos, entrevistas, ao contrário, ao longo da pesquisa fomos encontrando e armazenando material suficiente para dois ou três trabalhos, o que nos deu trabalho foi escolher o que colocar aqui. Muitas entrevistas inclusive deixamos sem mencionar e utilizaremos elas posteriormente no audiovisual. O certo é que, ainda existe um campo vasto de pesquisa nessa temática nesta região, mas os primeiros passos foram dados. Mas, é preciso ter cuidado ao se trabalhar com as memórias alheias. Ao trabalhar com a memória dessas pessoas tive a oportunidade de revisitar muitos lugares nos quais não se andam com pés.

Este trabalho teve por foco o Sertão do Pajeú Pernambucano, apresentando os seus originários, mostrando as bandeiras de lutas, os desdobramentos, as disparidades e inverdades que foram construídas e apresentadas durante várias décadas. A análise no período proposto, teve como ponto de partida, a localização da área a ser estudada além de desconstruir os discursos, os estereótipos e a errônea representação da maioria dos acontecimentos e realidades que assolaram o Nordeste e seus habitantes. Incluímos dentro da pesquisa a participação da mulher como narradora de suas próprias memórias, a fim de utilizar a memória como fonte de consulta sociológica, que precisa ser analisada e valorizada, democratizando e dando abertura para novas possibilidades do fazer sociológico.

Depositamos aqui uma pequena construção de pesquisas e memórias e conosco ficam pesquisas e outras memórias que muito em breve vamos usar em outros processos para outras atividades não acadêmicas. A parte acadêmica dessa mestranda encerra-se aqui com esse trabalho. O pouco que sabemos sobre a grandiosidade deste movimento ainda é pouco, ainda

há muito o que construir e vamos incentivar as pesquisas nesta área enquanto ainda temos pessoas dispostas a construir e colaborar com suas memórias.

Arriscamos aqui a dizer que, sem a constituição da Diocese não teríamos da Rádio, logo sem a existência da Rádio Pajeú de Educação Popular nada disso seria possível, pois para o Movimento se fazer presente nas comunidades era preciso o meio e o rádio é esse ponto de ligação e convergência, ele é o meio. Foi através das suas ondas que a educação se fez presente nos lugares mais longínquos.

Sem as monitoras as escolas radiofônicas e o MEB não existiriam, era preciso que alguém fosse a ponte entre a voz que saia daquele pequeno aparelho e os alunos, alguém que pudesse mediar o conhecimento, dar luz aos significantes e significados, as monitoras ou professoras como muito bem nos disse dona Rita Vasconcelos foram essa presença da igreja em todos os lugares. Pensando assim, sem os supervisores também não seria possível o movimento, eram eles responsáveis pelo material, pelas formações, acompanhamentos e melhorias no decorrer do projeto.

Agora uma coisa é certa, se não houvessem analfabetos não existiria, não haveria necessidade de escolas radiofônicas e ou se houvesse em cada comunidade uma escola não existiria nada do que até agora expomos e nós não teríamos um objeto de estudo. A escola só passou a existir devido a demanda e o quantitativo de alunos.

Observando o percurso que nos trouxe até o MEB e as escolas radiofônicas podemos também dizer que, se não fosse a reunião dos bispos em Campina Grande em 1956 e a preocupação com a “massa pobre e analfabeta” como nos diz Dom Sales (1963), nada disso teria acontecido, nós não seríamos frutos de todas as transformações sociológicas existentes no Pajeú Pernambucano.

Como foi possível visualizar no decorrer de todo o trabalho, muitos desses alunos tornaram-se sindicalistas ou acabaram por adentrar na política partidária. Muitos tornaram-se intelectuais orgânicos como Gramsci definiu no livro cadernos do cárcere. O intelectual orgânico seria aquele (a) que provém de sua classe social de origem e a ela mantém-se vinculado ao atuar como porta-voz da ideologia e interesse de classe. Muitos não sabiam o que era luta de

classes, aliás, havia um conformismo em dizer que “foi Deus quem quis assim” Não, ele não quis! E foi isso que a nossa região mostrou. É através da educação que as mudanças acontecem até hoje.

O Pajeú como é conhecido, é uma região diferenciada, pois o nível de conscientização da mesma é elevado graças ao Movimento de Educação de Base e as escolas radiofônicas, aliada neste processo. Que preparou o terreno que deu início a criação dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, este por sua vez foi um desejo da Igreja Católica para combater e não deixar espalhar as ondas do desconhecido. Leia-se: Ligas Camponesas.

As escolas chegam ao fim e abre-se um novo começo, o Sindicalismo, foi a partir destes encontros em que muito debateu-se sobre cooperativismos, sindicalismo, associações, entre outros. Que passaram a surgir as associações, a primeira cooperativa e os sindicatos e mesmo com a ditadura em curso eles permaneceram. Foi a partir destes sindicalistas que iniciaram nas Comunidades Rurais as CEB's, as mobilizações sociais em tempos de seca para alistamento de mulheres e jovens a partir dos 14 anos, os projetos sociais escritos para conviver com a seca (casa de farinha comunitária, engenhos, criação de cabras entre outros). As mobilizações para a indenização dos desabrigados pelas barragens, os atos em prol de uma reforma agrária e até a participação na mobilização para constituinte.

As transformações também vão ocorrer a partir das primeiras organizações de mulheres. Porque “mulher também é gente” (Diocese de Afogados da Ingazeira, 2011, pág. 12). Tudo só foi possível em razão das escolas radiofônicas e o MEB. Sem a educação e o olhar de Dom Francisco na defesa do Sertanejo, na busca de melhorias para qualidade de vida de todos, não podemos mensurar o que teria acontecido.

Nos últimos 10 anos o Sertão do Pajeú, as transformações sociais, a Igreja Católica, Dom Francisco e seus feitos têm sido meu objeto de estudo. Já não consigo identificar originalmente de quem são as memórias, se das mais de 40 pessoas que entrevistei ao longo de uma década, indo em lugares de difícil acesso, ou se elas originalmente são minhas. Mas hoje, nesse momento, a mim pertencem todas elas e toda vez que delas eu fizer uso e externá-las a outros pertencerão e eles farão parte desse processo.

E de memória em memória às transformações vai ganhando o seu espaço e de geração em geração haverá continuidade na luta e na defesa dos direitos de todos (as) por melhores condições de vida. Nós continuaremos sendo a resistência! Eu sou porque somos. Somos os filhos, netos e bisnetos daqueles que resolveram quebrar as amarras do sistema da forma mais essencial, que foi a busca do conhecimento através da educação de base. Aprendemos desde pequenos que a única coisa que não podem roubar de você é o conhecimento, por isso ele é tão perigoso. Ele é capaz de modificar a vida do sujeito. Capaz de gradualmente transformar a sociedade na qual estamos inseridos. O Pajeú respira sociologia. Nós respiramos e vivemos hoje os frutos das transformações sociais que iniciaram com os nossos bisavós, avós, pais, familiares.

Eles foram a resistência, somos o refrão da música⁴⁷:

*“Cantai mesmo que o pranto teime em abafar a voz
Vivei as multidões quando vos encontrardes sós.
Buscai, ousai ser laço forte em meio a tantos nós,
Gritai quando o silêncio ameaçar falar por vós”.*

E nós gritamos! Porque aprendemos com eles, com os nossos ancestrais!

⁴⁷ Pregação de Encanto e poesia <https://www.youtube.com/watch?v=m01rAjsxKXI>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Palestra proferida no TED Taks em 2009. 18min43. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em 20 de agosto de 2023.

ALMEIDA, Ana Lúcia. 79 anos. Entrevista concedida em sua residência em Afogados da Ingazeira - PE em 15 de Junho de 2023. Captação em gravador de áudio do smartphone da entrevistadora.

ANDRADE, Eliane Ribeiro. **A educação de jovens e adultos e os jovens do “último turno”:** produzindo outsiders. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro-RJ, 2004.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Lutas camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1986.

ANTUNES, Paulo. **A trajetória do sindicalismo:** uma análise da história, conceitos e as perspectivas sindicais. / Paulo Antunes e Pedro Carlos de Carvalho Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.) AQUINO, Rubim Santos Leão de, MENDES, Francisco Roberval e

AQUINO, Rubim Santos Leão de, MENDES, Francisco Roberval e BOUCINHAS, André Dutra. **Pernambuco em chamas;** revoltas e revoluções em Pernambuco. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2009.

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília – DF, 1996.

BATISTA, D. F.; NUNES, J. V. **O uso de documentários como ferramenta didática no ensino de biblioteconomia**. Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação, v. 5, n. 2, p. 47-62, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/109400>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BEISIEGEL, Celso de Rui (1974). **Estado e educação popular;** um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Pioneira .

BEZERRA, C. Luciano. **Relembrações**. Afogados da Ingazeira: Gráfica Art” Equipe, 2008.

BEZERRA. Antônio Orlando 61 anos. Entrevista concedida à autora em 10 de fevereiro de 2012. Captação em gravador de áudio do smartphone da entrevistadora.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo – edições Loyola, 1983.

_____. **Educação Popular na Escola Cidadã**. Vozes, Petrópolis, 2000.

_____. **Paulo Freire - o menino que lia o mundo**. Editora da Unesp, São Paulo, 2005.

BROCCOLI, Ângelo. **Antonio Gramsci y la educación como hegemonia**. México Nueva Imagen, 1977.

BISOL, Egídio. 76 anos. Entrevista concedida Cúria diocesana em Afogados da Ingazeira-PE em 14 de Julho de 2022. Gravação audiovisual para o documentário em andamento sobre as memórias das escolas radiofônicas no Pajeú.

COSTA, João Ribas da (1956). **Educação fundamental pelo rádio; alfabetização de adultos e cultura popular por meio de sistema radiofônicos e recepção organizada**. São Paulo, s. n.

COELHO, Germano (1927). **MPC: história do Movimento de Cultura Popular**. Recife: Ed. Do autor, 2012.

COMPÊNDIO do Vaticano II – Constituições Decretos Declarações. Petrópolis: Vozes, 1997.

CORTEZ, Lucili Grangeiro. **O drama barroco dos exilados do Nordeste**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Dom Eugênio Sales: **Fé e Política** / Safira Bezerra Amman. Marcos José de Castro Guerra. Otto de Santana (organizadores). – Natal. RN: EDUFRN, 2015.

DIOCESE DE AFOGADOS DA INGAZEIRA. Livro de Tombo 1960. Afogados da Ingazeira: 2022.

_____. Livro de Tombo 1961. Afogados da Ingazeira: 2022.

_____. Livro de Tombo 1962. Afogados da Ingazeira: 2022.

_____. Livro de Tombo 1963. Afogados da Ingazeira: 2022.

_____. Livro de Tombo 1964. Afogados da Ingazeira: 2022.

_____. Livro de Tombo 1965. Afogados da Ingazeira: 2022.

_____. Livro de Tombo 1981. Afogados da Ingazeira: 2022.

_____. Livro de Tombo 1982. Afogados da Ingazeira: 2022.

_____. Livro de Tombo 1983. Afogados da Ingazeira: 2022.

_____. Livro de Tombo 1984. Afogados da Ingazeira: 2022.

DIOCESE DE AFOGADOS DA INGAZEIRA. **Memórias fecundas**. 1. ed. Afogados da Ingazeira: Gráfica Asa Branca, 2011.

Escolas radiofônicas de Natal: uma história construída por muitos (1959 – 1966) / Maria Araújo Duarte de Carvalho – (et al); Marlúcia Menezes de Paiva (Org.). – Brasília: Liber livro Editora, 2009.

FÁVERO, Osmar. “**MEB- Movimento de Educação de Base. Primeiros tempos:1961-1966.**” In V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, Évora, Portugal,2004.

Ferraro, A. R. (2019). **Igreja e desenvolvimento: o Movimento de Natal** (R. A. Peixoto, org.) (2nd ed. rev. e ampl.). Natal, RN: Jovens Escribas.

_____. **Uma pedagogia da participação popular; análise da prática pedagógica do MEB Movimento de Educação de Base, 1961-1966.** Campinas: Autores Associados, 2006.

FETAPE. **4 Décadas de luta.** Recife: Editora Bagaço, 2006.

FILHO, Nivaldo Alves Galindo 50 anos. Entrevista concedida à autora em 15 de agosto de 2023. Captação em gravador de áudio do smartphone da entrevistadora.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas.** São Paulo: Editora Ática, 2003.

GABLER, Jay. **Sociologia para leigos.** Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni di Cárcere.** Roma: Instituto Gramsci, 1978.

_____. **Obras Escolhidas.** Tradução Manuel Cruz.São Paulo: Martins Fontes, 1978

GILIOLI, R. S. P. **Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de radioescola em Roquette-Pinto.** 2008. 409p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GONH, Maria da Glória. **Sociologia dos Movimentos Sociais - 2. ed -** São Paulo: Cortez, 2014.

_____. **História dos Movimentos e Lutas Sociais - A construção da Cidadania dos Brasileiros - 8. ed -** São Paulo: Loyola, 2013.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013 - Brasil.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil.** Brasília: Plano, 2002. (Pesquisa em Educação, v. 1).

GONZALEZ, Jeferson Anibal. **Cultura, educação popular e transformação social: as formulações do MEB e do CPC entre 1961 e 1964.** Jundiáí, Paco editorial, 2014.

JERÔNIMO, Manoel. **Cúmplice da Natureza.** 1. ed. Fortaleza: Conhecimento Editora, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-colonialidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2º ed. São Paulo: Centauro, 1990.

LIMA, Maria do Socorro Abreu e. **Construindo o sindicalismo rural; lutas, partidos, projetos**. Recife: Editora Universitária da UFPE/Editora Oito de Março, 1995.

LEITE, Rita Josefa Vasconcelos. 74 anos. Entrevista concedida Cúria diocesana em Afogados da Ingazeira-PE em 18 de abril de 2022. Gravação audiovisual para o documentário em andamento sobre as memórias das escolas radiofônicas no Pajeú.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MAGER, Juliana Muylaert. **Jogo em Cena: História, memória e testemunho no documentário de Eduardo Coutinho**. 1º ed. São Paulo: Alameda, 2020.

MARQUES, Maria de Lourdes. 80 anos. Entrevista concedida em plataforma digital Palmares – PE. Julho de 2023. Gravação audiovisual para o documentário em andamento sobre as memórias das escolas radiofônicas no Pajeú.

MARQUES, Silmara Ferreira. **A gênese do Sindicalismo do Polo Pajeú Protagonismo de Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho**. Trabalho de Conclusão de Especialização em Fé e Política – CEFEP- pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO. 2011.

_____. **A simbiose entre fé e política no sertão do Pajeú: a diocese de Afogados da Ingazeira na construção do sindicalismo rural**. Monografia (Graduação). Autarquia Educacional de Afogados da Ingazeira-AEDAI. Faculdade de Formação de Professores de Afogados Da Ingazeira-FAFOPAI. Departamento de Graduação e Pós-Graduação em História. Afogados da Ingazeira-PE, 2015.

MARTINS, Augusto Severo 60 anos. Entrevista concedida à autora em 24 de agosto de 2023. Captação em gravador de áudio do smartphone da entrevistadora.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 9. Ed. 4º reimpressão – São Paulo: Contexto, 2021.

MATTOS, Carlos Alberto. **Sete faces de Eduardo Coutinho**. 1º ed. São Paulo: Boitempo: Itaú cultural: Moreira Salles, 2019.

MATTAR, J. **Guia da Educação a distância**. São Paulo: Cenpage Learning, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**. Tradução de Sérgio Bath. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Revista cultural La Laguna Espanha, 2012. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>. Acesso em: 31/08/2023.

NUNES. Josenildo 51 anos. Entrevista concedida à autora em 18 de agosto de 2023. Captação em gravador de áudio do smartphone da entrevistadora.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos** -5ª edição - São Paulo - Edições Loyola – Ibrades – 1987.

PAGE, Joseph. **A Revolução que nunca houve: o Nordeste do Brasil (1955-1964)**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1972.

PALMEIRA, Alessandro. **Dom Francisco: O profeta do sertão**. Afogados da Ingazeira, Asa Branca 2009.

PATRIOTA. José Coimbra. 62 anos. Entrevista concedida à autora em 19 de agosto de 2023. Captação em gravador de áudio do smartphone da entrevistadora.

PRETTO. Nelson de Luca. **Do MEB à WEB: o rádio na educação**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

QUEIROZ SILVA, Uilma Maíra. **A esperança que o Benvirá: História dos movimentos contra as desigualdades Sociais e de Gênero no Sertão do Pajeú – 1979 a 1983**. Monografia (Especialização). Autarquia Educacional de Afogados da Ingazeira-AEDAI Faculdade de Formação de Professores de Afogados da Ingazeira-FAFOPAI atual Faculdade do Sertão do Pajeú-FASP. Departamento de Graduação e Pós-Graduação em História. Afogados da Ingazeira-PE, 2014

RÁDIO PAJEÚ. **A história da Rádio Pajeú, a pioneira do sertão pernambucano**. Afogados da Ingazeira: Companhia Editora de Pernambuco, 2011.

RAPOSO, Maria da Conceição Brenha. **Movimento de Educação de Base: discurso e prática (1961-1967)**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão e Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, 1985.

RAMALHO, José Rodorval. **Sociologia para o ensino médio**. Petrópolis, RJ: vozes, 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Colaboradores José Augusto de Souza Peres. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, D. J. V., org. **Declaração dos Bispos do Nordeste**. In: Sob os signos da Esperança e da responsabilidade social: anais do I e II Encontros dos Bispos do Nordeste (Campina Grande, 1956 | Natal, 1959) [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 85-119.

SÁ, Antonio Fernando de Araújo. **O cangaço nas batalhas da memória**. *Correio de Sergipe Especial* (Memórias de Sergipe). Fascículo 6 (Política). Aracaju, 10 de agosto de 2003, p. 15-17.

SANTOS, M. L. L. **Educação de jovens e adultos: marcas da violência na produção poética.** Passo Fundo: UPF, 2003.

SANTOS, José Javas Feitosa. **Memórias Secas: Relatos sobre a estiagem na região do Pajeú pernambucano (1970-1985).** Monografia (Especialização). Autarquia Educacional de Afogados da Ingazeira-AEDAI. Faculdade de Formação de Professores de Afogados Da Ingazeira-FAFOPAI. Departamento de Graduação e Pós-Graduação em História. Afogados da Ingazeira-PE, 2015. Contato do autor: zejavas91@gmail.com

SANTOS COSTA, IRANEIDSON OS BISPOS NORDESTINOS E A CRIAÇÃO DA CNBB **Interações: Cultura e Comunidade**, vol. 9, núm. 15, enero-junio, 2014, pp. 109-143.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo Brasileiro.** 1º edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Francisca de Sousa. 79 anos. Entrevista concedida em sua residência em Afogados da Ingazeira-PE em 06 de fevereiro de 2022. Gravação audiovisual para o documentário em andamento sobre as memórias das escolas radiofônicas no Pajeú.

SILVA, Maria Neuza Acioly. 76 anos. Entrevista concedida no Sítio Desterro – Jabitacá – Iguaracy - PE em 20 de março de 2023. Gravação audiovisual para o documentário em andamento sobre as memórias das escolas radiofônicas no Pajeú.

SILVA, Uilma Maíra Queiroz. **“Mulher também é gente”:** o Benvirá e a emergência de novos sujeitos políticos em Afogados da Ingazeira, sertão do Pajeú – PE, entre 1983-1987/ Uilma Maíra Queiroz Silva. – 2020.

SOUZA, Cláudia Moraes de. **Pelas ondas do rádio: cultura popular, camponeses e o rádio nos anos 1960.** 1. Ed. São Paulo: Alameda, 2013.

TEIXEIRA, J. de F. **Mente, cérebro e cognição.** Petrópolis: Vozes, (2000).

TULVING, E. Episodic memory: from mind to brain. **Annual Review of Psychology.** p. 1-25. (2002).

VANZELLA, José Adalberto. **Protagonismo do leigo na Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2005.

VIGIL, José Maria. **Descer da cruz os pobres: Cristologia da libertação.** São Paulo: Editora Paulinas, 2007.

WANDERLEY, Luís Eduardo. **Educar para transformar: Educação Popular, Igreja Católica e político no Movimento de Educação de Base.** Petrópolis. Vozes, Rio de Janeiro, 1984.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Documentários:

Documentário 70 anos do SAR <https://www.youtube.com/watch?v=uQq0As5SfLI&t=6s> acessado em 02 de maio de 2022.

Filmografia:

Auto da Compadecida 1h' 44 minutos. (2000), Guel Arraes.

Em Nome da América (2017) 1h' 36 minutos. Fernando Weller

Narradores de Javé 1h' 40 minutos (2003), Eliane Caffé

O Bemvirá (2021) 1h' 20 minutos. Uilma Queiroz

Sites consultados:

<https://www.correiobraziliense.com.br> acessado em 10 de julho de 2023

<https://www.vaticano.com.br> acessado em 12 de julho de 2023

<https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/miguel-arraes-de-alencar-1916-2005> acessado em 25 de julho de 2023

<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/391otribunal> acessado em 25 de julho de 2023

<https://www.cultura.df.gov.br/lei-paulo-gustavo/> acessado em 25 de julho de 2023

<https://www.cultura.pe.gov.br/pagina/funcultura/sobre/introducao-ao-funcultura/> acessado em 25 de julho de 2023

<https://conceitos.com/enciclica-papal/> acessado em 28 de julho de 2023

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1

Perguntas realizadas para as alunas:

CONTATO INICIAL:

Sempre iniciamos perguntando sobre o nome, a idade, a escolaridade, sobre a vida particular como esposo, filhos, netos, situações que possam deixar nossa entrevistada confortável, etc. Quando analisamos que a pessoa se encontra confortável com nossa presença, nesse momento iniciamos perguntando sobre o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas. Ressaltamos que, a entrevista é semiestruturada o que permite que outras perguntas possam ser elencadas no decorrer da mesma.

TEMÁTICA PRINCIPAL: Movimento de Educação de Base e Escolas Radiofônicas

1. Quando e como o ensino através do rádio (Movimento de Educação de Base e as escolas radiofônicas) chegou na Comunidade?
2. Como eram realizadas as aulas?
3. Como era a sala e de que forma vocês se organizavam no espaço?
4. Quais as temáticas eram discutidas na aula?
5. Como as monitoras realizavam as aulas?
6. Tinha algum material didático?
7. De que forma os alunos ficaram sabendo que haviam avançado no ensino?
8. Como ocorria se acontecesse que alguém ficasse doente na comunidade, o que era feito?
9. A senhora lembra/recorda o nome de mais alunos da sua época?
10. Havia encontro de alunos para troca de experiência?
11. Qual o local dos encontros?
12. O que acontecia se alguém ficasse doente na comunidade, o que era feito?
13. Qual a diferença entre a década de 60 e o hoje, a senhora poderia me dizer quais as melhorias e quando elas começaram ou não houveram melhorias?

13. Porque as escolas fecharam?

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2

Perguntas realizadas para as monitoras:

CONTATO INICIAL:

Sempre iniciamos perguntando sobre o nome, a idade, a escolaridade, sobre a vida particular como esposo, filhos, netos, situações que possam deixar nossa entrevistada confortável, etc. Quando analisamos que a pessoa se encontra confortável com nossa presença, nesse momento iniciamos perguntando sobre o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas. Ressaltamos que, a entrevista é semiestruturada o que permite que outras perguntas possam ser elencadas no decorrer da mesma.

TEMÁTICA PRINCIPAL: Movimento de Educação de Base e Escolas Radiofônicas

Perguntas realizadas para as alunas:

1. Como a senhora ficou sabendo do Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas?
2. Quem lhe convidou para ser monitora?
3. Que idade a senhora tinha quando começou na monitoria?
4. Porque a senhora foi convidada para ser monitora?
5. Qual o nome da comunidade em que a senhora foi monitora?
6. A senhora lembra/recorda quem fazia parte da sua turma (nome dos alunos)?
7. Como era a sala e de que forma vocês se organizavam no espaço?
8. Quantos alunos?
09. Quanto tempo durava a aula?
10. O que era ensinado e como era ensinado?
11. Qual o material utilizado e quem entregava esse material às monitoras?
12. Se houvesse uma pergunta que a senhora não soubesse explicar o que a senhora fazia?

13. Tinha alguém para ajudar na assessoria?
14. A senhora lembra/recorda o nome de mais monitoras (es)?
15. Havia encontro de monitores?
16. Como eram realizados esses encontros?
17. Qual o local dos encontros?
18. Havia monitores homens?
19. Como a senhora definiria o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas?
20. Porque as escolas fecharam?

ROTEIRO DE ENTREVISTA 3

Perguntas realizadas para a coordenadora:

CONTATO INICIAL:

Sempre iniciamos perguntando sobre o nome, a idade, a escolaridade, sobre a vida particular como esposo, filhos, netos, situações que possam deixar nossa entrevistada confortável, etc. Quando analisamos que a pessoa se encontra confortável com nossa presença, nesse momento iniciamos perguntando sobre o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas. Ressaltamos que, a entrevista é semiestruturada o que permite que outras perguntas possam ser elencadas no decorrer da mesma.

TEMÁTICA PRINCIPAL: Movimento de Educação de Base, Escolas Radiofônicas e organização das mesmas

Perguntas realizadas para as coordenadoras:

1. A senhora poderia contextualizar como era na década de 60 do século XXI?
 - a. A população era mais rural ou urbana?
 - b. Qual a fonte de recursos das famílias?
 - c. Havia muitos analfabetos?
2. Quem lhe convidou para as atividades do MEB e das Escolas Radiofônicas?

3. Que idade a senhora tinha quando começou os trabalhos na equipe?
4. Qual a função que cada um desempenhava na equipe?
5. Quantas comunidades no total foram atendidas pelo movimento?
6. A senhora lembra/recorda nome de monitoras?
7. Havia algum monitor do sexo masculino?
8. Me fale sobre como essas monitoras (os) eram escolhidas?
09. O que era ensinado?
10. Havia material didático?
11. Como vocês realizavam o monitoramento das escolas?
12. Qual a duração do MEB e das escolas radiofônicas na diocese?
13. Havia encontros com essas monitoras (es)?
17. O que eram trabalhados nesses encontros?
18. Como a senhora definiria o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas?
19. Porque as escolas fecharam?

ROTEIRO DE ENTREVISTA 4

Perguntas realizadas ao bispo

TEMÁTICA PRINCIPAL: O desenvolvimento da Região do Pajeú Pernambucano pós Movimento de Educação de Base e Escolas Radiofônicas.

CONTATO INICIAL:

Conversa sobre a razão da vinda dele da Itália para missão no Sertão do Pajeú Pernambucano. Dom Egídio, o senhor chega a Diocese de Afogados da Ingazeira em 1972, somos cientes que o MEB vai de 1961-1964 quando deu-se o golpe da ditadura civil militar. Mas, existe nas ciências sociais e humanas a chamada memória coletiva, que em outras palavras são as memórias que adquirimos baseadas no que ouvimos de um determinado assunto.

Entretanto, antes de começarmos a nossa entrevista na temática gostaria que o senhor contextualiza-se sobre a sua chegada ao Pajeú.

2. Quando o senhor chega ao Pajeú o que o senhor encontra na Região, quais são os projetos em andamento, o que a Igreja Particular do Pajeú vem realizando para minimizar o sofrimento do sertanejo?
3. Quando a diocese iniciou-se em 1958 contava com 6 padres até meados da década de 60 do século passado. Dom Egídio vem para pastoreio na Diocese de Afogados da Ingazeira para auxiliar. Quantos padres tinha na sua chegada à Diocese?
4. O senhor recorda de em algum momento ouvir falar sobre o Movimento de Educação de Base?
5. O senhor poderia nos falar sobre o analfabetismo e qual a participação do poder público e da igreja para minimizar?
6. O senhor chega na efervescência do processo de criação dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais da Região do Pajeú, o senhor chegou a participar da criação de algum sindicato?
 1. Como dava-se esse processo?
 2. Onde e de que forma realizava-se as reuniões?
7. Segundo alguns relatos, alguns trabalhos que realizei leitura e o próprio livro de tombo houveram no Pajeú alguns focos de repressão por parte dos militares. O que o senhor pode nos dizer sobre essa vivência? Algum episódio particular que recorde?
8. Em meados da década de 80 do século XX iniciou-se o Processo de redemocratização do país, uma nova abertura política, novos caminhos, de que modo a igreja do Pajeú se fez presente neste processo?
9. De que forma o senhor analisa hoje a importância da rádio Pajeú de educação popular?

ROTEIRO DE ENTREVISTA 5

Perguntas realizadas para o quarto grupo: Historiadores, padres, jornalista e deputado sindicalista.

CONTATO INICIAL:

Sempre iniciamos perguntando sobre o nome, a idade, a escolaridade, sobre a vida particular da pessoa ou abordando algo comum entre o entrevistador e o entrevistado. Ressaltamos que, a entrevista é semiestruturada o que permite que outras perguntas possam ser elencadas no decorrer da mesma e que não necessariamente faremos uso da mesma no trabalho. Podemos por exemplo, usar apenas um questionamento de todo o roteiro para justificar nossa escrita.

TEMÁTICA PRINCIPAL: Contextualização da Região do Pajeú pós Movimento de Educação de Base e Escolas Radiofônicas.

1. Seu nome - data de nascimento - localidade em que nasceu - uma mini biografia.
2. O senhor recorda de em algum momento ouvir falar sobre o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas?
3. O senhor poderia contextualizar como era na década de 60/70 do século XX?
 - a. A população era mais rural ou urbana?
 - b. Qual a fonte de recursos das famílias?
 - c. Havia muitos analfabetos?
4. Qual a importância da Rádio Pajeú de Educação Popular para região do Pajeú Pernambucano?
5. Quais são as transformações sociais que ocorrem no Pajeú que são frutos das escolas radiofônicas?
6. Qual a importância da Igreja particular do Pajeú para as transformações sociais da Região do Pajeú?